

JESSIE PENN-LEWIS



A
CRUZ
DO
CALVÁRIO

Como entender
a obra da Cruz
de Cristo

JESSIE PENN-LEWIS



A
CRUZ
DO
CALVÁRIO

Como entender
a obra da Cruz
de Cristo

THE CROSS OF CALVARY

First published 1935

This edition 1965

Bethany Fellowship Inc.

Minneapolis, Minnesota

A CRUZ DO CALVÁRIO

Copyright 2022

Editora Restauração

Tradução

João Alfredo F. Barros

Revisão

Paulo César de Oliveira

Capa

Editora Restauração

*Todas as citações bíblicas, salvo onde indicado, foram
extraídas da Versão Revista e Atualizada de João
Ferreira de Almeida.*

Sumário

CAPÍTULO 1	
O Calvário e a Cruz Prenunciada	1
CAPÍTULO 2	
A Cruz Interpretada pelo Cristo Ascendido	19
CAPÍTULO 3	
A Dupla Mensagem da Cruz.....	33
CAPÍTULO 4	
A Cruz e a Lei.....	45
CAPÍTULO 5	
Crucificado com Cristo.....	57
CAPÍTULO 6	
A Cruz e o Cristo Vivo.....	65
CAPÍTULO 7	
A Cruz e o Espírito Santo	79
CAPÍTULO 8	
O Lado da Vida da Cruz	91
CAPÍTULO 9	
Crucificado para o Mundo.....	105

CAPÍTULO 10	
A Cruz e os Poderes das Trevas	119
CAPÍTULO 11	
A Cruz e sua Continuidade	137
CAPÍTULO 12	
O Chamado para a Cruz.....	151
CAPÍTULO 13	
A Pregação da Cruz	167
CAPÍTULO 14	
O Cordeiro no Meio do Trono	181

CAPÍTULO 1

“Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (Jo 1.29)

O Calvário e a Cruz Prenunciada

“Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, ali o crucificaram [...]” (Lc 23.33)

A hora tinha chegado! O Cordeiro morto antes da fundação do mundo estava agora para ser morto diante dos olhos do mundo. “[...] porque verdadeiramente se juntaram [...] Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e gente de Israel, para fazerem tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram [...]” (At 4.27-28).

Por lições ilustradas e vozes proféticas, durante os séculos anteriores, Deus havia predito essa hora terrível; e Ele tem dirigido o mundo de volta a ela por mais de dois mil anos.

O Calvário – que significa “A Caveira” – é o próprio pivô da história do mundo. Todas as coisas anteriores apontavam para ele; e todas as coisas subsequentes apontam de volta para ele. Mesmo o futuro repousa sobre ele, pois os redimidos no céu o encontram no centro do céu, enquanto contemplam um Cordeiro no meio do trono, “de pé, como se tivesse sido morto”.

Setecentos anos antes que o Homem Cristo Jesus fosse conduzido ao lugar chamado Calvário, um profeta inspirado por Deus prenunciou a cruz e deu tal imagem do Salvador do mundo que ninguém, a não ser corações cegos, poderia deixar de reconhecê-lo quando Ele veio à Terra – Deus manifestado em carne.

Por meio do profeta Isaías, o Espírito de Deus derramou uma torrente de luz sobre o Calvário, retratando o caminho para a cruz, seu sacrifício expiatório, seus sofrimentos e seus frutos – assim todos os que conheciam os ensinamentos do livro de Isaías não tinham desculpa quando crucificaram o Senhor da glória.

A profecia de Isaías deixa claro que Cristo foi “entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus” (At 2.23), pois Deus “cumpriu o que dantes anunciara por boca de todos os profetas: que o seu Cristo havia de padecer” (At 3.18). E quando no Calvário “os homens sem lei crucificaram e mataram” o “Príncipe da Vida”, os

governantes de Israel cumpriram as previsões dos profetas que liam todos os sábados, “condenando-O”.

O Prenunciado Cordeiro de Deus (Is 53.1-3)

“Não tinha aparência nem formosura [...]”

“Nenhuma beleza havia que nos agradasse [...]”

“Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens [...]”

“Homem de dores e que sabe o que é padecer [...]”

“Como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado [...]”

“Quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do Senhor?” (Is 53.1) clama o profeta, que relatou o que tinha ouvido de Deus. Mas a mensagem, ou relato, estava tão além de todo o pensamento humano, tão contrária a todas as ideias humanas, que ele se pergunta a quem a revelação será dada. Pois foi revelado aos antigos mensageiros de Deus que quando eles deram “de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam” (1 Pe 1.11-12), estavam ministrando àqueles que, em anos posteriores, iriam ouvir a mensagem da cruz. E o apóstolo Pedro escreve que o

próprio Espírito de Cristo estava nos profetas, testemunhando os sofrimentos que viriam a Ele na Terra.

Isaías prevê os questionamentos que encheriam a mente dos seres humanos ao ouvirem a maravilhosa história do que lhe foi contado por Deus setecentos anos antes de acontecer. “Quem creu?” e “a quem” é revelado?, ele questiona, enquanto descreve o Cristo subindo diante do Pai “como renovo perante ele e como raiz de uma terra seca”. Muito precioso para Deus deve ter sido o renovo – o Tronco que “daria frutos” (Is 11.1). Porque Israel, a videira escolhida, a planta de Seu deleite (Is 5.7), havia desapontado o Agricultor celestial, e Sua querida vinha havia se tornado solo seco. Mas aqui estava o Renovo de uma linhagem em Israel que daria o fruto que o Pai queria, embora aos olhos humanos não houvesse “nenhuma formosura nem beleza”, nenhuma beleza que os levasse a desejá-lo.

Aquele que era a planta preciosa e terna para o Pai seria desprezado pelos seres humanos. Ele seria um “homem de dores e que sabe o que é padecer”; por isso eles poderiam rejeitá-lo e abandoná-lo, pois o sofrimento e a tristeza não são atraentes para as pessoas.

Para o Senhor, Seu Servo Justo seria “exaltado e elevado”, até mesmo “mui sublime”, mas para os seres humanos Ele seria como alguém de quem eles esconderiam seus rostos com espanto, pois Seu rosto e Sua forma

seriam desfigurados “mais do que a dos outros filhos dos homens” (Is 52.14).

Como o rosto do Santo de Deus deve ter sido manchado por Sua coroa de espinhos! Como a forma de Seu corpo santo deve ter sido dilacerada pela flagelação dos soldados! – “pois os flagelos foram feitos por centenas de tiras de couro, cada uma armada na ponta com um gancho ósseo angular ou um cubo de gume afiado”¹.

“Olhe para aquela coluna, enegrecida pelo sangue de assassinos e rebeldes [...]. Olhe para os seres rudes e bárbaros que rodeiam ativamente sua vítima.” Veja-os “rasgarem Suas roupas, amarrar Suas mãos [...], pressionar firmemente Seu gracioso rosto contra a vergonhosa coluna”, amarrando-O “com cordas de tal maneira que Ele não possa Se mover ou se agitar”. Veja! Toda a dura flagelação por quinze minutos! Os flagelos cortam cada vez mais profundamente as feridas já feitas e penetram quase até a medula até que “Suas costas pareçam uma enorme ferida”². Um manto escarlate é então jogado sobre a figura do agonizante Sofredor, e os galhos de um arbusto de espinhos longos são torcidos em um círculo e pressionados sobre Sua frente.

1 Citação do livro *The Suffering Saviour* (O Servo Sofredor), de Friedrich Wilhelm Krummacher (1796-1868).

2 Idem.

Foi assim que Seu rosto e Sua aparência foram manchados mais do que os dos filhos dos homens. O profeta Isaías havia até predito as palavras do Homem de dores, dizendo em Sua hora de agonia: “Eu não fui rebelde, não me retraí. Ofereci as costas aos que me feriam e as faces, aos que me arrancavam os cabelos: não escondi o rosto aos que me afrontavam e me cuspiam. Porque o Senhor Deus me ajudou [...] por isso, fiz o meu rosto como um seixo [...]” (Is 50.5-7).

Os seres humanos esconderam seu rosto d’Ele, mas “Ele escondeu a Sua face de nós por um momento” (Is 54.8). O grupo que tinha visto Seu rosto brilhar como o sol no Monte da Transfiguração lembra-se da glória escondida naquele rosto manchado? Não, “era desprezado” até mesmo por eles e O abandonaram em Sua hora de vergonha.

Assim, as estimativas divinas e humanas do Homem de dores em Seu caminho para a cruz são totalmente renunciadas pelo profeta, e o Espírito Santo muito claramente prediz o objetivo substitutivo de Sua morte.

O Propósito da Cruz (Is 53.4-6)

“Ele tomou sobre si as nossas enfermidades [...]”

“As nossas dores ele levou sobre si [...]”

“Ele foi traspassado pelas nossas transgressões [...]”

“E moído pelas nossas iniquidades [...]”

“O castigo que nos traz a paz estava sobre ele.”

O Espírito Santo não deixa espaço para dúvidas quanto ao propósito e à causa dos sofrimentos de Cristo. A palavra substituição não é realmente usada, mas a linguagem é inequivocamente clara. Este com o rosto manchado carregava as “enfermidades” e as “dores” de outros. Suas feridas eram por causa das “transgressões” deles, e as contusões em seu corpo eram por causa das “iniquidades” deles.

“Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos” (Is 53.6).

Contemplando, por assim dizer, Aquele assim ferido e moído – Isaías não sabe realmente como –, o profeta se torna um porta-voz para toda a raça humana quando clama: “Contemplamos Seus sofrimentos, nós O estimamos ferido, moído e afligido por Deus. Nós, que nos desviamos! Nós, que nos desviamos cada um para seguir o seu próprio caminho! Mas o Senhor fez cair sobre Ele – o Filho Santo de nosso Deus – nossa iniquidade, a iniquidade de todos nós”.

Assim, brevemente, retratamos para nós o resultado da queda no Éden e a causa e o propósito da cruz.

A independência de Deus é a própria essência do pecado. Para todo ser humano “seu próprio caminho” termina em transgressão e iniquidade. O primeiro *todos* do versículo 6 inclui todo ser humano trazido ao mundo, e o segundo *todos* proclama o sacrifício expiatório de Cristo por cada um sob a maldição do pecado.

A Morte da Cruz (Is 53.7-9)

“Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca [...]”

“Como cordeiro foi levado ao matadouro [...]”

“Como ovelha muda perante os seus tosquiadores [...]”

“Ele foi cortado da terra dos viventes [...]”

“Designaram-lhe a sepultura com os perversos [...]”

Isaiás agora retrata a obediência até a morte do sofredor. Ele O vê como uma ovelha nas mãos dos tosquiadores, mudo e passivo; como um cordeiro sendo levado ao abate, inocente e sem poder. Aquele que era igual a Deus não considerou isso como algo a ser usurpado, mas

esvaziou-Se e veio em semelhança de homens. Como homem, Ele Se humilhou ainda mais, até a morte, consentindo em ser “levado ao matadouro” como vítima nas mãos dos homens. Como se cumpriu literalmente a profecia em cada detalhe que os Evangelhos revelaram.

O Cristo, “quando foi acusado” diante de Pilatos, nada respondeu (Mt 27.12), de modo que até mesmo o governador se maravilhou. “Por juízo opressor foi arrebatado” para fora da muralha da cidade, para o lugar chamado Calvário, “e de sua linhagem” – o povo de Sua própria nação e tempo – “quem cogitou” a tragédia que estava sendo decretada no meio deles?

“Foi cortado da terra dos viventes” no auge da vida – quão poucos perceberam que foi pela transgressão de Seu povo que Ele foi ferido (Is 53.8).

Quantos em Jerusalém durante aquele tempo terrível “consideraram” e refletiram sobre a Escritura dos profetas, que lhes dava o retrato do Homem que crucificaram?

Mas o Homem de dores sabia! Ele disse que cada passo de Seu caminho precisava ser “como está escrito a Seu respeito”. Quando Ele voltou Sua face para ir em Sua última viagem a Jerusalém, foi com estas palavras: “[...] vai cumprir-se ali tudo quanto está escrito por intermédio dos profetas, no tocante ao Filho do Homem; pois será ele

entregue aos gentios, escarnecido, ultrajado e cuspidor; e, depois de o açoitarem, tirar-lhe-ão a vida [...]” (Lc 18.31-33).

Ele disse: “Está escrito” quando Judas O traiu e quando Seus discípulos O abandonaram; e novamente, depois que ressuscitou dos mortos, lembrou-lhes que, quando ainda estava com eles, havia procurado prepará-los para Sua cruz, dizendo-lhes: “[...] importa se cumprir tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos” (Lc 24.44).

Além disso, Isaías não apenas predisse os sofrimentos e a morte do Cristo, mas a própria forma de Seu sepultamento. Sua sepultura seria com os perversos, e Aquele que havia sido desprezado e rejeitado pelos seres humanos estaria “com o rico na Sua morte”.

Isso foi literalmente cumprido; e o instrumento preparado por Deus para cumprir Seus conselhos foi encontrado em “José de Arimateia, ilustre membro do Sinédrio, que também esperava o reino de Deus” (Mc 15.43) e disse ser um discípulo secreto do Senhor Jesus.

José havia se assentado no conselho que condenou o Justo, mas “não tinha concordado com o desígnio e ação dos outros” (Lc 23.51). Ele deve ter se maravilhado, assim como o governador, quando do silêncio extraordinário do Divino Sofredor e, em seu coração, acolheu o veredicto de

Pilatos de que não havia nenhuma causa digna de morte encontrada n'Ele.

Incapaz de salvar a vítima de seus acusadores, José fez o que pôde assim que a sentença de morte foi executada, indo ousadamente a Pilatos e pedindo o corpo do Senhor, e depois reverentemente colocando-o em seu próprio sepulcro novo.

O Provido Cordeiro de Deus (Is 52.10)

“Todavia, ao Senhor agradou moê-lo [...]”

“Fazendo-o enfermar [...]”

“Sua alma como oferta pelo pecado [...]”

“Deus proverá para si o cordeiro”, Abraão tinha dito a Isaque no Monte Moriá, e Isaías prenuncia o Cordeiro provido pelo próprio Deus, para ser revelado na plenitude dos tempos.

Desprezado e rejeitado pelos seres humanos, ferido, moído, cortado da terra dos viventes, este com o rosto manchado é agora claramente descrito como “oferta pelo pecado” – o antítipo de todas as ofertas pelo pecado sacrificadas dia após dia em Israel, por ordem do próprio Deus.

Até ali os adoradores tinham de trazer o sacrifício, mas quando Deus providenciou o Cordeiro e colocou sobre Ele a iniquidade de todos, não havia nada para eles fazerem a não ser aceitar a provisão feita para eles.

Aquele que havia crescido diante do Pai como um “renovo” é “afligido” pela vontade expressa do Senhor. Foi Seu soberano prazer “moê-lo”.

Nessa passagem, vemos o Calvário do ponto de vista do Pai, que amou tanto o mundo que não poupou Seu próprio Filho, mas O entregou por todos nós; justamente como no parágrafo anterior nos foi prenunciada a oferta voluntária do Filho, quando “Ele Se humilhou” e Se entregou à morte como um “cordeiro levado ao matadouro”, uma ovelha nas mãos dos tosquiadores, não abrindo Sua boca.

O Fruto da Cruz (Is 53.10-11)

“Ele verá a sua posteridade [...]”

“Ele prolongará seus dias [...]”

“Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma [...]”

“Ele ficará satisfeito [...]”

Outro aspecto da cruz está referenciado nessas palavras. O Calvário é visto agora em harmonia com uma lei de Deus – a lei do sacrifício pela frutificação.

Ferido e afligido, diz-se que o Cristo “prolongará Seus dias” por meio do fruto assim trazido à existência, e “a satisfação do Senhor” na busca de frutos segundo Sua própria imagem prospera em Sua mão.

O anelo do Criador pela comunhão com os seres criados à Sua própria semelhança é um dos maiores mistérios da revelação do coração e do caráter do Senhor. “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (Gn 1.26), o Deus Trino havia dito, quando a bela Terra, criada por Sua palavra, estava diante d’Ele, mas sem que nenhum ser sobre ela respondesse ao Seu coração.

“Ele verá Seu fruto.” “Ele verá e ficará satisfeito com o trabalho de Sua alma” revela o mesmo anelo no coração do Deus-Homem. Entristecido com a queda da primeira criação, Ele dá Sua vida no Calvário para o nascimento de uma nova raça, uma recriação daqueles que se desviaram e se voltaram cada um para “seu próprio caminho”. Com Sua morte “justificando a muitos” por levar a iniquidade deles, Ele contempla o fruto de Seu trabalho e fica satisfeito.

Esse novo nascimento para os filhos caídos do primeiro Adão é declarado como fruto de Sua cruz pelo

próprio Senhor Jesus, logo após o início de Seu ministério público, quando Ele disse a Nicodemos que os pecadores “precisam” nascer de novo e que o Filho do Homem “precisa” ser “levantado” (Jo 3.14-16) para Se tornar a fonte de vida eterna para eles.

A Vitória da Cruz (Is 53.12)

“Eu lhe darei muitos como a sua parte [...]”

“Ele repartirá o despojo com os poderosos [...]”

Outro aspecto do Calvário nos é mostrado aqui. Outros elementos, chamados “poderosos”, são mencionados, e a linguagem usada sugere uma batalha e a divisão do “despojo” ganho na luta. Em outro lugar, Isaías fala da “presa do valente” e da salvação dos “filhos” (Is 49.24-25).

Também é dito que o despojo é dado ao Homem de dores porque Ele “derramou a Sua alma na morte” e “porque foi contado com os transgressores”.

Assim, o Calvário não deveria ser apenas o suporte de nossas iniquidades para que pudéssemos ser salvados; não apenas a oferta de culpa pelo pecado por meio da qual seríamos feitos justos; não apenas um trabalho para o nascimento de uma nova raça à semelhança do Filho de Deus. Foi também uma batalha com um inimigo

terrível – pela libertação daqueles que foram mantidos cativos por seu poder.

Isso está de acordo com outras passagens das Escrituras, pois Davi, em visão, viu o Senhor ascendido levando “cativo o cativo” ao santuário no alto, e o inspirado escritor da Epístola aos Hebreus diz que “através da morte” Cristo destruiu o diabo, para que “livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida” (Hb 2.15).

Está escrito que Ele repartiu o despojo com os poderosos porque foi “contado com os transgressores”. Em perfeita obediência à vontade de Seu Pai, Ele aceitou e bebeu o cálice do sofrimento e da morte! Como podemos entender o que significava para Ele, “que não conheceu pecado”, ser “contado com os transgressores” e “feito pecado por nós” (2 Co 5.21)?

Essa visão do Calvário pode nos revelar uma causa da vitória de Cristo sobre o tirano. O diabo procurou ser exaltado como o Altíssimo, mas o Filho de Deus Se humilhou e consentiu em ser feito inferior ao mais baixo. Por isso Deus O exaltou sobremaneira e Lhe deu o Nome que está acima de todo nome; pois o Calvário, em sua profunda vergonha na Terra, era a exaltação no céu.

O Efeito da Cruz no Céu (Is 53.12)

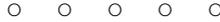
“[...] levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu.”

Nessa breve sentença, temos um vislumbre do céu para ver o Vitorioso do Calvário dentro do véu, “diante de Deus” (Hb 9.24) em nome de todos por quem Ele morreu.

“Contado com os transgressores”, Ele pode interceder pelos transgressores; pois foi tocado com o sentimento de suas dores, tendo sido Ele mesmo tentado em todos os pontos como eles (ainda que sem pecado). Pois antes da cruz, Ele “sofreu sendo tentado” (Hb 2.18) quando caminhou na Terra como homem.



Vamos ao Calvário, e na luz derramada sobre ele pela profecia de Isaías vejamos Aquele que, pela alegria colocada diante d’Ele, suportou a cruz, desprezando a afronta. Tinha chegado a hora para a qual Ele havia vindo a este mundo. Ouça o Deus-Homem bradar “está consumado”, enquanto inclina Sua cabeça e entrega Seu espírito nas mãos de Seu Pai! Sabemos agora que Ele é o Cordeiro que o Pai providenciou, a oferta pelo pecado – Aquele que, com um rosto mais desfigurado do que o de qualquer homem, foi moído e ferido por nossas iniquidades, para que por Suas pisaduras possamos ser sarados.



Algum tempo depois, após o dia de Pentecostes ter se completado, um homem importante viajava em sua carruagem no deserto, lendo em voz alta a profecia de Isaías. Quando chegou às palavras “como cordeiro foi levado ao matadouro [...] foi cortado da terra dos viventes”, certo discípulo chamado Filipe, conduzido pelo Espírito Santo, se aproximou da carruagem. Sentado ao lado do eunuco, pregou-lhe Jesus a partir da profecia de Isaías. A prenúncia da cruz pelo Espírito era agora a mensagem dada pelo Espírito a um coração que busca, por meio de um mensageiro instruído por Ele (At 8.26-35).

Assim, o Espírito Santo deu testemunho de que Isaías tinha verdadeiramente prenunciado o Cristo de Deus e que

“viu a glória dele e falou a seu respeito” (Jo 12.41).

CAPÍTULO 2

“[...] o Espírito da verdade [...]. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.” (Jo 16.13-14)

A Cruz Interpretada pelo Cristo Ascendido

“[...] o evangelho por mim anunciado não é segundo o homem, porque eu não o recebi, nem o aprendi de homem algum, mas mediante revelação de Jesus Cristo” (Gl 1.11-12).

Já observamos o ensino do apóstolo Pedro de que o Espírito de Cristo habitava e controlava os profetas de outrora quando testemunhavam de antemão sobre os sofrimentos de Cristo e as glórias que se seguiriam.

Esse testemunho do Espírito não apenas revelou o Filho de Deus sofrendo a morte na cruz quando Sua hora havia chegado, mas, no sentido mais amplo, definiu Cristo como o tema da profecia desde o princípio do mundo. O Espírito Santo inspirou a pregação de Sua morte

sacrificial vindoura durante os séculos que precederam Sua manifestação ao mundo. Como este foi o caso antes de Sua paixão, não há razão para pensar que depois que Ele subiu ao céu então confiou a interpretação e a proclamação de Sua crucificação inteiramente à sabedoria dos homens.

Os apóstolos foram testemunhas oculares de Seus sofrimentos, mas não foram deixados para pregar o que cada um pode ter pensado ser o significado da cruz, pois percebemos que no cenáculo, no dia de Pentecostes, a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade – o Espírito da Verdade que procede do Pai – toma posse do grupo de testemunhas escolhidas para equipá-las para a obra.

O Espírito Santo, o dom do Pai ao Filho para os Seus redimidos na Terra, vem d’Ele mesmo para testemunhar do Crucificado e, por meio de Seus discípulos, dar testemunho de Sua morte e ressurreição.

“[...] recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas [...]” (At 1.8), declarou o Senhor ressuscitado. E agora, energizados pelo Espírito Santo, encontramos essas testemunhas escolhidas testemunhando da morte e ressurreição do Senhor Jesus.

“[...] vós o matastes, crucificando-o [...]; ao qual, porém, Deus ressuscitou [...]” (At 2.23-24). “[...] a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo” (At

2.36). “Vós, porém, negastes o Santo e o Justo e pedistes que vos concedessem um homicida. Dessarte, matastes o Autor da vida, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos” (At 3.14-15).

“Vocês crucificaram Aquele que Deus ressuscitou.” Este era o encargo da mensagem a ser testemunhada pela “distribuição do Espírito Santo” e pelos sinais e maravilhas feitos por meio do nome do Filho de Deus crucificado e ressuscitado.

Estêvão, em particular, “cheio de graça e poder, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo” (At 6.8), dando testemunho perante o conselho dos judeus de Jesus crucificado e depois coroando seu testemunho com a entrega de sua vida por Aquele que tinha morrido por ele.

O fruto da cruz se manifestou em forma de sinal por meio da morte de Estêvão, pois de sua morte brotou aquele que devia proclamar de forma poderosa o pleno significado do sacrifício do Filho de Deus.

Na morte de Estêvão e conseqüente conversão de Saulo, o fariseu, temos uma lição objetiva sobre a forma como a mensagem da cruz é o poder de Deus. Aprendemos que é a *palavra* da cruz, proferida pelo Espírito Santo em conjunto com o *espírito* da cruz transmitido ao mensageiro, que produz o *fruto* da cruz em outras almas.

Pode-se até dizer que Saulo, o fariseu, foi testemunha ocular dos sofrimentos do Senhor Jesus em Seu mártir Estêvão, pois ouviu o moribundo Estêvão orar: “Senhor, não lhes imputes este pecado” (At 7.60) – como o Senhor havia orado na cruz por aqueles que O crucificaram, dizendo: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23.34).

Podemos muito bem crer que uma flecha de convicção atravessou o coração de Saulo naquele dia, e quando ele encontrou tão subitamente o Senhor ressuscitado no caminho de Damasco e O ouviu dizer: “Saulo, Saulo, por que me persegues? Dura coisa é recalcitreres contra os agulhões” (At 26.14), soube que tinha visto o Espírito de Cristo no mártir Estêvão, e o “vaso escolhido” foi rendido aos pés de seu Senhor.

Isaiás, o profeta, havia sido escolhido e habilitado por Deus para preannunciar a maravilhosa história da cruz e retratar em linguagem carinhosa as características do Cordeiro de Deus, assim como Paulo foi escolhido pelo Senhor para receber e proclamar a mensagem da cruz.

Isaiás e Paulo foram preparados para o seu serviço especial por meio de um encontro pessoal com Deus – um encontro que despertou em cada um deles tal autoabandono que Isaiás não pôde deixar de bradar: “Ai de mim! Estou perdido” (Is 6.5), e o apóstolo dizer: “Em mim não habita bem nenhum” (Rm 7.18). Cada um deles também

chegou à mesma completa entrega a Deus, Isaías dizendo: “Eis-me aqui, envia-me a mim” (Is 6.8), e Paulo: “Que farei, Senhor?” (At 22.10).

O choro amargo de Isaías sobre seu povo (Is 22.4) e a agonia da alma de Paulo por causa da cegueira de Israel (Rm 9.3) também mostram que ambos eram homens capazes de profundo sofrimento e de abandono total para servir a Deus e tinham grande grandeza de espírito para receber e comunicar os ensinamentos do Espírito de Deus. A cada um foi dado o tema do Calvário, um em sua forma embrionária e o outro em sua plena frutificação. Cada um foi inspirado pelo próprio Espírito de Cristo – em um, testemunhando de antemão Seus sofrimentos, e no outro, interpretando os gloriosos resultados de Sua morte.

Não nos surpreende, portanto, encontrar Paulo declarando enfaticamente que o evangelho que ele pregava não era “segundo o homem” nem que o aprendera “de homem algum” – nem mesmo de alguém que tinha sido testemunha ocular dos sofrimentos de Cristo; que ele não foi ensinado por ninguém, mas lhe foi dado “mediante revelação de Jesus Cristo”. E assim ele escreveu aos gálatas: “A mensagem que vocês ouviram de mim foi divina, autêntica do trono [...] o Senhor ressuscitado a revelou a mim

pessoalmente” (paráfrase do esboço de Gálatas 1.11-24, do bispo Moule³).

Temos então esse fato maravilhoso e solene, que o próprio Senhor ressuscitado e ascendido, com as marcas de Sua paixão sobre o corpo santo que Ele levou ao céu, interpretou para Paulo o objetivo de Sua morte. Se tivermos isso em mente ao meditarmos sobre a mensagem do Calvário expressa nos escritos de Paulo, a “palavra da cruz” será na verdade para nós a “energia de Deus”.

Que o evangelho da cruz pregado por Paulo lhe foi dado diretamente pelo próprio Senhor também é provado pelos resultados de sua visita aos principais apóstolos de Cristo em Jerusalém. “Em obediência a uma revelação” (Gl 2.2), Paulo é convidado a colocar diante dos apóstolos o evangelho que estava pregando entre os gentios, e quando o fez, descobriu que havia sido ensinado tão plenamente pelo próprio Senhor ressuscitado que aqueles que haviam visto Cristo morrer, tinham conversado com Ele depois que Ele ressuscitou dos mortos e haviam sido cheios do Espírito Santo no dia de Pentecostes não tinham nada

3 Handley Carr Glyn Moule (1841-1920) foi bispo de Durham logo após a morte da rainha Vitória. Ele escreveu comentários maravilhosos sobre muitos livros do Novo Testamento. Publicou um livro devocional de sessenta páginas chamado “A Cruz e o Espírito: Meditações sobre a Epístola aos Gálatas”, desenvolvendo as ideias principais das doutrinas de Cristo e do Espírito.

a acrescentar ao escolhido do Senhor para proclamar a mensagem de Seu amor.

Não só não tinham nada a acrescentar, mas “conheceram a graça que lhe foi dada” e viram que a esse homem tinha sido confiado “o evangelho da incircuncisão” (Gl 2.6-9). Assim, estenderam a ele a “destra de comunhão”, provando por todo o tempo que o evangelho por ele pregado estava em plena harmonia com o evangelho proclamado por todos os apóstolos – o evangelho sem dúvida dado a eles pelo próprio Cristo quando, depois de Sua paixão, lhes apareceu “durante quarenta dias [...] falando das coisas concernentes ao reino de Deus” (At 1.3).

Uma vez que a mensagem do Calvário foi, portanto, dada a Paulo por revelação direta do Senhor, não nos admiramos de que ela tenha dominado sua vida e sido entretecida na própria textura de todos os seus escritos. Inflamado em seu coração, aquele que não tinha visto de fato o Deus-Homem morrer⁴ pregou Sua cruz e paixão com tal intensidade e tão manifesta iluminação do Espírito Santo que ele pôde declarar aos gálatas que “Jesus Cristo tinha sido plenamente retratado em Sua cruz diante de seus próprios olhos” (tradução de Gálatas 3.1, Moule).

⁴ Se Paulo tivesse estado presente na tragédia do Gólgota, certamente ele teria feito alguma referência a ela em seus escritos.

Que Deus, o Espírito Santo, dê novamente testemunho do evangelho da cruz por meio de Paulo enquanto ouvimos reverentemente o próprio Senhor, mediante seu mensageiro, interpretando Sua morte.

A Cruz para o Homem Natural

“Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura [...]” (1 Co 2.14)

“Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem [...]” (1 Co 1.18)

“[...] Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios [...]” (1 Co 1.23).

Embora Paulo tenha recebido seu evangelho por revelação direta de Jesus Cristo, ele não tinha nenhuma ilusão quanto à sua recepção pelo homem natural. Como Isaías, ele sabia que a cruz como “arma do Senhor” deveria ser revelada pelo Espírito Santo, pois para o intelecto obscurecido (Ef 4.18) e a vontade rebelde dos filhos da incredulidade, toda a mensagem não passaria de uma loucura.

“Salvação por meio da morte de outro? É contrário a toda justiça! O homem incapaz de salvar a si mesmo? Não, é tudo tolice!”

Para os judeus, a palavra da cruz seria uma pedra de tropeço ainda maior. Não estava escrito em suas Escrituras: “Aquele que for pendurado no madeiro é maldito de Deus” (Dt 21.23)?

Repetidamente, Paulo deve ter sido repreendido com as palavras “amaldiçoado de Deus”, ou “um insulto a Deus”, quando ele pregava aos judeus um Messias crucificado, pois ao falarem do Senhor Jesus eles frequentemente O chamavam pelo nome de “o crucificado”, que eles encontraram no original hebraico de Deuteronômio 21.23 (Lightfoot⁵).

Sem a iluminação do Espírito, os judeus não podiam ver que as próprias palavras de Deuteronômio interpretavam a cruz de Cristo, que se tornou “maldito por nós” sobre o madeiro do Calvário.

Mas os judeus procuravam um Messias que reinaria como Rei na Terra, e ao lerem a profecia de Isaías, viam apenas prenunciações de glória e realeza no Messias vindouro. Com ideias preconcebidas quanto aos sinais de autoridade que o esperado Messias lhes revelaria, os judeus exigiram do Senhor Jesus repetidas vezes mostrar-lhes “um sinal do céu”, e com dor o Senhor respondeu: “Nenhum sinal lhe será dado”, além do “sinal de Jonas”. “Porque assim como esteve Jonas [...] no ventre do grande

5 Joseph Barber Lightfoot (1828 –1889) foi um teólogo inglês e bispo de Durham.

peixe, assim o Filho do Homem estará [...] no coração da terra” (Mt 12.38-40).

O Calvário e a sepultura, prenunciados pelo profeta Isaías e retratados novamente na misteriosa experiência do profeta Jonas, eram o “sinal” especial prometido por Deus para revelar o Messias, mas Isaías tinha escrito sobre Israel: “Ouvireis com os ouvidos e de nenhum modo entenderéis; vereis com os olhos e de nenhum modo perceberéis” (Mt 13.14), e sua profecia a respeito da cegueira do povo foi cumprida.

“Os judeus pedem sinais”, escreveu Paulo, mas não têm olhos para ver os sinais prenunciados por Deus: os “gregos buscam a sabedoria” e não percebem que “Cristo crucificado” é o poder e a sabedoria de Deus.

A Cruz e a Sabedoria Humana

“Certamente, a palavra da cruz é [...] o poder de Deus. Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos instruídos.”
(1 Co 1.18- 19)

Paulo, que já havia sido um fariseu rejeitando com severo antagonismo a história de um Messias crucificado, com visão celestial vê profundamente o propósito da

cruz. Ele a vê como o golpe de mestre de Jeová contra uma causa da Queda no Éden.

“Vendo a mulher que a árvore [...] era desejável para dar entendimento [...]” (Gn 3.6).

O desejo de conhecimento além do limite estabelecido pelo Senhor foi uma das causas da Queda, e o seu efeito continua até hoje, pois a soberba do intelecto ainda é uma barreira entre os seres humanos e o conhecimento de seu Criador.

A Salvação por meio da cruz foi um golpe de mestre do Onisciente Criador contra a soberba do conhecimento em Suas criaturas caídas, pois a “palavra da cruz” é o poder de Deus para “destruir” ou anular “a sabedoria dos sábios”. A cruz como poder de Deus está tão completamente além da compreensão do homem natural que ele deve submeter seu intelecto ao seu Criador e aceitar a mensagem somente pela palavra de Jeová.

“Porque a loucura de Deus é mais sábia que os homens”, diz a Escritura, e no dia em que todos os seres humanos se conhecerem como são conhecidos por seu Criador, tudo o que pareceu ao raciocínio carnal como “loucura” será provado como a mais alta sabedoria de Deus.

A “palavra da cruz” é a energia de Deus, e por meio dela o Senhor Onisciente já está tornando “loucura” a “sabedoria do mundo”; pois enquanto o mundo, “por sua

própria sabedoria”, está falhando completamente em conhecê-lo, “aprove a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação” (1 Co 1.21). Por meio da “pregação”, que é considerada tolice, Deus está fazendo o milagre da salvação da culpa e do poder do pecado e recriando uma nova raça à semelhança d’Aquele que é o Primogênito de muitos irmãos, o Primogênito dentre os mortos.

A “fraqueza de Deus” manifestada n’Ele, que foi “crucificado em fraqueza”, é “mais forte que os homens”. O fraco e sofredor Salvador, em Sua vergonhosa cruz, é poderoso para salvar todos os que creem n’Ele.

A Cruz e a Verdadeira Sabedoria

“Entretanto, expomos sabedoria [...] não, porém, a sabedoria deste século [...]; mas falamos a sabedoria de Deus em mistério [...]” (1 Co 2.6-7)

A palavra da cruz, para aqueles “que são salvos”, é o poder de Deus para trazer à tona a soberba do conhecimento, para que a eles possa ser ensinada a sabedoria de Deus, a qual “nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano” (1 Co 2.9).

É uma sabedoria que é um mistério para a pessoa natural, mas que é revelada pelo Espírito de Deus a todos aqueles que amam a Deus; uma sabedoria, escreve o

apóstolo, que será “nossa glória” (1 Co 2.7) quando a sabedoria deste mundo tiver passado.

“A sabedoria de Deus em mistério” (1 Co 2.7) é “o mistério de Deus, Cristo, em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos” (Cl 2.2-3). Um Messias crucificado é, para os chamados, tanto judeus como gregos, o poder de Deus e a sabedoria de Deus (1 Co 1.23-24).

CAPÍTULO 3

“Ora, tendo Cristo sofrido na carne, armai-vos também vós do mesmo pensamento; pois aquele que sofreu na carne deixou o pecado.” (1 Pe 4.1)

A Dupla Mensagem da Cruz

“[...] havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz [...] vos reconciliou no corpo da sua carne, mediante a sua morte [...]” (Cl 1.20, 22)

A profecia de Isaías nos diz que os sofrimentos e a morte do Homem de dores não foram para Ele mesmo, mas para aqueles que haviam se extraviado: “uma oferta pelo pecado” pela vontade expressa do Pai, que Se agradou em “feri-LO” e “fazê-LO enfermar”.

O apóstolo Paulo retoma o mesmo tema e escreve aos romanos que o próprio Deus propôs que o sacrifício de Cristo Jesus fosse “no seu sangue, como propiciação, mediante a fé”, pois só assim Ele poderia ter “deixado

impunes os pecados anteriormente cometidos” (Rm 3.25) e mostrar Sua justiça a um mundo culpado.

Jeová não poupou Seu próprio Filho, mas O entregou por todos nós! Sim, está escrito que o próprio Deus “estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (2 Co 5.19), pois Pai e Filho são Um.

Os arautos enviados e equipados por Deus Espírito Santo, devem proclamar as boas novas da paz. Comissionados pelo Filho de Deus, levantados como Seus embaixadores, eles devem suplicar “em nome de Cristo” pelas almas que perecem e, “como se Deus estivesse implorando” por eles, devem dizer: “Reconciliai-vos com Deus”.

Aos colossenses, Paulo escreve: “[...] havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz” – vocês que eram estranhos de Deus, eram inimigos *para* Deus, por causa de seus atos malignos –, “vos reconciliou no corpo da sua carne, mediante a sua morte” (1.20, 22).

“[...] havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz” refere-se ao aspecto propiciatório do sacrifício de Cristo, quando Ele pisou sozinho o lagar, e não havia ninguém do povo com Ele (Is 63.3). No entanto, a reconciliação do pecador com Deus “no corpo da Sua carne, mediante a Sua morte” nos mostra o Salvador e o salvo tornando-se como *um* só. Neste último aspecto, vemos o segundo Adão como o Homem Representativo e discernimos como, em Sua

morte, todos os que estão unidos a Ele pela fé sofreram a pena de seus pecados e se reconciliaram com Deus por meio d'Ele.

“[...] no corpo da sua carne, mediante a sua morte, [Sua intenção é] para apresentar-vos perante ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis”, continua o apóstolo.

A cruz é a porta através da qual a alma reconciliada passa para a *nova* esfera, onde é apresentada em Cristo ao Pai como “santa, inculpável e irrepreensível diante dele”. Aqueles que são assim reconciliados *morrem* com Cristo para seus antigos pecados. Suas “obras más”, que os tornaram alienados e inimigos de Deus em sua mente, são agora abandonadas. Eles *não* são reconciliados para continuarem na vida que viviam *antes*.

A mensagem de “paz pelo sangue da Sua cruz” e reconciliação com Deus no corpo de Cristo por meio da morte, portanto, inclui a libertação do *poder*, bem como da *culpa* do pecado.

Em linguagem ainda mais simples, o apóstolo Pedro proclama a libertação da escravidão do pecado em ligação com a remissão dos pecados passados. Escrevendo em sua primeira epístola sobre os sofrimentos de Cristo, ele diz: “[...] carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a *justiça*” (1 Pe 2.24) – certamente

não para que pudéssemos continuar sob seu controle e praticá-los de novo e de novo!

A união do crente com seu Salvador na morte é assim claramente expressa pelo apóstolo. Tendo feito a paz pelo sacrifício expiatório de Sua cruz, o Senhor Jesus levou nossos pecados ao madeiro para que n'Ele morrêssemos para eles e seu poder – e agora, compartilhando Sua *vida* de Deus, possamos “viver para a justiça” pelo poder do Santo e Justo que habita em nosso coração.

“[...] por suas chagas, fostes sarados”, acrescenta o apóstolo, citando a profecia de Isaías e ligando a libertação da culpa e da escravidão do pecado àquela mais sagrada prenúnciação da cruz.

Foi o Cordeiro de Deus que, na verdade, sofreu a pisadura e a dor em nosso favor, e isso foi para que o poder *curador* de Sua vida nos pudesse ser transmitido. Nós que cremos que Ele levou nossos pecados no madeiro e n'Ele morremos para esses pecados, doravante viveremos para Deus.

Essa é a mensagem do Calvário conforme revelada a Paulo pelo Senhor ressurreto e pelas palavras de Pedro confirmadas pelo evangelho pregado por todos os apóstolos dia após dia desde Pentecostes. Perda incalculável teve a Igreja de Deus pela frequente separação desses

dois aspectos da “palavra da cruz” na proclamação do evangelho do Calvário.

Além disso, a libertação do poder do pecado não foi manifestamente ensinada por Paulo como uma experiência “avançada”, pois quando escreveu aos convertidos em Roma ele parecia falar de nossa morte com Cristo como uma etapa elementar da experiência – a ignorância dela o surpreendeu –, pois a comunhão deles com a morte de Cristo era a *única* base sobre a qual podiam constatar a novidade de vida n’Ele.

A Cruz e a Escravidão do Pecado

“[...] foi crucificado com ele [...] para que [...] não sirvamos o pecado [...]” (Rm 6.6)

“[...] fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida” (Rm 5.10), escreve Paulo aos romanos, enquanto continua a mostrar o maravilhoso plano de Deus, de que todos os que são assim reconciliados e recebedores do dom da justiça devem reinar em vida (Rm 5.17). Assim como o pecado reinou sobre eles, assim também a graça pode reinar por meio de Jesus Cristo.

Mas alguém pode levantar a questão: “Não deveríamos então continuar no pecado para que Deus possa

mostrar mais de Sua abundante graça?” (Rm 6.1). “Deus nos livre!”, irrompe o apóstolo. A morte de Cristo, e a livre graça de Deus que dela abunda, *nunca* pode ser usada para ministrar para o pecado!

É verdade que a abundante graça de Deus é dada aos pecadores por meio da morte de Seu Filho, mas nós “morremos” com o Filho de Deus. Então, como nós, que morremos para o pecado, viveremos mais tempo nele (Rm 6.2)?

O apóstolo da cruz está profundamente comovido enquanto escreve! Pela “revelação de Jesus Cristo”, foi mostrado a ele o significado do Calvário, e à luz da cruz ele viu a profundidade da Queda e a pecaminosidade excessiva do pecado – que exigia nada menos que a morte do próprio Filho de Deus, em sofrimento e vergonha inigualáveis, para resgatar o pecador condenado.

“*Continuar* no pecado” quando Cristo morreu para nos libertar do pecado? Deus nos livre! O pecado abundou, mas “a graça superabundou” para salvar o pecador de seus laços.

Na luz que brilha sobre o Calvário, como revelada a ele por Cristo, o apóstolo mostra o significado dessa morte para que ninguém em Roma possa mais ignorar o propósito para o qual Cristo morreu.

“[...] foi com ele crucificado o nosso velho homem” é a mensagem do Calvário ao pecador caído e é o segredo da libertação da escravidão do pecado. Todos os que foram batizados em Cristo “foram batizados na sua morte”. Por meio do “batismo na morte” eles foram sepultados em Seu sepulcro com o propósito expresso de que “na semelhança da sua ressurreição” pudessem olhar para a Sua cruz e sepultura como um grande abismo colocado entre eles e seu passado, e com o Cristo *ressuscitado* emergirem para andar “em novidade de vida” (Rm 6.4).

Isso, é claro, se eles estiverem real e intimamente unidos ao Senhor em Sua morte! Apenas um consentimento mental não produziria uma união real com o Senhor ressurreto. Eles devem, pelo Espírito Santo, estar tão vitalmente unidos ao Crucificado que compartilharam a própria “semelhança” de Sua morte (Rm 6.5).

E se existir essa união, então eles constatarão o poder da Sua ressurreição e saberão que estão “crucificados com ele”. Assim, eles não estarão mais a serviço do pecado – “como escravos” –, pois “quem morreu está justificado do pecado” (Rm 6.6-7). O pecado não tem mais o direito de reinar – sua tirania acabou.

Além disso, a morte de Cristo significou mais do que uma libertação negativa. Eles foram libertos do reinado do pecado não apenas pela *morte*, mas pela *vida*. A vida de Cristo que triunfou sobre a morte e a sepultura se

manifestará neles; pois se realmente “morreram” para o passado, viverão com Cristo e compartilharão a vida que Ele agora vive – uma nova vida, uma vida “para Deus” (Rm 6.10).

Vida abundante – um reinar em vida – foi o propósito do Calvário. Cristo morreu para o pecado por *nós*, e Ele morreu “de uma vez para sempre” (Rm 6.10). Assim, eles devem se *considerar* mortos para o pecado com Ele e se recusarem completamente a deixá-lo reinar sobre eles, pois eles estão “vivos para Deus em Cristo Jesus”. Permanecendo n’Ele como a própria vida deles, reinarão em vida em Jesus Cristo, Senhor deles.

Mas eles não podem se esquecer de que isso deve ser vivido na prática! Eles não podem estar verdadeiramente crucificados com Cristo e ao mesmo tempo cederem ao pecado ou entregarem os membros de seu corpo como instrumentos de injustiça, ou então tornarão “nula a graça de Deus”. Se eles desejam compreender a plena libertação do Calvário, deverão não apenas reconhecer com prazer sua morte com o Crucificado, mas devem se apresentar a Deus como “homens ressurretos dentre os mortos” (Rm 6.13, Moule) e em “novidade de vida” entregarem os membros de seu corpo a Deus como armas de justiça.

Mas outra questão se levanta aqui. Será que a graça que nos liberta não trará um perigo de licenciabilidade para além dos limites da liberdade (Rm 6.15)?

“De modo nenhum!”, brada novamente o apóstolo. Será que eles não sabiam que a mudança feita pela união com Cristo em Sua morte e ressurreição significou uma *revolução* profunda no cerne do ser humano? Que aqueles que assim provaram o poder da morte de Cristo se tornaram “obedientes de coração” àquele padrão ao qual “foram entregues” (Rm 6.7)? Em novidade de vida, os verdadeiros crentes alegremente se tornaram “servos de Deus” em vez de servos do pecado, e por sua própria escolha decidiram dia após dia apresentar seu corpo para “servirem a justiça” em alegre obediência a Deus (Rm 6.18-19).

Nesse capítulo em Romanos, o poder separador da cruz é claramente visto. A obra de libertação da culpa e escravidão do pecado foi realizada no Calvário, e o apóstolo chama os cristãos romanos para participarem da frutificação da morte de Cristo por um decisivo ato de fé. Eles *morreram* com Cristo na cruz, e em Sua morte eles foram *cortados* de sua velha vida. “[...] unidos com ele na semelhança de sua morte” (Rm 6.5), eles deverão se considerar crucificados *com* Ele, “mortos para o pecado” (Rm 6.11) e vivendo para Deus n’Ele.

“Mas eu me considerei assim, e parece que estou apenas considerando uma *mentira!*”, lamenta um coração ansioso. Ah, alma, talvez seus olhos estejam na direção errada. Você está olhando para dentro, ocupada mais com sua “consideração” do que com a obra de seu Salvador. O

Espírito Santo não dará testemunho de sua “consideração”, mas do objeto de sua “consideração”.

Olhe para o *Calvário*. O Senhor Jesus morreu em seu favor, e como seu Representante levou você com Ele para Sua cruz. Você está sinceramente determinado a separar-se de todo pecado conhecido e disposto a que a morte com Cristo se torne prática em sua experiência? Então, a partir deste momento crucial, veja-se pregado ao madeiro com seu crucificado Senhor.

Confiando no Espírito Santo e com fé na Palavra de Deus, “não deixe o pecado ter domínio”, pois Deus disse que por meio da morte de Cristo e de seu compartilhamento nessa morte “o pecado não terá domínio sobre vós” (Rm 6.14).

Escondido em Cristo na Sua cruz e unido a Ele em Sua vida, sua parte, ó filho e filha de Deus, é a contínua escolha de sua vontade – pois “a quem vos ofereceis”, seus “servos sois” (Rm 6.16). Na hora da dolorosa tentação, no cerne de seu ser, você deve se retirar imediatamente, por assim dizer, para a cruz e, escondendo-se n’Aquele que levou você para ali, recusar-se a ser atraído para fora de seu lugar n’Ele. Não lute com nada que venha a você, mas entregue tudo Àquele cuja vida de fato você compartilha, e descobrirá que Ele é capaz de livrar e manter você dia após dia.

“Agora, porém, libertados do pecado, transformados em servos de Deus [...]” (Rm 6.22), você deve lidar honestamente com o pecado, chamando pecado de *pecado*. Seja firme no propósito de caminhar em obediência a seu Senhor, contando com Ele para operar em você o querer e o efetuar para o Seu bom prazer.

Deixe que todo estresse da provação ou tentação conduza você ao holofote de Seu rosto para que você possa ver todas as coisas à *Sua* luz. Assim, “ande na luz como Ele está na luz”, com o sangue precioso de Jesus Cristo limpando você de todo pecado. “Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo; e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro” (1 Jo 2.1-2).



Mas antes de almejar libertação precisamos necessariamente sentir o peso dos nossos grilhões. Neste ponto chegamos ao *propósito da lei*, revelado no capítulo sete de Romanos.

CAPÍTULO 4

“Fiel é esta palavra: Se já morremos com ele, também viveremos com ele.” (2 Tm 2.11)

A Cruz e a Lei

“[...] vós morrestes relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo [...]. Agora, porém, libertados da lei, estamos mortos para aquilo a que estávamos sujeitos [...]” (Rm 7.4-6)

A libertação por meio da morte ainda é a mensagem do apóstolo. A cruz do Calvário é o lugar da reconciliação com Deus e da libertação do poder do pecado, mas aquele que está crucificado com Cristo morre com Ele não apenas para a escravidão do pecado, mas para a escravidão da “lei”, que exigia de um impotente pecador uma obediência que ele não podia obter e o levava cada vez mais fundo à impotência da morte.

A tendência do pensamento do apóstolo em Romanos 5, 6, 7 e 8 está maravilhosamente em concordância com os fatos da experiência real na vida cristã. Na verdade, este grupo de capítulos só pode ser claramente

compreendido *de dentro* – isto é, tendo passado em alguma medida por estas etapas da experiência, para poder ver as coisas do ponto de vista de Paulo, conforme ele escreveu aos cristãos romanos.

“Sobreveio a lei”, escreve ele, “para que avultasse a ofensa” (Rm 5.20). Mas Deus só quis revelar a “abundância” do pecado e sua hediondez, para que Sua *graça* se mostrasse “*superabundante*”.

Para que, “como o *pecado reinou*” (Rm 5. 21) sobre o pobre pecador, assim também a “*graça*” – o dom gratuito da justiça – “*reinasse*” e triunfasse no ser humano redimido.

O modo como a graça pode entrar e reinar é então demonstrado pela *morte*, pois nada além da morte poderia libertar o pecador de seus grilhões. O salário do pecado é a morte. A pena do pecado *deve* ser paga; o veredicto da morte *deve* ser cumprido. E na morte de Cristo como o Homem Representativo a pena *foi* executada, e o reinado do pecado *termina* em todos os que morreram com seu Senhor crucificado.

O crente também *morre* para a lei que o condenou à morte. Unido a Cristo em Sua morte, ele está “*também morto relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo*” (Rm 7.4), por isso está “*liberto*” das reivindicações da lei, “*estando morto*” (Rm 7.6).

A lei não pode mais dizer a quem morreu: “Tu devês”, pois ele passou pela porta da morte para outra esfera, onde a lei não pode segui-lo – uma esfera “*em Cristo Jesus*”, onde ele serve a Deus de uma maneira nova, com um novo espírito de alegre obediência à letra da lei (Rm 7.6).

Outra questão ocorre neste ponto: *devemos então dizer que a “lei” dada por Deus é pecado?* (Rm 7.7). Mais uma vez o apóstolo responde: “*De modo nenhum!*” e continua a mostrar a razão pela qual a lei foi dada e a obra prática da lei em levar a alma ao lugar onde esteja *pronta* para ser liberta pelo Senhor crucificado e ressuscitado. Pois a mensagem da libertação por meio da morte com Cristo chega como boas novas apenas para aqueles que estão no *fim* de si mesmos. A lei é nosso *professor*, para nos conduzir a Cristo.

Depois de falar da libertação dos grilhões da lei, o apóstolo passa para a descrição vívida do amargo conflito na alma daquele que se deleita com a vontade de Deus em seu ser interior, mas ainda não *apreendeu* essa libertação por meio da morte de Cristo, a qual Paulo tem descrito.

Seja qual for o objeto principal que Paulo tenha tido em mente quando escreveu o tão debatido sétimo capítulo de Romanos, pelo menos podemos dizer com segurança que é uma figura poderosa de alguém sob a tirania do pecado que é despertado para a atividade por seu desejo de cumprir a vontade de Deus.

É a lei que leva a alma ao lugar da morte, pois a “morte” é simplesmente uma cessação da luta – o ponto a que a alma chega quando não pode mais lutar e clama em desespero: “Quem me libertará?”.

“Porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei”, escreve Paulo, “a fim de viver para Deus” (Gl 2.19).

É fácil discutir o sétimo capítulo de Romanos do ponto de vista acadêmico, mas se nos dispusermos de forma séria a romper nossos próprios laços, logo aprenderemos a realidade da figura e a amargura da experiência que ela descreve.

A Lei Foi Dada para nos Fazer Saber o que É o Pecado

“Mas eu não teria conhecido o pecado, senão por intermédio da lei.” (Rm 7.7)

Por exemplo, a não ser que Deus tivesse dado uma lei e dito: “Não cobiçarás”, como poderíamos saber que a cobiça é pecado?

A Lei Foi Dada para Mostrar o Antagonismo do Pecado

“Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, despertou em mim toda sorte de concupiscência; porque, sem lei, está morto o pecado.” (Rm 7.8)

Quão realmente verdadeira em todo coração humano é essa figura! Se nos é dito para não cobiçar, às vezes nos achamos fazendo exatamente aquilo que somos proibidos de fazer.

O “*tu não deves*” levanta contra a santidade de Deus todo o antagonismo que há na natureza humana caída, pois “*o pendor da carne é inimizado contra Deus*” (Rm 8.7).

Apartado dos mandamentos da lei “*o pecado está morto*”, ou seja, não há antagonismo ou luta. Deixe as pessoas seguirem seu próprio caminho e satisfazer os desejos de sua carne e de sua mente e não há batalha; mas deixe-as encarar a lei de Deus e *tentar obedecer-lhe*, então o pecado desperta e opera todo tipo de coisas nelas contrárias ao mandamento de Deus.

A lei, portanto, é dada *para mostrar ao próprio ser humano* o antagonismo que está dentro dele para com a lei de Deus.

A Lei Foi Dada para Levar-nos à Morte

“Outrora, sem a lei, eu vivia; mas, sobrevindo o preceito, reviveu o pecado, e eu morri.” (Rm 7.9)

Outrora eu não sabia nada sobre as reivindicações de Deus: “Sem a lei, *eu vivia*”.

Pensei que tudo estava bem – mas de repente fiquei cara a cara com o “*tu deves*” e “*tu não deves*” de meu Criador. Algo dentro de mim despertou e lutou contra a lei de Deus; “*o pecado reviveu*” onde tinha estado adormecido. Descobri que não podia obedecer à lei, pois era impotente.

Sim, o pecado aproveitou a oportunidade e declarou seu poder e reclamou seu direito sobre mim *por meio do próprio mandamento de Deus*. Eu o achei realmente mais forte do que eu mesmo. Ele me *seduziu!* Tive de ceder às suas tentações, mesmo sabendo que as consequências seriam a morte. Por assim dizer, o pecado “*me matou*” (Rm 7.11), mostrando-me que eu não tinha nada diante de mim a não ser o salário do pecado – a morte.

O mandamento de Deus deveria ter me levado a viver uma vida melhor, mas, em vez disso, me fez afundar mais profundamente na impotência da morte (Rm 7.10), e em desanimado desespero, “*morri*”.

A Lei Foi Dada para Mostrar a Pecaminosidade do Pecado

“[...] a lei é santa; e o mandamento, santo, e justo, e bom. Pelo contrário, o pecado, para revelar-se como pecado [...] causou-me a morte, a fim de que, pelo mandamento, se mostrasse sobremaneira maligno.” (Rm 7.12-13)

“O pecado... *revelou-se como pecado*” pela santidade da lei! Como é maravilhoso o plano elaborado pelo Criador para ensinar à criatura – que não tem a concepção do pecado – *o que é o pecado*, e ainda mais para fazê-lo conhecer sua necessidade de salvação.

O pecado deve se tornar “sobremaneira maligno” antes de ser detestado – antes que seja despertado o desejo de tê-lo colocado fora e ser conhecida a libertação de seus laços.

A *necessidade* de um Salvador deve ser sentida antes que o próprio Salvador possa ser bem-vindo.

A *profundidade* da Queda deve ser vista ou então a altura, a profundidade, a largura e o comprimento da salvação não podem ser compreendidos.

“Por meio do *mandamento*” – santo, justo e bom, e os vãos esforços para cumpri-lo – Deus conduz o caído para conhecer a si mesmo e sua condição.

A Lei Leva ao Desamparo da Morte

“[...] o pecado [...] causou-me a morte [...]. [...] vendido à escravidão do pecado. [...] Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum.” (Rm 7.13-14, 18)

Quão amarga é a contenda! Quão humilhante para o orgulho do ser humano! “*A lei é espiritual*”, brada o ser humano, “mas eu – *eu sou carnal, vendido à escravidão do pecado*”. Eu sou praticamente um escravo, “*pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto*” (Rm 7.15).

O próprio fato de eu odiar o pecado prova que meus olhos estão abertos à beleza e à bondade da vontade de Deus (Rm 7.16), de modo que pareço ser como duas pessoas. Em minha vontade, desejo fazer o bem, mas eu sou totalmente *incapaz* de “*efetuar o bem*” (Rm 7.18). Portanto, em certo sentido, não sou *eu* quem faz o mal, mas o pecado que reina e tiraniza sobre mim (Rm 7.17).

Eu sou verdadeiramente um escravo! Que escravidão é pior do que esta? Em todo caso, sei agora que “*em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum*”

(Rm 7.18). Não vejo nenhuma pessoa na Terra mais em trevas do que eu mesmo. Nunca mais posso pensar que “eu não sou como as outras pessoas”. Alguma vez uma alma esteve em tais laços antes? O “*bem*” que quero fazer não o faço; e o “*mal*” que abomino eu pratico (Rm 7.19)!

Para resumir tudo isso, descobri que “*ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim*” (Rm 7.21). Estou na condição em que “*no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus*” (Rm 7.22), mas vejo uma lei diferente em meus membros “*guerreando contra a lei da minha mente*” (Rm 7.23). Sou mantido como um *escravo* sob a tirania do pecado.

O Ponto de Entrega

“Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor.” (Rm 7.24, 25)

Sim, há libertação quando a alma está pronta para ser libertada. O “miserável homem” clamou por ajuda, e em seu clamor confessou que é incapaz de libertar a si mesmo!

A soberba da vida foi destruída.

O “*homem interior*”, desejando obedecer à lei, não foi capaz de conquistar a si mesmo ou seus pecados, não obstante todos os seus esforços para fazer “o que é bom” aos olhos de Deus. Ele ainda falhou em apreender a mensagem completa da cruz. Ele não viu sua morte com Cristo e sua libertação em Cristo da tirania do pecado e das reivindicações da lei. Portanto, neste amargo conflito, ele teve de descobrir sua necessidade.

Talvez ele pensasse que o “homem interior”, assistido pela graça de Deus, seria capaz de agradar a Deus – que tendo começado no Espírito, pela reconciliação com Deus por meio do sangue da cruz, ele poderia ser “aperfeiçoado” (ou crescer na graça) com a ajuda da carne!

Não é assim, “miserável homem”! Volte-se novamente para o Calvário! Você precisa de outra força dentro de você – o poder do Espírito Santo, e *somente* a “lei do Espírito de vida em Cristo” pode tornar você livre *por meio da obra de Jesus Cristo no Calvário*.

A “lei” que você tem lutado para obedecer em suas próprias forças “tem domínio sobre o homem toda a sua vida” (Rm 7.1).

Você foi crucificado com seu Salvador, você morreu com Ele e *morreu* “relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo” (Rm 7.4).

Sim, “*mediante a fé no poder de Deus*” (Cl 2.12).
Você acredita nisso?

Então você está dispensado das reivindicações da lei – “*tendo morrido*”! Você está unido Àquele “que ressuscitou dentre os mortos” (Rm 7.4), e quando você conta com Ele para operar em você, “a lei do Espírito da vida” n’Ele libertará você (Rm 8.2-3), e se o Filho libertar você, verdadeiramente será livre (Jo 8.36).

Você descobrirá que o “que fora impossível à lei” (Rm 8.3), por comandar você *de fora*, o próprio Filho de Deus, enviado à sua semelhança para morrer em seu lugar, pode fazer *dentro de você*; e o próprio “preceito da lei” (Rm 8.4) que você tão completamente falhou em obedecer agora se cumprirá em você quando você se render ao Espírito de Deus e não andar segundo a carne, mas segundo o Espírito (Rm 8.4).

Oh alma, você tem vivido em incessável condenação? Não é mais necessário! Aqueles que clamaram por libertação “por meio de Jesus Cristo nosso Senhor” e reconheceram a resposta da morte dentro de si mesmos para que não confiassem em si mesmos, mas em Deus, que ressuscita os mortos, para eles “*não há* condenação”. Pois “*em Cristo Jesus*” eles experimentam a força de uma nova lei, um Espírito de vida agindo interiormente, tornando-os livres da velha lei com seu reinado de pecado.

“Para a *liberdade* foi que Cristo nos libertou. *Permaneçei*, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão” (Gl 5.1). Procure caminhar passo a passo no

Espírito, pensando nas “coisas do Espírito” (Rm 8.5). Pelo poder do Espírito de vida que habita em você, perceba o fato de que é um filho ou filha do Pai, e se é um filho ou filha, então é herdeiro ou herdeira – herdeiro ou herdeira de Deus, e coerdeiro ou coerdeira com Cristo, e se você sofrer com Ele, também será glorificado com Ele (Rm 8.16-17).

CAPÍTULO 5

“Foi precisamente para esse fim que Cristo morreu e ressurgiu: para ser Senhor tanto de mortos como de vivos.” (Rm 14.9)

Crucificado com Cristo

“Porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim.” (Gl 2.19-20)

Paulo não hesita em referir-se à sua própria experiência, pois não prega aos romanos ou aos gálatas um evangelho *que ele mesmo não tem provado*. Ora, tudo o que escreveu aos romanos a respeito da morte do crente com Cristo ele resume nessa passagem personalizada em sua Epístola aos Gálatas.

Aos romanos, ele disse “nós” e “nosso”, mas aos gálatas ele disse “eu”! “Eu morri para a lei”, “Eu fui crucificado com Cristo”.

Nessas palavras, personificamos o significado mais profundo da libertação realizada no Calvário, e quanto mais simplesmente tomarmos a mensagem, mais rapidamente provaremos a palavra da cruz como o poder de Deus para libertar.

Esse “eu”, que tem sido a fonte central de toda a vida humana desde a Queda; esse “eu”, brada Paulo, foi “*crucificado com Cristo*”. E a lei foi o meio para me levar a esse lugar de morte – o lugar onde eu reconheci minha condição de desamparo, o lugar onde eu deixei de lutar e clamei pela ajuda de outro. A “lei” me trouxe a esse lugar onde morri para a lei por pura incompetência de obedecer-lhe⁶, por isso corri para me esconder na morte de Cristo... e agora morri com Ele.

É preciso lembrar que nenhuma palavra de Deus se esgota em uma aplicação. Quando somos guiados por Ele, encontramos a mensagem da cruz se abrindo com um significado cada vez mais amplo para atender a uma necessidade cada vez mais profunda. No início, compreendemos nossa morte com Cristo simplesmente em relação à

⁶ “O sentimento de fraqueza, ou prostração, ao qual o homem é reduzido pela operação da lei”, é “o processo de morrer de fato” (J. B. Lightfoot).

escravidão do pecado. Inicialmente, com os olhos colocados no Senhor crucificado morrendo por nós, ouvimos a declaração de Paulo em Romanos 6.6: “Nosso velho homem foi crucificado com Ele” e nos consideramos mortos para o pecado e deixamos de lado a “ira, indignação, maldade, maledicência, linguagem obscena do vosso falar” (Cl 3.8), e todas as “obras da carne” manifestas. Por meio disso provamos com alegria que a palavra da cruz é o poder de Deus para todo o que crê e descobrimos que o Cristo vivo é capaz de “salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus” (Hb 7.25).

Mas, mais cedo ou mais tarde, descobrimos que precisamos de uma libertação profunda. Nossa vida, de certa forma, ainda é centrada no *ego*, embora nos reconheçamos mortos de fato para o pecado e encontremos libertação das obras manifestas da carne. O *ego* se apresenta. A *autoenergia* ou *autocomplacência* no serviço, a *autopiedade* quando estamos sofrendo ao desejar o louvor das pessoas, a *autointrospecção* e o *autojulgamento* nas horas de tentação, a autossensibilidade no contato com outros, a *autodefesa* quando somos injuriados. Sim, e algumas vezes, acima de tudo, uma *autoconsciência* que torna a vida quase que um fardo. Essas são algumas das indignações do egocentrismo interior.

Na energia do ego, desejando ser totalmente do Senhor, às vezes podemos nos consagrar a Ele e com novo

vigor procurar servi-lo nos esquecendo da fonte *egocêntrica* de nossas atividades, até que estejamos exaustos; ou, encontrando pouco fruto espiritual de todo o nosso serviço, nossos olhos são abertos para vermos a inutilidade de toda a nossa “atividade criativa” para Ele.

É nesse ponto que o Espírito de Deus nos traz a “palavra da cruz” com uma mensagem renovada e abençoada de libertação – uma libertação que, para algumas vidas, significou consequências maiores do que a libertação da escravidão do pecado que elas provaram em dias anteriores.

O Senhor Jesus, em Seu chamado à cruz, tocou o *cerne* do problema na vida de cada pessoa quando disse: “Se alguém quer vir após mim, a *si mesmo* se negue” (Mt 16.24). O Senhor não disse seus *pecados* ou algumas coisas exteriores. Aquele que sabia o que estava no homem atingiu mais fundo do que as ações, até o próprio centro do ser humano, e disse “negue a *si mesmo*”.

Que um homem renuncie a *si mesmo* e veja a *si mesmo* crucificado com Cristo, e rapidamente outro – o próprio Senhor Cristo – ocupará o lugar central no coração e calmamente levará todas as coisas para baixo do Seu *domínio!*

“Refiro-me ao fato de cada um de vós dizer: Eu...” (1 Co 1.12), escreveu Paulo aos coríntios sobre a causa das

contendas naquela igreja; e em toda a Escritura, exemplo após exemplo, o “eu” é mencionado em suas diversas formas.

“Não é esta a grande Babilônia que *eu* edifiquei?” (Dn 4.30), proclama Nabucodonosor. “Então, *eu* direi à minha alma: [...] descansa, come, bebe e regala-te” (Lc 12.19), diz aquele cujo deleite estava no tesouro terreno. “[...] *eu* não sou como os demais homens [...]” (Lc 18.11) é a autoavaliação do homem moral. “[...] porque *eu* sou mais santo do que tu” (Is 65.5) é o pensamento interior do fariseu. “*Eu* estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma” (Ap 3.17) é a atitude dos autossuficientes. O “*eu sou*” deste ou daquele reflete o “eu” do cristão que caminha “segundo os homens”. “*Eu sou de Paulo*, e outro: *Eu, de Apolo*, não é evidente que andais segundo os homens?” (1 Co 3.4), escreve o apóstolo.

Mas o “eu” *crucificado com Cristo* era a carta de alforria de Paulo. Com essa mensagem da cruz, ele encarou todas as dificuldades dos cristãos de sua época. “Nós *que morremos*”, “*Todos morreram*”, “*Pois morrestes*” era sua reiterada declaração, quando lidou de forma prática com os filhos de Deus a respeito da atitude deles em relação ao pecado e aos elementos do mundo na Igreja de Deus. E as almas para as quais escreveu sabiam que ele o vivia em sua *própria* vida. Ele não disse “estou crucificado com Cristo” e então buscou o lugar mais alto, ainda que

pudesse ter “buscado glória” (1 Ts 2.6) como um apóstolo de Cristo.

“[...] *nada sou*”, escreveu ele aos coríntios, e “eu sou o menor dos santos”, aos efésios. “*Não mais eu*” era todo o espírito de sua vida, pois ele considerou todas as coisas como perda para ganhar a CRISTO e se tornou, por assim dizer, a escória de todas as coisas por amor a Ele.

Pois crucificado *com Cristo* é a invariável declaração de Paulo, e de qualquer ponto de vista que ele fale dos resultados da morte de Cristo, ele mantém de forma uniforme o Calvário como o fato básico. Em toda sua revelação da verdade, ele nunca vai além do âmbito da cruz. A palavra grega que o apóstolo usa em Gálatas 2.20 (também em Romanos 6.6) é uma forma composta que significa “*crucificar juntamente*”, e “crucificado *com Cristo*” deve ser o fato sobre o qual repousa nossa fé se tivermos de estar cientes da contínua libertação. Pois os olhos do coração devem estar voltados para o *Cristo crucificado*, e não para qualquer experiência interior subjetiva.

“Olhando para Jesus” é o caminho da libertação em todos os estágios da vida espiritual. Nós “olhamos” para Cristo em Sua cruz, assim como os israelitas olharam para longe da condição terrível deles, olharam para a serpente erguida no deserto – desviar o olhar de nós mesmos para o Calvário para a salvação –, e enquanto olhamos, *vivemos*. Novamente, “olhamos” e nos vemos crucificados

com Cristo, e na fé que nos une a Ele nos consideramos mortos de fato para o pecado e jogamos fora todo pecado conhecido, recusando deixar que ele reine sobre nós; e – na medida em que honestamente desejamos e esperamos a vitória – o Espírito Santo sela nossa fé com verdadeira libertação.

Mais uma vez, olhamos para o Calvário e vemos que *morremos para a lei*, pois Deus não diz mais “tu deves” para aqueles que estão em Cristo. Ao ceder à obediência à lei de Cristo, Deus envia o Espírito de Seu Filho ao nosso coração, onde clamamos “Abba Pai”, e aprendemos a olhar para Ele para o suprimento de todas as nossas necessidades.

Novamente “olhamos” para o Calvário, e com uma visão mais clara *nos vemos* – “*eu*” *crucificado com Ele*. Enquanto o Espírito ilumina a mensagem, maravilhamo-nos de não termos compreendido o maravilhoso segredo muito antes. Temos apenas de abrir caminho para o Cristo vivo, tomando Sua cruz como nossa, e Ele Se manifestará através de nós.

E isso é tudo? Não, não. Quando Aquele que morreu e ressuscitou ocupa o trono interior, em Sua luz veremos *a luz*; e à medida que novos segmentos de nosso complexo ser são trazidos para o holofote de Sua Presença, descobriremos cada vez mais as profundezas da nossa

necessidade e muitas vezes encontraremos no Calvário o lugar da vida.

“Crucificado com Cristo!” Sua cruz é *minha!* Eu estou lá *com* Ele. Eu consinto em compartilhar Sua cruz e encontro todas as coisas com “Não mais eu”, “Eu não tenho mais uma existência separada. Estou imerso em Cristo” (J. B. Lightfoot), então Ele, Aquele que vive, Se moverá através de mim, operando em mim o que é agradável aos Seus olhos.

CAPÍTULO 6

“Quando vier para ser glorificado nos seus santos e ser admirado em todos os que creram.” (2 Ts 1.10)

A Cruz e o Cristo Vivo

“Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive [...]” (Gl 2.19-20)

“Aproveu [a Deus] revelar seu Filho em mim”, escreve o apóstolo anteriormente nessa Epístola aos Gálatas. “[...] o mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; agora, todavia, se manifestou aos seus santos”, escreve ele aos colossenses. É um mistério que Deus tem *prazer* em revelar a Seus filhos – “a *riqueza da glória deste mistério* [...], isto é, *Cristo em vós, a esperança da glória*” (Cl 1.26-27).

Este é o fim, ou o propósito, da cruz. Estamos crucificados com Cristo para *dar espaço* para que Ele habite em nosso coração pela fé, e essa morada do Senhor Cristo é chamada de “mistério” – uma palavra que significa

“segredo”, algo escondido de nossa compreensão até ser revelado a nós.

Esse mistério não foi revelado sob a dispensação da lei. Então todo ser humano permaneceu de pé por suas próprias “obras” diante de Deus, exceto alguns, como Abraão, que, no Espírito, antecipadamente viram o “dia” de Cristo e se alegraram; eles viram as promessas de longe e as abraçaram. Mas durante a dispensação da Igreja é o propósito de Deus que o “mistério” seja proclamado a todas as nações, para que aqueles que forem “obedientes à fé” (Rm 16.25-26) possam compartilhar sua glória.

Paulo disse que foi feito ministro “para dar pleno cumprimento à palavra [o propósito] de Deus: o mistério” (Cl 1.25-26); e seu encargo de coração era que outros pudessem “ter toda a riqueza da forte convicção do entendimento, para compreenderem plenamente o mistério de Deus, Cristo” (Cl 2.2), que, “segundo uma revelação, me foi dado conhecer” (Ef 3.3). Especialmente o propósito eterno de Deus, que as pessoas de *todas* as línguas, tribos e nações compartilhassem as insondáveis riquezas de Cristo.

Paulo disse que para ele era um dom especial da graça ser escolhido por Deus para levar entre todas as nações tais boas novas e para trazer “luz a todos”, para que cada um possa compreender a “*dispensação do mistério*” – a confiança dada a cada um a quem é revelado de levar a mensagem a todos os povos, “para que [...] se torne

conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais” (os quais estão observando os tratamentos de Deus com uma criação caída), “pela igreja”, a multiforme sabedoria de Deus (Ef 3.10).

A revelação de Cristo em Paulo foi dada para que ele “*O* pregasse” (Gl 1.16), ele declara aos gálatas, e antecede seu testemunho, “Cristo *vive* em mim”, com as palavras “*estou crucificado com Cristo*” (Gl 2.19), mostrando claramente que a revelação do mistério de Cristo vivendo em nós depende de uma verdadeira e real implantação em Sua morte.

Quando o crente percebe esse ponto focal do Calvário em relação à sua experiência prática, todas as verdades de Deus assumem seu lugar em bela harmonia.

Nenhum ideal de vida é muito alto, uma vez que o crente tem apenas de abrir caminho para que o próprio Senhor *realize o ideal por meio d’Ele*. Nenhum mandamento de Deus para o serviço é grande demais, já que o próprio Cristo Se torna toda a sabedoria e poder dentro dele, enquanto ele mesmo, pela fé, se retira, por assim dizer, para a cruz e depois avança para todo serviço em confiança no Senhor que habita interiormente.

A própria *energia* de Deus entra em sua vida, e como ele prova com alegria o poder do Cristo ressuscitado trabalhando assim por meio dele, toda sua visão muda.

“[...] já tenho experiência [...] tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4.12-13) torna-se o brado de triunfante alegria; “[...] para mim, o viver é Cristo” (Fp 1.21), a ímpar alegria crescente; “[...] não ousarei discorrer sobre coisa alguma, senão sobre aquelas que Cristo fez por meu intermédio” (Rm 15.18), o simples testemunho; “[...] me afadigo, esforçando-me o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente em mim” (Cl 1.29), o espírito energizante de serviço dia após dia.

Oh vida abençoada! Quão descansados, felizes e livres somos quando o segredo é conhecido e a alma aprende a viver pela fé no Filho de Deus.

Mas, Paulo, isso significa que você se tornou uma máquina sem escolha pessoal ou desejos?

“Estou crucificado [...]; e esse viver que, agora, tenho”, brada Paulo. Eu não sou uma múmia, nem uma máquina! Eu sou um ser humano com sentimentos e desejos pessoais, esperanças e vontades.

Eu vivo ainda mais porque morri; pois a sensibilidade desse organismo humano, entorpecida pela escravidão ao pecado, agora se libertou para se tornar acentuada e viva. *Liberto* é minha condição – para não ser mais o meio de autossensibilidade, egoísmo ou amor-próprio, mas o meio vivificado para a manifestação do amor e da vida do Cristo que agora “*vive em mim*”.

“*Em mim*” – Paulo, o apóstolo –, que não sou digno de ser chamado apóstolo, pois eu persegui a Igreja de Deus.

“*Em mim*”, com todas as minhas próprias características, temperamento e gostos. Tudo isso vai compor a personalidade do “*eu*”. Cristo vive *em mim*.

No entanto, eu sei que não é mais o “*eu*” que é a fonte e o centro da minha vida. É “*não mais eu*”, mas a graça de Deus que me habilita a trabalhar mais abundantemente do que todos os outros apóstolos. Não é a *minha* vida, mas a vida que flui do *Cristo* vivo, que habita dentro do meu coração, que se manifesta através de mim.

Mas, Paulo, esta é uma percepção maravilhosa para você? Você se *sente* “morto” e percebe grande alegria e êxtase celestial por meio do Senhor ressuscitado habitando em seu coração?

Não, “esse viver que, agora, tenho na carne [corp], vivo pela *fé*”.

Mas que tipo de fé, Paulo? É por *sua* fé que você experimentou a morte com Cristo, e essa fé é um grande esforço ou peso a cada momento?

Não, é “*a fé no Filho de Deus, que me amou, e se entregou por mim*”.

Ah, bendita prova de que “eu” fui crucificado com Cristo! O “eu” sai do horizonte da visão da alma, e o Filho de Deus, no grande amor demonstrado por Sua morte na cruz, enche completamente o coração e a mente.

“[...] *a si mesmo se entregou por mim*” (Gl 2.20) torna-se o pensamento dominante da própria vida, e todas as coisas são vistas na luz e no amor do Calvário. A entrega às mãos transpassadas d’Aquele que morreu não traz nada além da mais doce alegria; e, ocupado com o *objeto* do amor, a fé n’Ele se torna uma atitude espontânea e inconsciente da alma. O crente não está mais preocupado com sua própria experiência ou com qualquer coisa na Terra *puramente em relação a si mesmo*, mas anseia com profundo desejo que Aquele que morreu veja o fruto resultante de Sua obra na cruz do Calvário e esteja satisfeito.

O Caminho da Fé

“[...] e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo na fé no Filho de Deus.” (Gl 2.20)

“[...] ante cujos olhos foi Jesus Cristo exposto como crucificado? [...] recebestes o Espírito pelas obras [...] ou pela [...] fé?” (Gl 3.1-2)

Paulo diz que “esse viver que, agora, tenho na carne” (Gl 2.20) ele vive “*pela fé no Filho de Deus*”. Até

mesmo seu próprio ato de fé parece ter ficado fora do alcance de sua consciência, pelo conhecimento seguro de Cristo vivendo e operando nele. O Senhor ressuscitado, tomando posse do crente, traz consigo o “*espírito de fé*”, e o ato de confiança momento a momento deve conseqüentemente tornar-se tão espontâneo e simples como respirar.

Mas há estágios de *transição* na vida espiritual, quando a alma é levada a um conhecimento de si mesma e de sua própria impotência para que possa conhecer a abundância de recursos no Senhor ressuscitado. Em tais tempos de transição, muitas vezes o crente tem de se apegar, em uma extrema provação, à palavra revelada de Deus de que está crucificado com Cristo. Frequentemente, novas tratativas com Deus serão necessárias, quando ele se compromete novamente com Ele e confia que Ele cumprirá nele Seus mais altos propósitos – quando ele, por assim dizer, lança sobre o Deus Fiel a *responsabilidade* de levá-lo, por meio de todas as provas, para os lugares mais amplos da vida em Cristo.

Devemos, em todos os momentos, atentar ao nosso relacionamento com Deus para que nossa fé esteja sempre no *tempo presente*. Com isso, queremos dizer que, ao nos apegarmos à Sua palavra de que *fomos* levados à cruz com o Crucificado, devemos definitivamente crer que Ele, “que vivifica os mortos e chama à existência as coisas que *não*

existem” (Rm 4.17), por Sua própria palavra criativa *agora* comunica e mantém a vida de Cristo em nós.

Com Jeová, *o falar é fazer*. Ele disse na criação do mundo: “Haja”, e houve. A palavra da cruz, vinda da boca de Deus, é a palavra de onipotência tanto quanto a palavra pronunciada na criação. Jeová aponta para Seu Filho na cruz e diz “*crucificado com Ele*”; a alma responde com “Amém, assim seja”. E com isso a mensagem da cruz se torna o poder de Deus em todos os que assim creem.

Em tempos de transição, o crente também tende a passar do *caminho da fé* para as “obras da lei” – ou o esforço próprio. O retorno às “obras da lei” era o perigo dos cristãos da Galácia. Possivelmente a primeira jubilosa experiência da obra do Espírito Santo neles havia passado, e não compreendendo claramente o pleno propósito da morte de Cristo e o caminho da fé no Senhor crucificado e ressuscitado, eles estavam em condições de se tornarem uma presa fácil para aqueles que procuravam atraí-los de volta à velha vida de confiança em si mesmos e em seus feitos.

O apelo do apóstolo a eles mostra claramente que o afastamento de sua visão do Calvário foi a causa de estarem expostos ao perigo, e por meio de suas palavras vemos também que a obra de Cristo na cruz deve ser a âncora da alma ao longo de todo o curso da vida cristã.

“Eu expus Cristo crucificado diante de seus olhos!” (J. B. Lightfoot). “Ó gálatas insensatos! Quem vos fascinou a vós outros?” (Gl 3.1), questiona o apóstolo, pensando no modo como Jesus Cristo foi abertamente exposto como crucificado entre eles, pois ele certamente não lhes havia anunciado menos do que o evangelho completo que havia pregado aos coríntios e aos romanos. Ele não sabia como eles puderam esquecer tal revelação da morte de Cristo e se voltarem para si mesmos.

Quem desviou seus olhos do Calvário e de tudo o que ele significa? Quem “*vos fascinou?*” (Gl 3.1). Alguma influência sutil veio sobre vocês. “*Insensatos!*”, brada o apóstolo. Eles, com a visão voltada para Aquele que morreu, tinham recebido o Espírito simplesmente crendo na “pregação da fé” (Gl 3.2) e tinham *provado* que a “palavra da cruz” era a energia de Deus, pois Deus os tinha suprido abundantemente do Espírito e até mesmo operado “*milagres*”, em resposta a terem recebido a “pregação da fé” (Gl 3.5).

Como Jesus Cristo tinha sido “exposto como crucificado diante dos olhos deles”, será que não tinham aprendido o significado de Sua morte? Antes que o caminho da fé fosse revelado, eles estavam “*sob a tutela da lei e nela encerrados*” (Gl 3.23) porque não podiam cumprir a lei; mas na cruz Cristo os redimiu e Se tornou maldito por eles, para que pudessem, em resposta *somente à fé*,

receber o Espírito Santo (Gl 3.13-14) para operar neles continuamente. Será que eles não sabiam que se tornaram filhos de Deus “*pela fé em Cristo Jesus*”, e todos quantos haviam sido “*batizados em Cristo*” foram colocados em Cristo, isto é, se “*revestiram*” de Cristo (Gl 3.27)?

Todos os sofrimentos que eles passaram foram em vão? Será que eles iam voltar a ser almas presas sob o chicote da lei em vez de entrar em todos os privilégios dos filhos de Deus? “*Meus filhos, por quem, de novo, sofro as dores de parto, até ser Cristo formado em vós*” (Gl 4.19), Paulo brada na angústia de sua alma. “Que insensatez voltar da simplicidade da confiança em Cristo para a confiança em si mesmo e em seus feitos. Só posso atribuir isso a algum poder maligno que tem ludibriado vocês, alguma influência ilusória que tem afastado vocês do Calvário.”

Infelizmente, tal influência tão sutil está em ação hoje entre o povo de Deus, desviando *a visão* deles do Cristo crucificado!

O adversário das almas sabe como “fascinar” para ficarmos insensíveis e nos afastar da cruz do Calvário. Suas artimanhas são inúmeras, e cada estágio do crescimento na vida espiritual é atacado por ele com essa armadilha particular; pois toda distorção da verdade e operação do erro podem ser atribuídas ao fracasso em guardar o Calvário e sua dupla mensagem como *o fato central da vida do crente*. Essa é a *verdade central* da qual todos os

outros aspectos da verdade de Deus irradiam. Todas as outras “linhas da verdade” devem ser consideradas, nunca para serem levadas ao limite extremo, mas mantidas dentro do raio da *cruz*.

Um olhar contínuo para Jesus Cristo crucificado, e uma firme dependência do Espírito de Deus para operar em nós o poder separador de Sua morte e para ministrarnos a vivificação de Sua vida, é o “caminho da fé” no qual Cristo pode ser “plenamente formado em nós” e o crente cresce até a “medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4.13).

Ó alma, redimida pelo precioso sangue de Cristo, se a “palavra da cruz” chegou até você no poder de Deus e você consentiu em ser crucificada com o Crucificado e verdadeiramente unida a Ele como o Senhor ressurreto, considere que você está crucificada. Dia após dia, volte a sua visão central para a cruz, louvando o Deus Trino porque você está lá com Aquele que morreu, e então:

1) Pela fé na obra de Deus, entregue à morte da cruz, sem demora, qualquer aspecto da velha vida revelado a você, contando com o Espírito Santo para dar testemunho da morte de Cristo, salvando-a da maldição. Sempre responda prontamente a tudo o que lhe for mostrado como algo que não é de Deus durante todo o curso de sua vida espiritual, pois Sua luz então brilhará sobre seus

caminhos e você verá até mesmo a sua própria “beleza” ser corrupção enquanto caminha na luz de Deus.

2) *Pela fé na fidelidade de Deus viva somente no momento presente* e, contando com o Espírito Santo para comunicar-lhe a vida de Jesus, lance-se sobre Suas forças e faça a “próxima coisa” que está em seu caminho do dever – crendo que é Deus que efetua em você tanto o querer como o realizar de acordo com Sua boa vontade (Fp 2.13). Se você falhar no caminho com seu Senhor, confie n’Ele, pela habilidade de Suas mãos, para colocá-la no caminho novamente e não se chicoteie com vãs lamentações, mas continue em Seu amor e deixe-se inteiramente em Sua proteção.

3) *Pela fé em Cristo ressurreto, caminhe com Ele*, recusando toda tentação de olhar para dentro de si mesma ou voltar-se contra si mesma. Deixe que Sua palavra habite em você ricamente, ensinando-lhe Sua vontade para seu modo de vida, e derrame os anseios de seu coração a Ele para que Ele possa Se mostrar através de você a todos ao seu redor.

4) *Pela fé você permanece. Não seja orgulhosa, mas tema*. Nenhuma experiência passada de Sua graça lhe valerá se você se desviar da simples dependência de seu Senhor. Você não tem poder a não ser aquele que recebe d’Ele hora após hora. Você tem um inimigo vigilante, pronto para enganá-la se você apenas lhe der espaço.

Guarde-se em segurança em seu Senhor, que intercede por você diante do trono de Deus; pois se você andar na luz, trazendo à luz as suas obras – para que seja mostrado a você se são “feitas em Deus” (Jo 3.21) –, o sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, a purificará de todo pecado, e você andará em abençoada comunhão com Ele.

“Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel” (Hb 10.23). “Se somos infiéis, ele permanece fiel, pois de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo” (2 Tm 2.13).

CAPÍTULO 7

“E, dizendo isto, Ihes mostrou as mãos e o lado. [...] E, havendo dito isto, soprou sobre eles e disse-Ihes: Recebei o Espírito Santo.” (Jo 20.20, 22)

A Cruz e o Espírito Santo

“Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar [...] a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido.” (Gl 3.13-14)

Essas palavras do apóstolo Paulo, em sua Epístola aos Gálatas, mostram que o dom do Espírito Santo está baseado na obra de Cristo na cruz do Calvário.

O Espírito da verdade, que procede do Pai (Jo 15.26), é enviado pelo Filho a cada um de Seus remidos com o propósito especial de *ensinar-Ihes* as coisas de Deus (Jo 14.26), de *recordar-Ihes* as palavras de Cristo, de sempre e somente *dar testemunho* de Cristo (Jo 14.26) e de

guiar cada alma a toda a verdade. Ele não fala de Si mesmo, mas comunica a mente do Pai e do Filho àqueles de quem Ele Se encarregou (Jo 16.13-14), revelando-lhes o propósito eterno de Deus. Ele glorifica Cristo em todos os Seus remidos, tomando de toda a Sua plenitude e declarando-a a eles.

Foi no cenáculo em Jerusalém, no dia de Sua ressurreição, que o próprio Jesus veio e Se apresentou no meio de Seus discípulos. Mostrando-lhes Suas mãos e Seu lado com as marcas de Sua cruz neles, “soprou sobre eles e disse-lhes: *Recebei o Espírito Santo*” (Jo 20.22). Novamente após a ascensão, estando “à destra de Deus”, Ele recebeu do Pai a promessa do Espírito Santo e O derramou sobre aquele grupo que esperava na Terra, que “*unânime*” perseverava em oração, esperando a “*promessa do Pai*” que o Senhor tinha dito que viria a eles para equipá-los para a obra, em cooperação com o Espírito, de testemunhar a morte e ressurreição do Filho de Deus.

Como o Espírito de Deus ensinou os discípulos e iluminou para eles as palavras de Cristo; como Ele os guiou à verdade totalmente estranha às ideias preconcebidas e ao ambiente deles; como Ele deu testemunho de Cristo e comunicou a mente e a vontade do Pai e do Filho aos redimidos na Terra; como Ele glorificou a Cristo e tomou de Sua plenitude e a declarou a eles – o livro de Atos dos apóstolos demonstra.

Por meio do apóstolo Paulo, fielmente ensinado pelo Espírito, aprendemos que Sua habitação e possessão de toda alma crente é somente com base no Calvário. “*Cristo nos resgatou [...]*”, escreve ele, “*a fim de que recebêssemos [...] o Espírito prometido*” (Gl 3.13). A palavra “resgate” nos leva de volta ao Calvário, onde fomos resgatados “pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo” (1 Pe 1.19). Não somente isso, mas Cristo Se tornou uma *maldição* por nós, para que pudéssemos receber o Espírito! Ele nos resgatou “fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro), *para que [...]* recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido” (Gl 3.13-14).

A dupla mensagem do Calvário está assim claramente ligada ao dom do Espírito Santo, pois se Cristo Se tornou maldito por nós, então *nós somos os malditos* a favor dos quais Ele foi pendurado em um madeiro; e como nosso Representante, Ele nos levou para o madeiro com Ele.

Que a maldição da cruz está associada à promessa do Espírito também é profundamente sugestiva pelas condições sobre as quais Ele pode operar livremente em nós. Pois é somente quando percebemos que somos “malditos” em tudo o que somos em nós mesmos que aceitamos de bom grado a mensagem do Calvário de que fomos

crucificados com Aquele que morreu em nosso favor e abrimos espaço para a plena morada e atuação do Espírito Santo.

“A cruz leva ao Espírito, e o Espírito volta novamente à cruz” (Andrew Murray). Somente pela morte de Cristo a alma pode receber o Espírito; e somente pelo Espírito Santo, assim recebido, o crente pode estar vitalmente unido à morte de Cristo para conhecer com segurança a habitação do Senhor ressuscitado e verdadeiramente poder dizer: “Eu fui crucificado com Cristo – Cristo vive em mim!”. Mais uma vez, é verdade que *somente por meio de uma comunhão ainda mais profunda* com Cristo em Sua cruz podemos conhecer o Espírito Santo em plenitude e poder.

As palavras de Paulo aos gálatas também ilustram isso, pois ele apela para sua pregação sobre o Calvário como a base da obra do Espírito Santo neles. E ainda é evidente que, apesar de terem recebido manifestamente o Espírito, eles precisavam de um conhecimento mais claro da cruz, pois se tivessem visto sua morte com Cristo tão plenamente como Paulo tinha visto, não estariam dispostos a voltar ao velho plano do esforço próprio. Os gálatas não tinham percebido a *maldição* da lei que veio sobre toda alma que falhou até mesmo em um ponto na obediência à lei, por isso não tinham chegado ao fim de toda autossuficiência. Eles tinham *começado* “no Espírito”, mas não

sabiam como *viver* “no Espírito” naquela mesma base de fé do Filho de Deus crucificado que O havia trazido para a vida deles no princípio.

É urgente que as palavras de Paulo aos crentes da Galácia venham hoje com ênfase renovada, pois muitos dos filhos e filhas de Deus precisam de uma visão mais clara da cruz do Calvário em relação à obra do Espírito Santo na alma. Pois o Espírito Santo *opera somente com base no Calvário*, e o grau de apreensão de tudo o que a morte de Cristo significa para aqueles que Ele redimiu é o grau de Sua possessão pessoal do crente.

A cruz conduz ao Espírito! Por meio da obra expiatória de Cristo, todo coração rendido pode receber o Espírito Santo; e em resposta à *rendição* do receptor Ele toma posse, “purificando-lhes pela fé o coração” (At 15.9).

O Espírito conduz à cruz! Isso está claramente delineado na vida do Senhor Cristo. Os céus foram abertos, e o Espírito Santo veio sobre Jesus em Seu batismo no Jordão, quando (como um tipo) Ele entrou nas águas da morte e escolheu ser identificado com os pecadores; mas este não era o verdadeiro Calvário. Foi “*por meio do Espírito Eterno*” que veio sobre Ele no Jordão que Jesus também decisivamente voltou Sua face para ir a Jerusalém e foi capacitado a beber o verdadeiro cálice da morte no Calvário. Após a cruz, pelo Espírito de Deus Ele foi vivificado e

ressuscitado dos mortos, para receber da destra do Pai a unção sobre os Seus.

Este também é o padrão para todos os que seguirão Seus passos. Por meio de nossa entrega a Deus e da aceitação da cruz – tipificada pelo Jordão – o Espírito Santo ganha a posse da cidadela do coração; e então Ele procura guiar o crente à comunhão real da cruz, operando em constante progresso de dentro para fora, do centro para a circunferência – tratando com novas áreas da vida, revelando novas necessidades e revelando a cruz, aspecto após aspecto, como a resposta a essas necessidades. Ele aplica a morte de Cristo como o poder separador da vida antiga e ministra a vida do Cristo ressuscitado para a edificação da nova criação.

Pode-se dizer que o crente está “*cheio*” do Espírito quando ele recebe o Espírito pela primeira vez, mas ele está cheio apenas na medida de sua capacidade naquele momento. A capacidade pode ser pequena, e *permanecerá pequena* a não ser que ele perceba que o Espírito conduz à cruz, para que a capacidade possa ser aprofundada e uma maior plenitude do Espírito Santo seja verdadeiramente conhecida.

De fé em fé, o Espírito Santo conduz aquele que confia enquanto coopera com Ele por meio de um contente e pronto “sim” a todos os Seus tratamentos, até que, na aparição do Senhor no céu, o próprio corpo de humilhação

seja transformado e feito semelhante ao Seu glorioso corpo; ou se a morte física for a vontade de Deus para o redimido, o Espírito Santo ministra vida tão abundante em Cristo que ele não “vê a morte”, mas apenas adormece, para estar “para sempre com o Senhor”. A mortalidade é então “*absorvida pela vida*”. “Ora, foi o próprio Deus quem *nos preparou para isto*, outorgando-nos o penhor do Espírito” (2 Co 5.4-5).

Cheio da Plenitude de Deus

“[...] me ponho de joelhos [...] para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior; e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé [...], e conhecer o amor de Cristo [...], para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus.” (Ef 3.14, 16-19)

Essas palavras resumem brevemente o propósito da obra do Espírito Santo no crente. Paulo ora pelos Efésios para que eles possam ser “*fortalecidos com poder*” por meio do Espírito, “para que Cristo possa habitar” em seus corações pela fé. O Espírito Eterno do Pai toma posse do redimido com o propósito expresso de revelar a habitação interior do Filho. Ele fortalece o crente para o cumprimento das condições necessárias para que o Cristo seja

plenamente formado interiormente – das condições que já vimos esclarecidas nas palavras de Paulo aos gálatas: “Estou crucificado com Cristo – Cristo vive em mim”.

A *fé* da parte do redimido é novamente mencionada aqui. A fé é inexistente à parte de seu objeto. A fé é simplesmente confiança na Palavra de Deus, com o caráter de Deus por trás de Sua palavra! “A fé vem pelo *ouvir*” e é despertada no coração receptivo pelo próprio Espírito de Deus enquanto Ele fala a Palavra de Deus à alma. “*Fostes ressuscitados mediante a fé no poder de Deus* que o ressuscitou dentre os mortos” (Cl 2.12), escreveu Paulo aos colossenses.

Portanto, somos lançados sobre o Espírito Santo para todos nós sermos supridos das nossas necessidades, incluindo até mesmo a própria fé pela qual devemos cooperar com Ele e nos apropriar de tudo o que o Senhor Cristo realizou por nós em Sua morte na cruz.

A *incredulidade* é descrita pelo Senhor como pecado, embora frequentemente lamentemos por ela ser como uma “enfermidade” que deve ser suportada como uma aflição pela pobre alma sob seu poder. Mas devemos tratar a incredulidade como *pecado*; confessá-la a Deus como *pecado*; renunciá-la como *pecado*; e contar a libertação dela por meio da morte de Cristo, tanto quanto de *qualquer* outro pecado reconhecido.

Olhemos mais uma vez para o Calvário. Estamos *crucificados* com Cristo, portanto contemos com Ele como Aquele que vive para nos dar o “*espírito de fé*”. E então, cessando nossas próprias obras na luta para “*crer*”, descansemos – por assim dizer – sobre Sua palavra, e nos será dada uma confiança pueril e confiante n’Ele e nos será ensinado a viver na fé do Filho de Deus, assim como Ele viveu na do Pai.

Quando Cristo é assim revelado dentro da alma, o Espírito de Deus conduz o crente, e ele é “*fortalecido para compreender*” com todos os santos a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do amor de Cristo. A manifestação suprema desse amor foi manifestada em Sua morte no Calvário. “*Fortalecido para compreender!*” A força divina é necessária, pois a compreensão vem somente pela participação em Seus sofrimentos. A compreensão dos sofrimentos do outro apenas com a mente não cria a comunhão que é produzida por trilhar o mesmo caminho. “*Bebereis o cálice que eu bebo*”, disse o Mestre a Seus discípulos.

Mas ser “*fortalecido para compreender*” algo do amor que levou Cristo ao Calvário não é tudo. “Para que possais ser *cheios*”, escreve o apóstolo. E até que ponto, Paulo? “*Até toda a plenitude de Deus!*”

Mas isso está além do nosso poder de compreensão, ó fiel apóstolo da cruz. Sim, mas Ele “é poderoso para

fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos” ou até mesmo “*pensamos*” – pois as meras concepções da mente não têm lugar aqui! “Conforme o Seu *poder que opera em nós*” (Ef 3.20). Podemos ser cheios do amor de Cristo – cheios, e cheios, e *cheios* até toda a plenitude de Deus, sim, como quando “as águas tinham crescido, águas que se deviam passar a nado”! (Ez 47.5).



“Oh, que eu conheça esta vida abençoada!”, que esse seja o clamor no coração de alguns que leram essas palavras. Você, filho ou filha de Deus, se está tentando em vão efetuar a libertação do Calvário sem confiar no Espírito operante de Deus, abra todo o seu ser a Ele e se entregue em Suas mãos. Renda-se a Ele para se unir vitalmente ao Crucificado e para revelar dentro de você o Senhor vivo.

Você está disposto a uma obediência implícita a Ele a qualquer custo? Você dará a Ele o pleno direito de dirigir a sua vida? Você está agora pronto para a *mensagem de fé*? Então, mais uma vez, volte ao Calvário. Ao olhar para Aquele que morreu, ouse crer na palavra escrita de Deus de que você *morreu* com Ele e a sabedoria de Deus misteriosamente será revelada a você pelo Espírito Eterno.

“Mas o que é a *unção* do Espírito”?

Você está a serviço do Rei? Quando o Espírito Santo revelar o Cristo em você, entenderá que seu Senhor não só habita em você, mas que você é um membro do Corpo de Cristo; e quando você é levado para o seu lugar no Corpo, o óleo sagrado que ungiu o Cristo acima dos Seus fluirá para as orlas de Suas vestes, até mesmo sobre e através de você, unindo-o para todo o serviço na vontade de Deus.

O próprio Cristo operará através de você poderosamente pelo Espírito Santo quando você se entregar à Sua vontade. Mas lembre-se: “Os *dons são diversos*, mas o Espírito é o mesmo”; “E há *diversidade nas realizações*, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos”; “Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente” (1 Co 12.4, 6, 11).

O Filho de Deus foi ungido com o óleo de alegria como a nenhum dos Seus companheiros porque Ele “amou a justiça e odiou a iniquidade” (Hb 1.9). Mesmo assim, o Cristo levará você a um profundo ódio pelo pecado e a um amor por tudo o que diz respeito à justiça de Deus; você amará o Senhor não somente como um Deus de amor, mas também como o Deus de terrível santidade. Você cobiçará a severidade de Deus sobretudo em você mesmo que é diferente d’Ele e de bom grado será corrigido para que possa se tornar um participante de Sua santidade. Assim você se

tornará unido em laços mais estreitos com seu Senhor e um participante na unção d'Aquele cujo cetro é um cetro de “justiça” ou “equidade” (Hb 1.8).

Sabendo que você deu lugar ao Espírito Santo, agora caminhe passo a passo no Espírito, dependendo somente d'Ele e buscando somente Sua vontade e prazer; assim Ele conduzirá e ensinará você a permanecer em seu Senhor, sendo ajustado em seu lugar no Seu Corpo místico. E saberá que “a unção *que dele recebestes* permanece em vós [...]; mas como a sua unção vos ensina a respeito de todas as coisas, e é verdadeira, e não é falsa, permaneci nele, como também ela vos ensinou” (1 Jo 2.27).

CAPÍTULO 8

“[...] ofereci-vos A DEUS, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, A DEUS, como instrumentos de justiça.” (Rm 6.13)

O Lado da Vida da Cruz

“[...] um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou.” (2 Co 5.14-15)

Foi dito corretamente que há dois lados para a cruz: o lado terreno, que significa a libertação negativa pela *morte*, e o lado celeste, que fala da *vida* em união com o Senhor vivo. Como a substituição de Cristo *pelo* pecado e a morte com Cristo *para* o pecado são, para todos os que creem n’Ele, *indivisíveis*, assim a morte e a vida não devem ser divididas ao longo de todo o curso da vida cristã.

“Porque se fomos unidos com ele na *semelhança da sua morte*”, escreve Paulo aos romanos, “certamente, o seremos também *na semelhança da sua ressurreição*”

(6.5). É, como vimos, a obra do Espírito Santo nos tornar realmente “*participantes de uma união vital*” compartilhando “*a realidade de Sua morte*” – como uma união real, “como a de um enxerto com a árvore em que é enxertado” (nota de William John Conybeare sobre Romanos 6.5).

O que significa tal união vital só pode ser conhecido pela ação do Espírito Santo em resposta a uma fé que repousa sobre a obra de Cristo na cruz do Calvário.

O Espírito Santo empunhará a “palavra da cruz”, que é “viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes”, e com ela penetrará até a divisão da alma e do espírito, das juntas e medulas, revelando os pensamentos e intenções do coração – separando a velha da nova vida, até que a vida que vem do alto tenha desimpedido os obstáculos e o redimido viva verdadeiramente no lado da vida da cruz.

Mas devemos lembrar que não há “*vida de ressurreição*” à parte do Senhor ressuscitado. Fomos plantados na “*Sua morte*”; foi *com Ele* que fomos crucificados, e *a Ele*, como Aquele que vive, estamos unidos para que n’Ele, como nossa esfera, possamos caminhar em novidade de vida. A vida de ressurreição também é uma vida contínua. Não é uma experiência pela qual passamos em alguma crise há muito tempo, mas é a união com um Cristo vivo – *Ele mesmo* a própria ressurreição – habitando em nós e expondo a Sua poderosa energia por meio de nós, à medida

que preenchamos as condições que permitem que Ele o faça.

Além disso, essa vida não pode ser *copiada*, e nenhuma afirmação de possuir a vida de ressurreição pode trazê-la à existência. Mas nenhuma afirmação dessa vida é *necessária* quando ela está presente, pois ela é sua própria testemunha por seu poder manifestado.

Graças a Deus, a vida em união com Cristo é uma *vida real*, um poder dinâmico que é indiscutível, conduzindo a alma a um relacionamento tão vivo com o Cristo ressurreto a ponto de fazê-la conhecer um pouco dos “*poderes da era vindoura*” e assim ver as coisas atuais do ponto de vista da eternidade, de modo a elevá-la acima dos atrativos e absorventes interesses das coisas na Terra.

No lado de ressurreição da cruz, o Espírito Santo ilumina a cruz do Calvário até que “Jesus Cristo crucificado” se torne “exposto” diante dos olhos do coração e novos aspectos de Sua morte estejam sempre sendo ensinados à alma; pois até que se conheça a libertação da escravidão do pecado, com a consequente purificação do coração e da vida, o Senhor não recebe Seu lugar no trono no coração e as lições mais profundas do Calvário não podem ser comunicadas pelo Espírito Santo.

Em 2 Coríntios 5.14 e versículos subsequentes, o apóstolo Paulo apresenta uma figura da vida no lado de

ressurreição da cruz e expõe claramente a morte no Calvário como a base para essa nova vida de Deus.

O Poder Motriz da Nova Vida

“O amor de Cristo nos constrange.” (2 Co 5.14a)

A palavra “constrange”, que Paulo usa, ocorre várias vezes no grego do Novo Testamento para expressar um “poder” ou restrição que é avassalador ou irresistível. Ela é traduzida como “pressionado” em Filipenses 1.23 (NVI) e é a palavra usada pelo próprio Senhor quando fala do batismo de sofrimento diante d’Ele e diz que está “angustiado” até que se realize (Lc 12.50).

É a palavra usada para descrever a forma de segurar dos “que *detinham Jesus*” (Lc 22.63), e usada novamente para o povo “*possuído*” com grande medo na presença de Cristo e para a sogra de Simão “*tomada*”⁷ com uma grande febre.

Esses exemplos, e sua conexão, trazem luz ao sentido em que a palavra é usada por Paulo ao falar do amor de Cristo que o constrange. Ele o mantém em uma “restrição”, limitado por um curso do qual não há desvio. Ele é “tomado” por esse grande amor; completamente *dominado*

⁷ Nas versões brasileiras essa palavra foi suprimida.

por ele, de modo que ele é instado e impelido a seguir em um único curso como uma torrente varrendo tudo o que aparece em seu caminho.

Certamente tal era o amor de Cristo, que Aquele que estava em igualdade com Deus não considerou isso um prêmio ao qual se apegar, mas Se esvaziou e Se humilhou para Se tornar, à semelhança do homem, obediente até a morte – até a morte de cruz.

E esse amor é a *força motriz* da nova vida em união com o Senhor vivo: um amor derramado no coração pelo Espírito Santo, um amor que deixa de lado todo amor-próprio e todo interesse próprio e detém completamente a alma em seu poder.

A Base da Nova Vida

“Um morreu por todos; logo, todos morreram.” (2 Co 5.14b)

Como é seu costume, Paulo mostra claramente que a morte de Cristo é a *base* da nova vida. Em nenhuma outra passagem ele condensa a dupla mensagem da cruz em uma sentença tão sucinta. O Salvador foi o substituto dos pecadores – Ele “*morreu por todos*”; e todos por quem Ele morreu morreram com Ele – “*logo, todos morreram*”.

“O amor de Cristo nos constrange”, brada Paulo, porque eu estava no Calvário, e na morte do Homem que morreu vi também minha morte. Morri com Ele, e em comunhão com Ele em Sua morte todas as barreiras do ego foram quebradas. O amor que levou Jesus ao Calvário é o amor que foi derramado em meu coração pelo Espírito Santo e agora me constrange como *O* constrangeu e *O* impeliu para a cruz.

O Objetivo da Nova Vida

“E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou.” (2 Co 5.15)

Aqueles que “morreram” com Ele agora “*vivem*” em Sua vida. Eles compreendem que foi “*por eles*” que Ele morreu, “*por eles*” que Ele vive; assim, por amor a Ele, eles consentem de bom grado não mais viverem para si mesmos, mas para Ele.

Eles compreendem que foram crucificados com Ele, e agora Aquele que morreu e ressuscitou preenche toda a visão deles, constrangendo-os a apresentar seu corpo como um sacrifício vivo, “santo e agradável a Deus”, que é seu “sacrifício vivo” (Rm 12.1).

O Poder Divisor da Cruz

“Assim que, nós, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne.” (2 Co 5.16)

À luz da cruz, Paulo olha para o mundo de um ponto de vista diferente daquele que ele tinha quando, como fariseu, andava pelas ruas de Jerusalém.

Antes ele era um “hebreu de hebreus”. Ele não podia “se dar com os samaritanos”. Mas todo o seu preconceito de exclusividade de casta morreu à luz do Calvário e por causa de sua vida em união com o Senhor ressuscitado. “A ninguém conhecemos segundo a carne”, brada Paulo, pois vivo agora na esfera onde todas as distinções foram eliminadas, onde “não pode haver judeu nem grego, porém Cristo é tudo em todos”.

Paulo ainda está separado das pessoas, na verdade, mas agora não com a santidade exclusiva que dizia “fica onde estás, não te chegues a mim, porque sou mais santo do que tu” (Is 65.5). Ao contrário, ele está separado para Deus pela presença interior do próprio Santo. Embora vivendo para Deus, ele está *mais próximo das pessoas*, pois as vê como almas “pelas quais Cristo morreu”, e sabe que “não há *distinção* entre judeu e grego” aos seus olhos, “uma vez que *o mesmo é o Senhor de todos*” e é “*rico para com todos os que o invocam*” (Rm 10.12). Ele está separado pela cruz do orgulho exclusivista da Terra para

estar com todas as pessoas no lugar de Cristo e, como era o seu Senhor, ser o servo de todos.

Paulo reconhece, entretanto, a possibilidade de um conhecimento de Cristo “segundo a carne”, um estado do qual a cruz separa pelo poder do Espírito Santo. Esse conhecimento de Cristo é, por assim dizer, *exterior*, o mesmo que os discípulos tinham d’Ele antes do Calvário – conhecendo-O e, contudo, não O conhecendo como Ele realmente era no interior do véu do Seu corpo humano.

Mesmo assim, hoje é possível conhecer o Cristo histórico. Sua vida, Sua morte, Sua ressurreição e ascensão, todos estes podem ser fatos exteriores, conhecidos pela mente, mas não exercendo nenhum poder real na vida. A participação na morte de Cristo muda tudo isso, pois no *lado da vida* da cruz o Espírito Santo revela o Senhor ressurreto, e Ele é conhecido “segundo o Espírito” como *Aquele que Vive*.

A Nova Vida em Cristo

“E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas.” (2 Co 5.17)

O “assim” nos versículos 16 e 17 apontam para o versículo 14. Se alguém está em Cristo – batizado em *Sua*

morte –, através da porta da cruz entra na esfera onde Cristo Se torna seu *ambiente*, bem como sua nova fonte de vida. Unido ao Cristo vivo, para ele as coisas velhas passam, pois *em Cristo* há uma *nova* criação, não apenas um remendo ou melhoria da velha.

No *lado da vida* da cruz, é dito que a alma unida ao Cristo vivo é revestida do “*novo homem*” (Cl 3.10-11).

Pelo suprimento diário do Espírito de Jesus (Fp 1.19) o “novo homem” “se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou” (Cl 3.10-11) e cresce *à semelhança d’Aquele que o criou*, na esfera onde “Cristo é tudo e em todos”. Uma criança cresce naturalmente à semelhança de seu pai, e a nova vida comunicada aos remidos cresce à semelhança d’Aquele que é o Criador da nova criação – isto é, a morte com Cristo é inflexivelmente reconhecida e permite-se que as “coisas velhas” verdadeiramente passem para dar lugar ao crescimento do novo homem, “criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade” (Ef 4.24).

O Novo Serviço para os Outros

“E tudo isso provém de Deus, que [...] nos deu o ministério da reconciliação [...]. De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo [...]” (2 Co 5.18, 20, ARC).

É para o *novo homem* em Cristo – que claramente conhece sua separação para Deus e não conhece mais as pessoas em termos terrenos, mas em nome d’Aquele que morreu por todos – que Deus confia “*o ministério da reconciliação*”. A leitura alternativa na margem da ASV⁸ é sugestiva, pois diz que Deus coloca *em* Seus embaixadores a mensagem da cruz – a “palavra da reconciliação”.

Ela está escrita em seu coração, forjada em seu próprio ser, assim como quando Ezequiel “comeu o rolo” antes de falar as verdadeiras palavras de Deus a Israel. Os embaixadores de Cristo estão preparados para que possam realmente falar em nome de Cristo “em lugar de Deus”.

Por meio deles a “palavra da cruz” é manifestamente o poder de Deus, pois estão “cooperando com Aquele” que por meio deles exorta as almas pelas quais Ele morreu que não “recebam em vão a graça de Deus”, mas deem ouvidos ao Seu chamado neste “dia da salvação” (2 Co 6.1-2).

8 American Standard Version – Versão Americana Padrão.

A Vida Exterior Retratada

“[...] não dando nós nenhum motivo de escândalo [...]. Pelo contrário, em tudo recomendando-nos a nós mesmos [...]” (2 Co 6.3-4)

À medida que avançamos a partir da base da nova vida, dada em 2 Coríntios 5.14, vimos retratada, em constante progressão, as características dessa vida que jorra do Calvário e é vivida em união com Aquele que morreu e ressuscitou.

“*Não mais para si mesmos*” é a decisão fixa; “*mas para Aquele que por eles morreu*” é o alvo imutável; “*vejo todas as almas como aquelas pelas quais Ele morreu*” é o princípio da ação para com os outros; “*as coisas velhas passaram*” é a atitude contínua para com o passado; “*Ele colocou em mim a palavra de reconciliação*” é a constante responsabilidade para com os outros; “*devo cooperar com Ele*” é a atitude de constrangimento e vigilância dia após dia.

“*Não mais para si mesmos*” é mostrado em vívida lição objetiva no breve esboço da própria vida do apóstolo (veja 2 Coríntios 6.4-10). Suas circunstâncias exteriores demonstravam aflições, dificuldades, angústias, açoites, prisões, tumultos, trabalhos, vigílias, jejuns; mas a nova vida manifestava-se em muita paciência, pureza, conhecimento de Deus, longanimidade e bondade – uma vida

verdadeiramente vivida “no Espírito Santo”, em amor genuíno, proferindo a palavra da verdade no poder manifestado de Deus.

Protegido pela armadura da justiça de todos os lados, Paulo tinha vivido essa vida por meio da glória e da desonra, por infâmia e por boa fama. Ele tinha sido considerado um enganador, e ainda assim era verdadeiro; era desconhecido, e ainda assim bem conhecido; como se estivesse morrendo, e ainda assim vivia pelo poder da vida renovada dentro dele. Ele foi castigado com o sofrimento mais agudo, mas não morto, pois o inimigo não podia tocar sua vida. Ele ficava triste com toda a necessidade do mundo moribundo, mas sempre se alegrava n’Aquele que tinha aprendido a conhecer. Ele era pobre em todos os sentidos, mas enriquecendo muitos com tesouros eternos; não tendo nada em ou para si mesmo, mas possuindo todas as coisas em Cristo, em quem estão escondidos *todos* os tesouros da sabedoria e do conhecimento.

Não há espaço para *viver para si mesmo* neste padrão, ó filho e filha de Deus. E na medida em que estiver verdadeiramente unido ao seu Senhor e conformado à Sua morte, conhecerá em sua medida essa vida que jorra do Calvário – e andarás como Jesus andou, para a glória e louvor de Deus.

Meça tua vida pela perda em vez do ganho;
Não pelo vinho bebido, mas pelo vinho derramado;
Pois a força do amor está no sacrifício do amor –
E quem sofre mais tem mais para dar.

CAPÍTULO 9

“[...] Jesus [...] sofreu fora da porta. Saíamos, pois, a ele, fora do arraial, levando o seu vitupério.” (Hb 13.12-13)

Crucificado para o Mundo

“Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo.” (Gl 6.14)

No lado da ressurreição do Calvário, o apóstolo olha para o mundo e vê a cruz mais uma vez em seu poder separador, que está entre ele e o mundo. Vendo a luz de Deus fluir sobre o Calvário, ele brada: “Longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz”.

O apóstolo é levado a essa irrupção ao lembrar de alguns que se esquivavam da perseguição associada à cruz. A cruz era uma “ofensa” especialmente nos dias de Paulo, pois oferecia salvação plena e de graça a todos os seres humanos, judeus ou gentios, independentemente do ritual exterior da circuncisão. Isso significava o fim do

judaísmo com sua exclusividade e seus mandamentos car-
nais. Aquele que é Espírito em essência doravante busca-
ria adoradores que O adorassem em espírito e em verdade,
discípulos que oferecessem a Ele sacrifícios espirituais de
louvor no templo espiritual do coração (Jo 4.23-24).

Pregar tal evangelho de necessidade significa
ofensa e agradar mais a Cristo do que as pessoas.

Não, significa mais. “*Estou crucificado* com Cristo
até mesmo para o mundo religioso”, brada Paulo. “Se eu
pregar a cruz como o Senhor Cristo a revelou para mim,
vejo que Sua cruz será o instrumento de minha crucifica-
ção como foi da Sua. Na verdade, já sofri a perda de todas
as coisas, mas Deus me livre de pensar em todos os meus
sofrimentos por Cristo; ao contrário, deixe-me gloriar-me
em Seus sofrimentos por mim. À luz de tudo o que o Cal-
vário significou para *Ele*, a ofensa da cruz é o meu orgu-
lho”.

Lightfoot coloca as coisas desta maneira: “Deus
me livre de me gloriar em qualquer coisa, exceto na cruz
de Cristo. Nessa cruz fui crucificado para o mundo, e o
mundo foi crucificado para mim. A partir de agora estamos
mortos uns para os outros. Em Cristo Jesus, as coisas ve-
lhas já passaram. A circuncisão é nada, e a incircuncisão
é nada. Todas as distinções externas desapareceram. A
nova criação espiritual é tudo em todos”.

Uma visão do Calvário como essa só pode ser apreendida no lado da *vida* da cruz, quando à luz de Deus ela se destaca em toda a sua glória como a sabedoria e o poder de Deus.

Nos primeiros dias nos esquivamos das exigências da cruz, pois ela parece falar apenas de separação e morte, mas à medida que a alma caminha em íntima comunhão com Aquele que vive, sua morte no Calvário se torna iluminada pela luz celestial, e a visão se torna cada vez mais aguçada para ver as profundezas dos sofrimentos de Cristo e as glórias que se seguirão, “coisas essas que anjos anelam perscrutar” (1 Pe 1.12).

Para Paulo, a cruz é, por assim dizer, um grande abismo colocado entre ele e toda fase deste “presente mundo mau”. Crucificado com Cristo, ele não é só liberto da tirania do pecado e das reivindicações da lei, mas do próprio mundo em todos os seus aspectos.

O Senhor Cristo morreu “para nos desarraigar deste mundo perverso” (Gl 1.4); na cruz, para nos libertar “*do império das trevas*” (Cl 1.13) – dos “dominadores deste mundo tenebroso” (Ef 6.12) – e nos transportou “para o reino do Filho do seu amor”. Estamos, portanto, crucificados para o mundo, não simplesmente as coisas “mundanas”, mas *para o próprio mundo*. E, crucificados com Cristo, devemos esperar que o mundo olhe para nós como olhou para Ele quando estava pendurado no madeiro.

Pregados com Ele, também devemos olhar para o mundo *da* cruz e com o espírito de Jesus crucificado orar por aqueles que estão nos pregando naquela cruz.

Para que possamos ver o mundo à luz da cruz, vamos mais uma vez para o lugar chamado Calvário e vejamos alinhados contra o Santo de Deus todos os elementos que compõem este mundo perverso e saibamos o que todos os que estão unidos a Cristo devem esperar se estiverem dispostos a sofrer com Ele para que também possam ser glorificados com Ele.

“Os soldados, pois, quando crucificaram Jesus, tomaram-lhe as vestes [...]. Disseram, pois, uns aos outros: Não a rasguemos, mas lancemos sortes sobre ela para ver a quem caberá” (Jo 19.23-24).

Nos quatro soldados lançando sorte aos pés da cruz vemos aquele lado da natureza humana que é insensível aos sofrimentos dos outros e se aproveita de todos os que estão sob seu poder.

Infelizmente, quantas multidões hoje são representadas pelos executores do Cristo. Elas clamam: “Comamos e bebamos, que amanhã morreremos” e não pensam além das necessidades físicas do momento.

Para as almas que são sensíveis à crucificação e aos outros, que sofrimento é encontrar esse elemento neste

mundo perverso. Ai de todos aqueles que estão em seu poder!

“De igual modo, os principais sacerdotes, com os escribas e anciãos, escarnecendo, diziam [...]. Desça da cruz, e creremos nele” (Mt 27.41-42).

Há também um mundo “religioso” que rejeita a cruz de Jesus: aqueles que não estão preparados para seguir um Senhor crucificado; que “amam o primeiro lugar”, as “primeiras cadeiras” e “as saudações nas praças e o serem chamados mestres pelos homens” (Mt 23.6-7). Aqueles que “dizem e não fazem” e “praticam todas as suas obras com o fim de serem vistos dos homens” (Mateus 23.3-5). Esse mundo religioso *não* ama a cruz, embora neste século tenha o nome d’Aquele que morreu na cruz! O amor ao poder e ao louvor dos homens é contrário ao espírito da cruz.

“Os que iam passando, blasfemavam dele, meneando a cabeça e dizendo: Ah! Tu que destróis o santuário e, em três dias, o reedificas! Salva-te a ti mesmo, descendo da cruz!” (Mc 15.29-30).

A multidão misturada passa ao lado da cruz e se une ao brado geral. Eles são apenas ovelhas conduzidas como um rebanho pelos líderes dos homens. Eles captam a mente de seus líderes e são rapidamente influenciados pelo espírito do momento. Passam pela cruz e insultam o

Crucificado, lançando de suas bocas as palavras que Ele havia dito.

Soldados e ladrões, governantes, principais sacerdotes, anciãos e escribas, com toda a multidão, eram de uma só mente naquele terrível dia. Homens religiosos, soldados rudes, criminosos e homens do mundo, todos esqueceram as barreiras que os separavam e se uniram no Calvário. Um brado unificado veio de seus lábios: “*Se*” Ele era o Cristo, “*salve a si mesmo*”. A cruz parecia para eles a prova de que Ele NÃO era o Filho de Deus. Se Ele der sinais sobrenaturais, nós creremos, eles disseram. Não era tarde demais para provar que Ele era mesmo o Messias: “Descendo da cruz” – bastava isso!

Assim é hoje. Todos os elementos deste mundo perverso se unem no Calvário. O elemento carnal, os sábios do mundo, as classes criminosas e os religiosos tradicionais se juntam às forças especiais do maligno na grande revolta contra a cruz. E mais uma vez os que são pela cruz de Jesus são um pequeno grupo, a própria pregação da cruz os marca como “crucificados para o mundo”. A cruz se torna o instrumento da crucificação deles como foi da Sua. A cruz manifesta mais uma vez seu poder separador. Não há espaço para neutralidade no Calvário.

Se estivéssemos ao lado da cruz de Jesus naquele dia horrível, teríamos bradado: “*A ofensa da cruz será minha mais esplêndida glorificação*”? Será que *agora*

consentiremos em tomar a cruz e sermos condenados ao ostracismo pelo mundo? Não apenas pelo *mundo mundano* – o mundo com seus objetivos, seus interesses, seu espírito de busca de si mesmo, de autoglorificação e de amor-próprio –, mas até mesmo o *mundo religioso*, na medida em que os “rudimentos do mundo” estão nele e ele procura ficar entre nós e nosso Senhor? “[...] Jesus [...] sofreu fora da porta. Saiamos, pois, a ele, fora do arraial, levando o seu vitupério” (Hb 13.12-13).

Os Rudimentos do Mundo na Vida Cristã

“Se morrestes com Cristo para os rudimentos do mundo, por que, como se vivêsseis no mundo, vos sujeitais a ordenanças [...]?” (Cl 2.20)

Os crentes gálatas estavam em perigo de voltar a confiar nas obras da lei para o crescimento em sua experiência cristã, mas os colossenses se afastavam de Cristo de outra forma – por meio da “filosofia” e da “tradição dos homens” –, o que Paulo claramente disse ser “conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo” (Cl 2.8).

Tanto para os gálatas como para os colossenses, Paulo tinha a mesma mensagem – *a mensagem do Calvário*.

Ele não poderia acrescentar mais uma voz ao clamor em Colossos, pois os colossenses já estavam suficientemente perplexos com “os preceitos e doutrinas dos homens” (Cl 2.22) – várias facções que os julgavam em relação a “carne” e “bebida” e dias de festa (Cl 2.16). Todas estas são coisas exteriores que, sob a antiga lei, eram uma “sombra das coisas que haviam de vir” (Cl 2.17) em Cristo e agora são de pouca importância. O apóstolo as leva de volta ao Calvário e pergunta: “Se *morrestes* com Cristo para os rudimentos do mundo, *por que, como se vivêsseis no mundo*, vos sujeitais a ordenanças?”.

Por que vocês voltaram às “lições infantis das coisas exteriores” (Cl 2.20) e se submetem à regra de outros, os quais estão “baseando-se em visões [...], na sua mente carnal” (Cl 2.18), e não se apegam a Cristo, que é a Cabeça de Seu Corpo, a Igreja, e é a vida de Seus membros, de modo que Seu Corpo cresce desde o interior, por meio de uma vida espontânea que é o próprio “crescimento que procede de Deus” (Cl 2.19)?

Mas se você *morreu* com Cristo, de modo que agora está unido a Ele como sua vida, por que voltar aos rudimentos do mundo de “não toques” isso ou aquilo? Todas essas coisas exteriores, “com o uso, se destroem”. “Não é a comida que nos recomendará a Deus, pois nada perderemos, se não comermos, e nada ganharemos, se comermos” (1 Co 8.8).

Paulo admite que o ascetismo tem uma “aparência de sabedoria”, mas é, no que diz respeito às ordens de Deus, um “*culto de si mesmo*” (Cl 2.23). Tem a aparência de “humildade” e sábio “rigor ascético”, mas nenhuma dessas coisas “têm *valor algum contra a sensualidade*” (Cl 2.23).

Paulo declara que os colossenses haviam *morrido* com Cristo para todos esses elementos do mundo – elementos que eram “segundo a tradição dos homens”, o resultado das “vãs sutilezas” na mente dos seres humanos. Por que, então, eles imaginavam que com tais observâncias poderiam vencer a si mesmos? Isso não era seguir Cristo. N’Ele estava a verdadeira circuncisão (Cl 2.11) – a circuncisão do *coração*. Eles foram sepultados com Ele em Sua sepultura e vivificados com Ele para uma *nova* vida; portanto, não deveriam agir como se estivessem agora “*vivendo no mundo*”.

Crucificados com Cristo, eles foram “*ressuscitados juntamente com Cristo*”, e o crer nisso de coração traria um poder sobrenatural – o poder da ressurreição de Cristo. Em vez de estarem ocupados em eliminar coisas exteriores e questionarem se deveriam fazer isso ou aquilo, deveriam estar buscando as coisas do alto e terem a mente colocada na plenitude celestial que era deles em Cristo (Cl 3.1-3).

“*Porque morrestes*”, repete o apóstolo, “*e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus*” (Cl 3.3). Eles foram separados da velha vida para compartilharem a vida de Cristo; e por meio dessa vida de Deus podiam “*fazer morrer*” seus “membros” (Cl 3.5) e aprenderem o segredo da libertação da indulgência da carne.

Os perigos que assaltaram os crentes colossenses são nossos hoje, muitas vezes sob o nome de santidade ou consagração. Portanto, tenhamos cuidado.

Os cristãos mundanos (que termos contraditórios!) não estão tão sujeitos a essas armadilhas especiais, mas aqueles que anseiam seguir o Senhor podem ser rapidamente influenciados pelos “preceitos e doutrinas dos homens”, especialmente daqueles homens que eles estimam muito por amarem a causa deles.

A *cruz de Cristo* é a mensagem e o remédio para todos. Consintamos verdadeiramente de todo o coração em sermos crucificados com Ele e não demorará muito para descobrirmos que o mundo está crucificado para *nós*. Ele terá perdido seu poder de nos atrair ou, em seu aspecto religioso, de nos influenciar em nossa caminhada diante do Senhor.

Tudo o que há “no mundo, a concupiscência [desejo] da carne, a concupiscência [desejo] dos olhos e a soberba da vida” – tudo o que “*não procede do Pai, mas*

procede do mundo” (1 Jo 2.16) –, será crucificado para nós, e nós venceremos o mundo, porque maior é Aquele que está em nós do que “aquele que está no mundo” (1 Jo 4.4).

A Cruz como a Base da Unidade

“[...] fostes aproximados pelo sangue de Cristo. Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um; e, tendo derribado a parede da separação que estava no meio [...], reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade.” (Ef 2.13-16)

Se a cruz do Calvário é o poder separador entre o filho de Deus e o mundo, é igualmente o poder unificador entre todos os que se aproximam de Deus por meio do precioso sangue.

É no lado da *vida* da cruz que os filhos de Deus comprados pelo sangue percebem mais claramente a unidade de todos os que estão “em Cristo Jesus”. A mensagem do Calvário é pregada ao pecador como a base da reconciliação com Deus, mas também deve ser proclamada enfaticamente como a base da unidade entre os seres humanos, mesmo entre os professos seguidores de Cristo.

Como precisamos ver que todas as divisões entre os verdadeiros filhos de Deus são parte daqueles

“rudimentos do mundo” para os quais morreram com o Senhor crucificado; e quando toleramos qualquer coisa em nossa vida pela qual Cristo morreu para nos libertar, há uma “negação prática da eficácia da morte de Cristo” (Lightfoot).

Paulo, que foi membro da casta mais exclusiva dos hebreus, viu claramente que a morte de Cristo havia derrubado todos os muros de separação entre aqueles que procuravam adorar o mesmo Senhor. E assim, com a mesma intensidade com que outrora procurou eliminar os seguidores do desprezado Nazareno, ele se entregou às reivindicações do Crucificado e, sem som incerto, pregou “a fé que, outrora, procurava destruir” (Gl 1.23).

A “palavra da cruz” revolucionou sua vida; varreu suas ideias preconcebidas, seus preconceitos nacionais, seu orgulho da raça, sua casta exclusiva.

A cruz como porta de entrada para uma nova vida é o tema constante de Paulo, e escrevendo aos colossenses ele grava neles que eles morreram com Aquele que morreu, para doravante viver em uma nova esfera onde as distinções e divisões da Terra não têm lugar – “no qual não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo em todos” (Cl 3.11).

“Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres” (1 Co 12.13), ele escreve novamente aos coríntios.

Os judeus chamavam os gentios de “incircuncisos”, e a barreira entre eles consistia nesse ritual exterior, bem como na lei mosaica e nos sacrifícios levíticos – todos ordenados por Deus até que o próprio Cristo viesse como cumprimento de todas essas observâncias e como o sacrifício completo e suficiente pelos pecados do povo.

Paulo diz que Cristo “aboliu, na sua carne, a lei dos mandamentos na forma de ordenanças” (Ef 2.15), e Ele mesmo Se tornou a paz, pois de judeu e gentio Ele criaria de ambos “*um novo homem*”. Pois judeu e gentio, *como* judeu e gentio, *morreram* com Ele. Se eles se aproximarem de Deus por meio d’Ele, judeu e gentio serão reconciliados com Deus e transformados em uma nova entidade, o Corpo de Cristo. Então foi por meio de Sua cruz que Ele matou a inimizade entre eles.

Oh gloriosa mensagem do Calvário, da qual surgiu a Igreja cristã e todas as bênçãos de liberdade que desfrutamos neste século; pois por meio da cruz do Calvário, tão maravilhosamente iluminada para o apóstolo Paulo pelo próprio Senhor ressuscitado, e tornada clara pela pregação fiel da cruz por Paulo, nós gentios nos tornamos “*coerdeiros*”, “*membros do mesmo corpo*”, “*coparticipantes*”

da promessa em Jesus Cristo por meio do evangelho (Ef 3.6).

E mesmo agora, na Igreja cristã professa, chamada pelo nome de Cristo, podem ser vistas muitas barreiras entre os adoradores de Deus que se assemelham àquelas que existiam entre judeus e gentios nos dias de Paulo!

“Ele veio e pregou as boas novas da paz” (Ef 2.17), escreve Paulo aos efésios. O Ressuscitado, com as marcas de Sua paixão em Suas mãos – Ele que morreu para criar de todas as raças “um novo homem” –, vem Ele mesmo com a mensagem de paz. Que Ele possa vir novamente para o Seu povo hoje com as mesmas boas novas, mostrando-nos Suas mãos e Seu lado e dizendo:

“Paz seja convosco”,

unindo todas as divisões dos membros vivos de Sua Igreja,
“POR MEIO DA CRUZ”!

CAPÍTULO 10

“Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo” (1 Jo 3.8).

A Cruz e os Poderes das Trevas

“Tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz; e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz.” (Cl 2.14-15)

Outro aspecto da obra de Cristo sobre a cruz do Calvário surge aqui diante de nós. Por Sua morte Ele despojou “os principados e as potestades” e “publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles [ou, em Si mesmo]”, escreve Paulo aos colossenses.

Esses principados e potestades são descritos em Efésios 6.12 como os “dominadores deste mundo tenebroso”, espíritos malignos – ou “forças espirituais do mal” – nas regiões celestes.

A vitória da cruz foi especialmente mencionada por Isaías quando ele predisse que o Homem de dores “com os poderosos repartirá ele o despojo” (Is 53.12); e agora o apóstolo Paulo proclama que na cruz o Senhor Cristo despojou os principados e as potestades e triunfou sobre eles.

Mais uma vez percebemos a visão clara de tudo o que foi realizado no Calvário e dado às almas do lado da ressurreição da cruz. O crente não passa realmente para a esfera que Paulo descreve como “celestiais”, onde ele vive “no Espírito” e caminha “segundo o Espírito”, até que ele apreenda sua morte com Cristo, assim como a morte de Cristo por ele.

Nessa esfera ele percebe a existência real das forças das trevas descritas pelo apóstolo, pois são hostes “espirituais” desconhecidas por aqueles que caminham “segundo a carne”, que são “ainda carnis” e vivem “segundo os homens” (1 Co 3.3).

Portanto, é do interesse dos “dominadores deste mundo tenebroso” que os filhos de Deus não entendam a dupla mensagem do Calvário por meio da qual eles entram na esfera onde seus olhos são abertos para as ciladas do diabo e onde eles veem que sua “luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra [...] as forças espirituais do mal” (Ef 6.12).

É verdade que o adversário das almas resiste à mensagem da cruz em todos os aspectos, mas todos os poderes do inferno são despertados para impedir o conhecimento do crente sobre a vitória do Calvário sobre o príncipe das trevas e suas hostes malignas. No lado terreno da cruz, o inimigo sutil muitas vezes convence até mesmo os verdadeiros filhos de Deus de que ele não existe de forma alguma. Ou, indo para o outro extremo, ele amplifica seu poder e os mantém em escravidão aos pecados habituais, iludindo-os na crença de que não há libertação deste lado da sepultura.

Em seu serviço a Deus, muitos cristãos estão empunhando armas carnis, de nenhuma valia contra o verdadeiro inimigo. Outros estão cheios de planos sinceros e trabalham de coração e alma para conquistar as massas para seu Senhor. Mas, em ambos os casos, por trás e ao redor deles está o maligno e suas hostes da maldade reais, mas invisíveis, que riem de toda arma carnal e não temem nada além do poder da obra consumada de Cristo quando manifestada pelo Espírito Santo por meio de homens e mulheres que se tornaram verdadeiros mensageiros crucificados de um Senhor crucificado.

Sendo assim, não é de admirar que o príncipe das trevas odeie a cruz, não poupe esforços para anular sua mensagem, esconda seu pleno significado dos filhos de Deus e não hesite em impedi-los de conhecer seu poder.

Plenamente consciente da profecia de Isaías de que o Homem do Calvário tomaria “os presos ao valente, e a presa do tirano” (Is 49.25) e “com os poderosos repartirá ele o despojo” derramando Sua alma até a morte, o próprio “valente” veio ao Cristo de Deus quando Ele caminhava sobre a Terra e tentou ao máximo mantê-IO afastado da cruz. No deserto, ele lhe ofereceu todos os reinos deste mundo, sem a necessidade de ir para a cruz, se Ele apenas se curvasse diante dele. Mas com semblante de intrépida resolução para cumprir a vontade de Seu Pai, Cristo responde: “Está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a ele darás culto” (Lc 4.8) e se volta do tentador para a vergonhosa cruz.

A tentação foi renovada mais tarde por meio dos lábios de Seu discípulo Pedro, quando ele exorta o Mestre dizendo: “Tem compaixão de ti, Senhor”, assim que ouviu d’Ele sobre Seus possíveis sofrimentos e morte. “Arreda, Satanás!”, disse o Senhor, “tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens” (Mt 16.22-23).

Satanás fica mais uma vez perplexo e deixa o Filho de Deus, “mas por um tempo”, antes de renovar seus ataques uma e outra vez. Ele se enfureceu contra Ele por meio dos demônios que possuíam os corpos humanos, pois todos os “espíritos malignos” sabiam que este Santo de

Deus acabaria com sua autoridade e poder sobre as pessoas.

Por último, o conflito final está disponível. O adversário falhou em desviar o Cristo da cruz e agora se torna o cruel instigador dela.

As palavras do Filho de Deus ao aproximar-Se do tempo de Seus sofrimentos mostram que Ele sabia claramente o propósito de Sua morte. Não era para ser apenas “a redenção de muitos”, mas um triunfo final e completo sobre os poderes do inferno. “Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso. E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo” (João 12.31-32), disse o Senhor a Seus discípulos, predizendo o poder que estaria centrado no Calvário para atrair almas para Si mesmo, da morte do pecado e do cativo do diabo.

Na mesa da ceia novamente o Senhor disse: “Aí vem o príncipe do mundo; e ele nada tem em mim” (Jo 14.30). Pois Ele amava o Pai, e como o Pai Lhe deu o mandamento de ir para a cruz, Ele assim o faria. Ele daria Sua vida por Sua livre escolha, para salvar as ovelhas do lobo que as havia arrebatado de Deus.

Falhando totalmente em sua tentativa de manter o Filho de Deus longe da cruz, o príncipe das trevas entra

em um dos discípulos do próprio Mestre para levá-lo à cruz.

Na mesa da ceia, o diabo colocou “no coração de Judas Iscariotes” (Jo 13.2) o terrível pensamento de traí-lo; e depois de ter comido o pão da própria mão de Cristo, “imediatamente, entrou nele Satanás”, e ele se apressa para cumprir as ordens do arqui-inimigo de seu Senhor.

Oh solene fato, que o espírito maligno deve encontrar seres humanos para realizar seus planos, assim como o Espírito Santo de Deus procura render corações e vidas para cumprir os conselhos de Deus.

“Esta, porém, é a vossa hora e o poder das trevas” (Lc 22.53), disse o Cristo mais tarde, quando, no jardim do Getsêmani, depois de Sua agonia até sangrar, eles O prenderam e O levaram para a sala de julgamento. A partir desse momento, Ele foi entregue aos governantes deste mundo tenebroso, aos quais foi permitido exercer plenamente seu poder sobre Ele, e pelas mãos de homens perversos, por meio das quais realizaram sua vontade, eles “mataram o Príncipe da vida”.

A Hora do Triunfo

“[...] e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz.” (Cl 2.15)

Esta é a tragédia do Calvário descrita do ponto de vista divino.

Quando, diante dos olhos do mundo, o príncipe do mundo conseguiu expor à vergonha e humilhação o Cristo de Deus, triunfando sobre Seu corpo até a morte, naquele mesmo momento, diante de Deus e das hostes celestiais, os principados e potestades foram *eles mesmos* envergonhados e vencidos pelo Cristo que crucificaram!

Paulo diz que essas forças do mal foram “expostas”, “como um vencedor exhibe seus cativos ou troféus em um desfile triunfal” (Lightfoot). O Vitorioso estava, por assim dizer, “conduzindo-os em triunfo” diante das hostes celestiais. A metáfora usada é semelhante à encontrada em 2 Coríntios 2.14, mas ali Cristo conduz em triunfo aqueles que são conquistados por Seu amor e que de bom grado se tornam os troféus de Sua morte.

Que imagem está aqui diante de nós da vitória do Calvário! Que contraste com a cena na Terra é agora apresentado! A multidão escarnecedora ao redor da cruz pouco sabia do desfile triunfal no reino invisível, quando todas

as hostes do mal foram expostas à vergonha por seu Vencedor.

O apóstolo, em tal imagem, coloca “o paradoxo da crucificação na mais forte clareza [...] o madeiro do condenado é a carruagem do Vencedor” (Lightfoot).

O Testemunho do Espírito Santo

“[...] o Consolador [...] convencerá [...] do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado.”
(Jo 16.7-11)

Na véspera de Sua crucificação e paixão, o Senhor disse a Seus discípulos sobre a vinda do Espírito da verdade para habitar neles, para testemunhar d’Ele e O glorificar.

Antes da crucificação, o Senhor tinha dito: “Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso” (Jo 12.31), mas depois de Sua morte e ressurreição o testemunho do Espírito seria “o príncipe deste mundo já está julgado” (Jo 16.11).

O Filho de Deus consumou a vitória sobre os poderes do inferno na cruz do Calvário, e o Espírito Santo é dado para convencer o mundo da vitória e dar testemunho da obra do Filho de Deus.

No entanto, quão poucos filhos de Deus percebem que, por meio da morte no Calvário, o adversário de suas almas é um inimigo *vencido*! Quão poucos sabem como enfrentar as artimanhas do maligno, e menos ainda como atacá-lo em uma batalha agressiva e participar dos triunfos da cruz!

O Sangue do Cordeiro

“Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida.” (Ap 12.11)

Nesse capítulo de Apocalipse, o véu é posto de lado por um momento para mostrar o conflito no mundo invisível.

Se ele fala profeticamente de algum tempo especial no futuro não é importante para nós considerarmos agora. É pelo menos claro que, assim como houve um conflito final na cruz entre o Príncipe da vida e o príncipe das trevas, quando este foi expulso de seu lugar de autoridade sobre todos os que confiariam no Crucificado, assim também haverá um conflito final nos céus, quando as hostes do Senhor sairão para lançar o dragão e seus anjos para a Terra, de onde finalmente irão para o abismo e depois para o lago de fogo.

Mas o dragão e seus anjos ainda estão à solta! Embora os principados e potestades tenham sido vencidos na cruz do Calvário, há um intervalo entre esse glorioso triunfo e o momento da derrota final deles – um intervalo durante o qual toda alma redimida deve se apropriar da vitória do Calvário e vencer individualmente o inimigo conquistado e assim ganhar a coroa com aqueles vencedores que compartilharão o trono do Vencedor.

Nessa revelação do conflito final nos céus, é mostrado a nós o tríplice segredo da vitória e a forma como cada vencedor triunfa sobre o inimigo.

“Eles o venceram *por causa do sangue do Cordeiro.*” Isso nos leva de volta ao Calvário e aos sofrimentos de Cristo. Esses vencedores foram manifestamente ensinados pelo Espírito Santo sobre a vitória da cruz; o sangue – ou a morte – do Cordeiro foi, portanto, a única arma que eles usaram contra o inimigo.

Isso era acompanhado pela “*palavra do testemunho que deram*” – uma confissão destemida de Cristo. E “*mesmo em face da morte, não amaram a própria vida*” – eles não somente empunhavam o poder da cruz para a vitória sobre o maligno, mas tinham “bebido” o espírito d’Aquele que morreu e conseqüentemente viviam a vida crucificada, triunfando sobre o príncipe das trevas por meio do Espírito do Senhor deles.

A *cruz* é o caminho da vitória para todos os filhos e filhas de Deus. Unidos ao Senhor em Sua morte, compartilham Sua vida ressurreta e estão assentados com Ele nos lugares celestiais, “acima de todos” os principados e potestades do inferno.

A Crucificação

“Ora, tendo Cristo sofrido na carne, armai-vos também vós do mesmo pensamento.” (1 Pe 4.1)

O adversário pode ser um inimigo vencido; o valor do sangue pode estar pronto para ser usado na hora do conflito; mas a menos que procuremos conhecer cada vez mais profundamente o espírito interior do Jesus crucificado, ainda assim seremos impotentes na luta contra as forças do mal que nos atacam.

“[...] tendo Cristo sofrido na carne”, escreve o apóstolo Pedro, assim “armai-vos também com o mesmo pensamento”. O Senhor Jesus deliberadamente escolheu o caminho do sofrimento neste mundo maligno. Ele deliberadamente tomou o lugar de fraqueza, “tornando-se semelhante aos homens”, embora fosse Todo-Poderoso; deliberadamente Se humilhou como um homem, indo ao ponto mais baixo de humilhação que a Terra podia encontrar para Ele, embora no céu Ele estivesse em igualdade com

Deus; deliberadamente seguiu o caminho da obediência à vontade de Deus, mesmo que isso O levasse a uma cruz de agonia e vergonha. Passo a passo, mais baixo e mais baixo Ele foi. A cruz não foi uma teoria para Ele! Ele a *sofreu* na carne.

Oh filho e filha de Deus, arme-se com o mesmo pensamento. Permita que esse pensamento, que estava em Cristo Jesus, esteja em você. Se você escolher que o espírito da Sua morte na cruz lhe seja transmitido, você “deixará o pecado” (1 Pe 4.1) e não mais viverá de acordo com os desejos habituais do homem natural, mas segundo o ponto de vista contrário, da “vontade de Deus”. É verdade que outros “acharão estranho” e poderão “falar mal de vocês” (1 Pe 4.4), mas “se sois censurados pelo nome de Cristo, felizes sois, porque o Espírito de glória e de Deus repousa sobre vós; por eles, ele é blasfemado, mas por vós, ele é glorificado” (1 Pe 4.14, VKJ 1611).

Devemos estar armados interiormente pelo inspirado espírito de crucificação de Jesus se quisermos triunfar exteriormente, empunhar com certeza de vitória a arma que é o “sangue do Cordeiro” e provar por meio da experiência pessoal que no Calvário o diabo se tornou um inimigo vencido.

Toda a Armadura de Deus

“Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo [...]; e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis.” (Ef 6.11-13)

Paulo aqui descreve mais vividamente o inimigo e o conflito no qual emergimos do lado da ressurreição do Calvário.

“Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor”, escreve Paulo, “e na força do seu poder” (Ef 6.10). Isso pressupõe que o crente chegou ao fim de seu próprio poder, pois é para aqueles que foram “vivificados com Cristo” e “ressuscitados com Ele” e estão “assentados com Ele nos lugares celestiais em Cristo Jesus” (Ef 2.5-6) – revestindo-se assim “do novo homem” (Ef 4.24).

Como eles devem agir na hora da tentação feroz é a questão no coração deles. Eles foram “crucificados com Cristo”, e agora, a cada momento vivendo por Sua vida, será que eles devem lutar? Ou o que eles devem fazer?

Eles devem ser “poderosos *no Senhor*” e fortalecidos por Seu poder neles, eles devem apenas se manter firmes! Firmes contra todas as “ciladas do diabo” (Ef 6.11) para mantê-los longe do Calvário e do lugar deles “no Senhor”.

“Porque a nossa luta não é contra a carne e o sangue” (Ef 6.12), escreve Paulo. “Luta” – sim, o inimigo espiritual ataca o homem espiritual de forma espiritual, e o crente fica consciente de um conflito corpo a corpo com algum inimigo invisível, que, por assim dizer, serpenteia o homem interior e “luta” muito verdadeiramente. O “lutar” é inútil; o crente só pode “ficar firme” e se recusar a todo custo a ceder sua posição em Cristo ou ceder às ciladas do diabo.

A referência a “carne e sangue” sugere que essas “ciladas” muitas vezes vêm sob a forma humana! Mas a alma fortemente arraigada no Senhor recebe uma visão acurada para discernir o “espírito que agora atua nos filhos da desobediência” (Ef 2.2), sim, mas muitas vezes também por meio de servos de Deus – como vimos que ele fez por meio de Pedro para tentar o Filho de Deus e quando Satanás levou Davi a agir sem as ordens de Deus.

Fortalecido com poder pelo Espírito Santo no homem interior, o crente se torna um verdadeiro guerreiro de Deus, cada vez mais apto para reconhecer os principais e potestades como os “dominadores deste mundo tenebroso”, e aprende que o “príncipe da potestade do ar” (Ef 2.2) tem recursos nas forças do ar para atacar o filho de Deus como atacou Jó e é capaz de mover os homens como ferramentas para cumprir sua vontade, mesmo sem o conhecimento deles.

“Portanto, tomai [levai convosco para a batalha] toda a armadura de Deus” (Ef 6.13), brada o guerreiro Paulo. Cristo anulou essas hostes espirituais da maldade em Seu triunfo na cruz, mas nós, que estamos unidos a Ele, devemos “tomar” ativa e incessantemente a armadura fornecida a nós.

Cristo não venceu ao custo de Sua vida para não lhe dar nada para fazer, ó filho e filha de Deus. Você tem a *sua* parte no conflito; você deve vencer como Ele venceu se quiser compartilhar Seu Trono.

Quando você aprende a vitória do Calvário e apressa-se para sair de você mesmo para estar *em Cristo*, hostes após hostes virão contra você e procurarão tirá-lo de seu Senhor. Para que possa “resistir [a ele] no dia mau” (Ef 6.13), você deve cuidar para que tenha tomado pela fé todas as partes da armadura de Deus.

Se você colocar toda a armadura, “resistirá” e “terá vencido tudo” – todos os espíritos do mal que se amontoarão ao seu redor com inúmeras ciladas –, você permanecerá inabalável, vitorioso por meio do sangue do Cordeiro.

“Toda a armadura” é o próprio Senhor Cristo. Você habita “no Senhor”, e “n’Ele” deve “ser poderoso” para enfrentar todas as hostes do inferno.

Se você permanecer n'Ele, deverá ter o cuidado de estar “cingido com a verdade”, pois uma sombra de qualquer coisa em sua vida que seja contrária à verdade, diante dos olhos d'Aquele que é a Verdade, trará a completa derrota nas mãos do inimigo.

A couraça da justiça será sua enquanto você realmente permanecer n'Aquele que é sua justiça e não permitir nada em sua vida contrário à justiça d'Aquele cujo cetro é um cetro de justiça de fato (Hb 1.8).

“No Senhor” você deve ser um mensageiro preparado das boas novas de paz, pois você é “salvo para servir” e deve, com diligência, obedecer aos sussurros do Espírito enquanto caminha na Terra ou então dará ocasião a seu vigilante inimigo.

Você deve rapidamente tomar o “escudo da fé”, e esconder-se atrás dele, contra os “dardos inflamados do Maligno”, e especialmente manter o “capacete da salvação” sobre sua cabeça, para que de alguma maneira, como a serpente enganou Eva com sua astúcia, seus “pensamentos” não sejam corrompidos da “simplicidade que há em Cristo” (2 Co 11.3). Acima de tudo, para a defesa e o ataque, você precisará incessantemente da espada do Espírito, a Palavra de Deus, que é viva e eficaz e mais afiada do que qualquer espada de dois gumes.

Em conversa íntima com o seu Senhor, falando com Ele “em todo tempo no Espírito” (Ef 6.18), você estará equipado para enfrentar o inimigo e ser mais do que vencedor por Aquele que o ama.

Conhecendo também a ferocidade da luta – e que quando um membro do Corpo de Cristo sofre, todos também sofrem –, com “toda perseverança” estará suplicando por “todos os santos”, especialmente a favor daqueles que, como o guerreiro Paulo, estão na linha de frente da batalha do Senhor.

Então você será ensinado por Ele como “permanecer na batalha no dia do Senhor” e será enviado como guerreiro armado, vestido com uma armadura brilhante, em guerra agressiva para ganhar os troféus da cruz, vendo sinais e maravilhas feitas em nome do Senhor crucificado e ressuscitado.

CAPÍTULO 11

“Fiel é esta palavra: Se já morremos com ele, também viveremos com ele; se perseveramos, também com ele reinaremos.” (2 Tm 2.11-12)

A Cruz e sua Continuidade

“[...] para o conhecer, e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte [...]” (Fp 3.10)

Mais uma vez nos encontramos com as palavras “*Sua morte*”, e desta vez na carta de Paulo a seus amados filipenses.

A epístola foi escrita cerca de seis anos após a carta aos gálatas, quando Paulo brada tão exultantemente: “*Estou crucificado com Cristo*”. No entanto, aqui encontramos falando de uma assimilação ou conformidade com a morte de Cristo como a condição para conhecer em maior poder a eficácia da ressurreição de Cristo.

Em todas as Escrituras não podemos encontrar evidência mais clara da continuidade da cruz na vida cristã.

Paulo tinha conhecido clara e inequivocamente a plenitude do Espírito Santo; tinha sido comissionado – e tinha entregado sua mensagem da cruz – pela revelação direta do próprio Cristo; tinha pregado claramente a libertação da escravidão do pecado por meio da cruz; e em sua carta aos cristãos romanos tinha explicado a identificação do crente com o Senhor em Sua morte e a poderosa e eficaz obra do Espírito de vida em Cristo para libertar o crente da lei do pecado e da morte.

No entanto, com todo esse conhecimento como uma mensagem selada pelo poder do Espírito Santo e experimentada pessoalmente em sua própria vida, ainda temos o apóstolo buscando saber *mais* sobre “Sua morte”.

Um estrato manifestamente mais profundo da experiência é revelado nas palavras de Paulo aqui, e elas mostram claramente que a *maturidade mais plena* na vida espiritual significa *comunhão mais profunda com os sofrimentos de Cristo*, pois “o clímax da vida ressurreta gravita, é estranho dizer, de volta para a cruz” (C. A. Fox)⁹.

⁹ Charles Armstrong Fox (1836-1902) foi titular da Eaton Chapel, Londres, de 1875 até sua morte, em 1902. Ele contribuiu com alguns hinos para a edição de 1902 do hinário *Hinos de Consagração e Fé*.

O apóstolo, por essa razão, se esforça para “o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Fp 3.14), desejando ardentemente ser conformado à morte de seu Senhor, pois sabia que “se com Ele sofremos”, também seremos “glorificados” (Rm 8.17) com Ele.

Voltemo-nos às cartas do apóstolo e vejamos em sua própria vida o que significa a conformidade com a cruz numa experiência real.

A Sentença de Morte

“[...] a natureza da tribulação [...] foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida. Contudo, já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos.”
(2 Co 1.8-9)

Está claro nessa passagem que, por mais que possamos apreender plenamente nossa morte com Cristo e conhecer o poder de Sua ressurreição, somos levados muitas e muitas vezes a um lugar onde percebemos, não apenas como um princípio admitido, mas como uma realidade, que não temos força ou recursos em nós mesmos.

“*Desesperamos até da própria vida*”, escreve Paulo, mas nós tivemos a resposta de Deus de que isso era

“a morte dentro de nós mesmos”, para que pudéssemos ser levados ao desespero a ponto de sermos compelidos a nos lançarmos sobre o Único que pode ressuscitar os mortos. Ele nos entregou à nossa extrema necessidade, e n’Ele depositamos nossa esperança de que Ele ainda nos livrará.

Esse é o significado das muitas aflições que se abateram sobre a alma que alegremente bradou: “Estou crucificado com Cristo”. Devemos aprender a *provar* o poder do Deus que ressuscita os mortos, sendo levados ao fim da nossa intelectualidade e a estar no lugar onde as circunstâncias estão além do nosso poder e estarmos em total desamparo de toda ajuda, exceto em Deus.

Já que o apóstolo Paulo pôde assim escrever de si mesmo depois de tudo o que *ele* tinha conhecido de Deus, “confiar em nós mesmos” é sem dúvida um perigo para nós durante toda a nossa vida; e sermos mantidos no limite de nós mesmos é evidentemente uma necessidade para a manifestação do poder de ressurreição de Cristo.

Crucificado em Fraqueza

“Porque, de fato, foi crucificado em fraqueza [...].
Porque nós também somos fracos nele [...]” (2 Co 13.4)

Nessas palavras, temos outro aspecto do “*ser conformado com Sua morte*”. A fraqueza humana de Cristo quando Ele Se permitiu ser levado como um cordeiro ao matadouro, como uma vítima fraca e impotente nas mãos dos homens, era para Paulo uma imagem de sua própria fraqueza.

Ele olha para o Filho de Deus “crucificado em fraqueza” e clama: “*Eu também sou fraco com Ele*”; mas mais uma vez ele pensa no Cristo “ressuscitado pela glória do Pai”, e lembrando como Ele “viveu pelo poder de Deus” alegremente sabe que mesmo em sua fraqueza ele também pode compartilhar a vida de Cristo pela mesma força poderosa energizante de Deus. E assim acrescenta: “Viveremos, com ele, *para vós outros pelo poder de Deus*” (2 Co 13.4).

Eu sou fraco em mim mesmo, brada Paulo. Eu também estou “crucificado” em minha fraqueza, mas conformado com a morte de meu Senhor; por isso conto com Sua vida para operar em mim e *por meio de mim por vocês coríntios*. Ao tratar com vocês, não provarei minha fraqueza, mas o poder divino de Cristo falando em mim. Eu sou fraco, é verdade, mas Ele não é fraco por meio de mim; Ele é *poderoso em vocês*.

“Crucificado em fraqueza” é então um aspecto do “ser conformado à Sua morte”. No entanto, quantos pensam que devem sentir o poder em si mesmos ou devem

tornar-se, por assim dizer, reservatórios de energia ou baterias sobrecarregadas do “dunamis”¹⁰ celestial!

Somos gravemente prejudicados por nossas concepções humanas desses mistérios celestiais, mas o ideal divino de poder é revelado no Homem sofredor silencioso a caminho do Calvário! “A fraqueza de Deus” é “mais forte que os homens”, mas é tão contrária à concepção humana de poder que precisamos ter nossos olhos abertos pelo Espírito Santo para ver o padrão. E precisamos da comunicação do mesmo Espírito até mesmo para criar em nós o *desejo* de nos conformarmos à semelhança colocada diante de nós e depois cumpri-la em nós pelo mesmo poder.

O ser “conformado à Sua morte” no lado da ressurreição da cruz significa uma fraqueza profunda em nós mesmos, não uma sensação crescente de força! É uma fraqueza que é verdadeiramente uma crucificação, porque é totalmente contrária ao nosso desejo natural de *sentir* que *podemos* fazer isso ou aquilo. Mas ser mantido conscientemente fraco e ainda assim caminhar pela fé, recorrendo à força divina – *pela fé* agir no poder de Deus, *pela fé* contar com “Cristo falando em mim”, *pela fé* “viver com Ele” pelo poder de Deus em relação aos *outros* e não em relação a nós mesmos –, esta é de fato uma vida de fé.

10 *Dunamis* ou *dynamis* (transliteração do grego δυναμις), que tem o sentido de energia constante. É a raiz das palavras “dinâmica”, “dinamite” e “dínamo”, por exemplo.

“Fraqueza, temor e muito tremor” no crente, acompanhados pela “demonstração de Espírito e de poder” no coração e na vida de outros, é a maneira de Deus manifestar a vida de Cristo por meio daqueles que estão crucificados com Ele.

A Morte de Jesus

“[...] levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo.” (2 Co 4.10)

Mais uma vez temos um vislumbre do profundo discernimento de Paulo sobre o Calvário e vemos como a morte e a vida ressurreta de Jesus estão entretecidas com todos os seus pensamentos, e para ele é sempre a base de todo avanço na vida espiritual.

É sempre bom colocar essa passagem ao lado do sexto capítulo da Epístola aos Romanos, pois um é o resultado do outro. Segunda Coríntios 4.10 descreve o resultado subjetivo da visão objetiva da obra de Cristo no Calvário, e sem essa obra subjetiva no crente da “morte de Jesus” não pode haver a manifestação crescente em poder da vida de Jesus através de nós para o mundo ao nosso redor.

Muitos conhecem a verdade da identificação com Cristo na morte e se viram crucificados com Ele, e na alegria de sua nova visão e fé saíram para servir na dependência do Senhor ressuscitado. Por um tempo há o selo de Deus no testemunho deles, mas gradualmente a vida deixa de fluir em poder, e o testemunho deles torna-se oco e vazio como um címbalo tilintante— infelizmente, muitas vezes inconscientemente para si mesmos.

Qual é o problema? Eles estão vivendo em uma *experiência passada da libertação da cruz* e falharam em ver que, após a visão objetiva do Calvário e a identificação deles com Cristo em Sua morte, *a morte ainda deve ser a base de uma vida sempre crescente* por todo o caminho; pois “levar sempre no corpo o morrer de Jesus” é a condição invariável para a manifestação contínua de Sua vida.

O contexto da passagem mostra o que significa praticamente o “entregues à morte” (2 Co 4.11) de Jesus na experiência do filho de Deus. Em Sua cruz, Cristo foi pressionado por todos os lados, mas não reprimido em Seu poder de suportar; Ele estava perplexo com o desamparo de Seu Pai e bradou: “Por que Me desamparaste?”, mas Ele não estava desesperado; Ele foi perseguido por todas as forças das trevas, mas não foi abandonado por Deus, que O sustentou até o fim; Ele foi ferido até a morte, mas não destruído, pois vivia pelo poder de Deus.

Ainda assim Paulo foi pressionado, ficou perplexo, foi perseguido e atacado. Mas sempre fiel ao princípio da cruz que lhe havia sido revelado por Cristo, ele vê que em todos os seus sofrimentos ele estava apenas “*levando o morrer de Jesus*” para que a vida de Jesus pudesse se manifestar em seu corpo mortal. Ele foi mantido no limite de todo poder em si mesmo, para que o poder que o energizava pudesse ser totalmente de Deus.

Assim o Senhor Todo-Sábio lida com Seus filhos para mantê-los verdadeiramente dependentes d’Ele, e vãos realmente vazios para Seu uso. Assim, Ele remove toda a força e poder deles mesmos para fazê-los retirar somente d’Ele todas as forças deles.

O Senhor sabe como levá-los a circunstâncias em que somente Sua vida pode levá-los adiante; a lugares onde a pressão de todos os lados faz surgir os recursos ilimitados de Deus; onde eles caminham num labirinto de perplexidade, mas depois descobrem como verdadeiramente Suas mãos hábeis os guiaram; onde são jogados de um lado para o outro num mar tempestuoso, mas não são abandonados por Deus; onde são “atacados”, e aparentemente todas as coisas estão contra eles, e, contudo, descobrem que a vida de Jesus se manifesta por meio deles em seu poder de resistência divina, para a glória de Sua graça.

Sempre Entregues à Morte

“Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal.” (2 Co 4.11)

Esse versículo parece à primeira vista ser simplesmente uma repetição do anterior. Mas nas “palavras que o Espírito Santo ensina” toda mudança de sentença tem seu significado, e há aqui uma diferença que parece apontar para uma conformidade ainda mais profunda com a morte, desta vez *por causa de Jesus*.

A frase conclusiva do parágrafo que começa com o versículo 7 claramente nos diz que inicialmente “levar sempre no corpo o morrer de Jesus” é para nosso *próprio* bem, para que possamos ser mantidos no ponto em que não tenhamos nenhum poder em nós mesmos para nos apoiar e que a excelência da grandeza do poder possa ser provada como de *Deus*, e não de nós mesmos.

Mas agora o crente mantido no limite de si mesmo, e vivendo pela vida de Jesus manifestada no corpo de barro, é mais, e deliberadamente, “*entregue à morte por causa de Jesus*”. *Entregue* em fraqueza após fraqueza, prova após prova, perplexidade após perplexidade, conflito após conflito – tudo em nome d’Aquele que morreu para

que Ele pudesse ver o trabalho de Sua alma e ficasse satisfeito.

Somos filhos de Deus dispostos a ter comunhão com nosso Senhor a esse ponto? Será que não temos preferido suportar provação após provação na esperança de que chegaria um ponto em que nada perceberíamos além de “glória em glória” na vida espiritual?

Mas quão pouco temos entendido a lei do sacrifício por frutificação. Unidos com Aquele que vive, seremos conduzidos até o ponto em que a verdadeira luz da vida n’Ele nos desperte e nossa nebulosa ideia sobre as coisas divinas passe. Precisamos ver que estamos na verdade sendo conduzidos de “glória em glória” à luz da Sua face *para que possamos ter uma comunhão ainda mais profunda com Ele como Aquele que morreu* e preencher o que resta das aflições de Cristo por causa de Sua Igreja (Cl 1.24).

Operação da Morte pela Vida em Outros

“De modo que, em nós, opera a morte, mas, em vós, a vida.” (2 Co 4.12)

Esse é o resultado de ser entregue à morte por amor de Jesus. A morte opera em nós para o fruto da vida em outros.

Podemos desejar ser usados e ganhar almas, mas será que nosso desejo é forte o suficiente para isso? Suficientemente forte para derramar nossa vida pelos outros e não ter nada além de vacuidade e fraqueza para nós mesmos! Isso é verdadeiro autossacrifício; verdadeiro altruísmo; verdadeira autoanulação. Esse é o verdadeiro espírito da cruz e a verdadeira manifestação da vida de Jesus na carne mortal; pois esse é o próprio amor de Cristo que O impulsionou ao Calvário, onde Ele não teve nada além da morte, com todo o seu horror e vergonha indescritíveis, para que pudéssemos ter a vida de Deus por meio d'Ele.

Só há um caminho para realmente ganhar almas, e este é o *caminho do sacrifício*. Custou para Cristo Sua vida no Calvário, e, em união com Ele, deve custar nossa vida também se quisermos ser os canais de Sua vida para os outros.

Se conhecermos a cruz em seu verdadeiro poder interior nas profundezas de nosso próprio ser, então as profundezas de outros corações serão tocadas e a força da vida operará dentro deles, pois quanto mais a *morte operar em nós*, mais a *vida* vivificará as almas ao nosso redor – almas “pelas quais Cristo morreu”.

Esta é a vida apostólica que cada um dos redimidos pode experimentar – a vida de frutificação. Esta é a “paternidade” referida por Paulo quando ele disse: “Pelo evangelho, vos gerei em Cristo Jesus”. Ainda existem

“milhares de preceptores”, contudo “*não muitos pais*” (1 Co 4.15). Não muitos que estejam dispostos a conhecer esta conformidade com a morte que traz a labuta pelas almas, em comunhão com Aquele que labutou na cruz do Calvário por nós.

“*A morte opera em nós*”, escreve Paulo. É notável que o oitavo capítulo da Epístola aos Romanos, com seu evangelho pleno e glorioso da liberdade pelo Espírito da vida em Cristo, sua revelação da alegria pelo acesso ao Pai, sua exposição do testemunho do Espírito interior e nossa herança em união com Cristo, conclui com uma descrição marcante da conformidade com a *morte*, que é o acompanhamento exterior de tudo isso.

“*Por amor de ti, somos entregues à morte o dia todo, fomos considerados como ovelhas para o matadouro*” (Rm 8.36), brada Paulo. Mas nós somos “mais que vencedores por Aquele que nos amou” é o testemunho triunfante do apóstolo. Sim, Cristo foi levado como um cordeiro para o matadouro, e como escolhemos Sua cruz e consideramos mortos com Ele, deveria ser uma questão desconcertante se outros tivessem a mesma visão de nós como temos tido de nós mesmos e nos considerassem como ovelhas para o matadouro também?

Oh filhos e filhas de Deus, podemos pregar a cruz, e até mesmo lutar pela cruz, mas tornamos nula nossa própria mensagem a não ser que estejamos preparados para

viver a cruz e, na linguagem de Paulo, prontos para ser entregues à “morte o dia todo”, para que a morte opere em nós e a vida nos outros, para a glória d’Aquele que por amor a nós morreu e ressuscitou.

“*De modo que*, em nós, opera a morte, mas, em vós, a vida” (2 Co 4.12), escreve o apóstolo. *Em nós*, vazio, fraqueza, sofrimento, pressão, perplexidade, mas em vocês, VIDA.

Ainda assim, Pai, isso parece bom aos Teus olhos. Faça-se em mim segundo a Tua palavra.

CAPÍTULO 12

“Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono.” (Ap 3.21)

O Chamado para a Cruz

“[...] e quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim.” (Mt 10.38)

No início de Seu ministério, o Salvador exclamou: “Tome a sua cruz e siga-Me”, mas Ele não explicou o que significava tomar a cruz até que Ele mesmo tivesse passado da morte para a vida além-túmulo e ascendesse ao Seu lugar à destra da Majestade nas alturas. De lá, por meio de Seu vaso escolhido, o apóstolo Paulo, Ele interpreta Sua cruz e Suas reivindicações sobre todos os que desejam segui-LO.

É significativo que Paulo nunca diga *tome* sua cruz, mas proclama a cruz de Cristo como uma cruz que *já*

triunfou e convida o crente a entrar no triunfo de seu Senhor.

As palavras de Paulo interpretam o chamado para a cruz dado pelo Cordeiro a caminho da cruz, e as palavras de *Cristo* interpretam novamente a mensagem de Paulo. Embora a cruz já tenha triunfado e a obra de libertação e vitória sobre os poderes do inferno já esteja realizada, ainda assim os crentes devem aceitar individualmente a cruz em seu aspecto experiencial e escolher deliberadamente seguir o Cordeiro em Seu caminho da cruz na Terra.

O chamado para a cruz dos lábios d'Aquele que enfrentou a cruz ainda vem a cada um de Seus redimidos e prefigura o único caminho possível no mundo atual para todo seguidor do Cordeiro.

Cinco vezes nos Evangelhos é registrado o chamado do Senhor para a cruz, e cada vez revela um aspecto diferente da cruz na vida do crente quando o chamado é verdadeiramente obedecido.

Vejamos primeiro, nas palavras do Mestre, que:

O Caminho da Cruz é Inevitável

“E qualquer que não tomar a sua cruz e vier após mim não pode ser meu discípulo.” (Lc 14.27)

O caminho da cruz foi inevitável para Cristo. A Nicodemos Ele disse: “E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado [...]” (Jo 3.14), e aos discípulos, que Ele *deve* ir a Jerusalém e sofrer e ser morto. O “deve” era imperativo. “*Assim deve ser*”, disse ele em outro momento. Ele *precisa* dar Sua vida pelas ovelhas e *precisa* trazê-las de volta a Seu Pai (Jo 10.16-18).

Mas o caminho é o mesmo para o Cordeiro e Seus seguidores. O “*deve*” é tão imperativo para eles quanto para Ele, pois Ele não disse que aquele que se recusa a segui-LO até a cruz não pode ser Seu discípulo? Assim como Cristo tomou a cruz no lugar do pecador para redimi-lo, aquele que aprender de Cristo deve tomar a cruz de Cristo ou não pode ser ensinado por Ele.

Até aquele momento, quando o Senhor Jesus começou a mostrar a Seus discípulos o caminho que estava diante d’Ele, eles não sabiam o que estava envolvido no seguir a Cristo. Eles tinham ouvido Seu chamado inicial e tinham deixado tudo para segui-LO, crendo que Ele era o Cristo – como Pedro confessou um dia –, pois sabiam no coração que Ele falava as palavras de vida eterna. Eles tinham visto Suas obras poderosas e se maravilhado com Sua graça. Mas uma *cruz*! Sofrimento e morte? Não lhes havia vindo tal pensamento. “Como todos se maravilhassem de quanto Jesus fazia, disse aos seus discípulos: Fixai

nos vossos ouvidos as seguintes palavras: *o Filho do Homem está para ser entregue nas mãos dos homens. Eles, porém, não entendiam isto*” (Lc 9.43-45).

É assim com muitos filhos de Deus hoje, mas com uma diferença: eles sabem que Cristo levou a cruz e que eles têm vida por meio de Sua morte, mas que Ele carregou uma cruz que *deve ser a cruz deles também* não tem sido considerado por eles. Eles não perceberam que o Senhor crucificado deve ter seguidores crucificados, e seguir verdadeiramente o Cordeiro só pode se dar por meio da morte, pois o Cordeiro só pode seguir um caminho na Terra – o caminho de ser levado ao matadouro. É somente no *céu* que um trono é dado a um Cordeiro morto.

O Significado da Cruz

“Então, disse Jesus a seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me.” (Mt 16.24)

Negue *a si mesmo*! Não negue *coisas agradáveis* a si mesmo; nem mesmo negue os seus próprios *pecados*. Mas *negue a si mesmo* e tudo o que está ligado *a si mesmo* – a si mesmo como fonte central ou causa da ação; a si mesmo como objetivo central de todas as coisas que lhe vêm de fora!

A si mesmo! Qualquer outra palavra teria estreitado o significado da cruz do Senhor, pois ela abrange toda a libertação do Calvário, como foi depois revelado pelo Senhor ressuscitado ao apóstolo Paulo.

A mensagem crucial do Calvário para o ser humano é a salvação de “si mesmo”! Se ele tomar para si a cruz e, aceitando o espírito da cruz como manifestado em Cristo, que morreu por ele, *negar – ou renunciar – a si mesmo* como crucificado na cruz com seu Senhor, será assim liberto da escravidão de seus pecados, do terror da lei e do espírito do mundo, assim como do poder do diabo.

Oh bendito evangelho do Calvário! Quão simples, quão profundo, quão eficaz, quão sábio, porque o “*si mesmo*” é o centro e núcleo de todos os problemas, rebelião, egoísmo, orgulho e pecado! Que o ser humano se veja como pregado na cruz; todos os dias *negue* – ou se recuse a reconhecer – a si mesmo; e calmamente, em silêncio, tome o caminho da cruz, e seguirá o Cordeiro não apenas até o Calvário, mas até o centro do céu e compartilhará Seu trono.

A Profundidade da Cruz

“[...] a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Porquanto, quem quiser salvar a sua vida [alma] perdê-la-á [...]” (Mt 16.24-25)

Três vezes o Senhor insiste em Seu chamado para a cruz com palavras misteriosas, ininteligíveis para o homem natural e para o crente que caminha “conforme os homens”. “Pois quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; *quem perder a vida ... esse a salvará*” (Lc 9.24). Novamente, ao falar não da cruz, mas do grão de trigo que cai na terra para morrer, o Senhor usa quase as mesmas palavras misteriosas, desta vez dizendo: “*Quem ama a sua vida perde-a; mas aquele que odeia a sua vida* neste mundo preservá-la-á para a vida eterna” (Jo 12.25).

Temos nos contentado em renunciar aos nossos pecados e preservar a nós mesmos! Falhamos em compreender que o “*si mesmo*” em uma pessoa pode ficar tão completamente no caminho do Espírito Santo quanto os pecados de alguém, e falhamos ainda mais em compreender que a vida que flui em nós da fonte do primeiro Adão pode dificultar a manifestação da vida de Jesus em nossa carne mortal.

Mas que *vida* é essa que um homem pode procurar salvar e, ao fazê-lo, a *perde*! Que *vida* é essa que estamos dispostos a amar em vez de odiar, e assim sofrer a perda eterna?

A palavra “alma” pode substituir perfeitamente a palavra “vida” em cada passagem a que nos referimos, e Paulo, em sua primeira carta aos coríntios, lança luz sobre isso quando escreve: “O primeiro homem, Adão, foi feito *alma vivente*. O último Adão, porém, é *espírito vivificante*”. “O primeiro homem, formado da terra, é terreno; o segundo homem é do céu” (1 Co 15.45, 47).

A vida que somos chamados a renunciar, ou a odiar, é a vida que recebemos do primeiro Adão. Podemos chamá-la de vida da alma para distingui-la da vida celestial, que nos é dada em união com o Senhor do céu. Em outro lugar, o Senhor a descreve como a “*própria* vida” de alguém; portanto, ele a ama, pois faz parte dele mesmo. Nós também amamos a vida da alma, porque ela opera no *âmbito dos sentidos* ou *da consciência* e tem mais afinidade com as coisas da Terra.

A vida emocional e sensorial é amplamente misturada com a verdadeira vida de Deus no início da caminhada de um filho ou filha de Deus; daí as mudanças de humor e as experiências de “altos e baixos” de muitos, até mesmo quando não convictos de determinada desobediência ou por cederem a qualquer pecado conhecido. Mas viver

no Espírito, caminhar no Espírito e depender somente d'Ele, que é o Espírito que dá vida, nos leva a um âmbito de paz imutável infinitamente além das emoções agradáveis dos sentidos e das alegrias mutáveis da Terra.

É obra do Espírito Santo empunhar a espada do Espírito, a Palavra de Deus, e separar dentro de nós tudo o que é anímico (Hb 4.12) de tudo o que é verdadeiramente espírito. Quando a Palavra habita em nós ricamente e a separação acontece, é para odiarmos a *vida da alma revelada* e “perdê-la”, entregando-a à cruz.

Se quisermos seguir o Cordeiro e ter Sua vida manifestada através de nós para que realmente caminhemos em Seus passos no meio das pessoas, devemos conhecer a profundidade de Sua cruz; e se quisermos entrar em todos os benefícios de Sua morte, devemos *negar, renunciar, odiar* tudo o que é de “nós mesmos” para tomar o que é d'Ele.

Até que ponto e quão profunda é a renúncia vai determinar até que ponto e quão profundo conhecemos o poder de Sua ressurreição. Renunciamos aos nossos pecados para que possamos morrer com Cristo para esses pecados; renunciamos ao mundo e assim morremos com Cristo para o mundo; renunciamos ao nosso “ego” e assim damos lugar ao próprio Cristo para reinar dentro de nós. E, da mesma forma, renunciamos à vida *da alma, da qual brotam todas as atividades da vida na Terra*, e “levando

sempre no corpo o morrer de Jesus” aprendemos a receber da vida de Jesus – para que ela possa se manifestar em nossa carne mortal e, através de nós, vivificar as almas ao nosso redor.

A Cruz e os Laços da Terra

“Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim; e quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim. Quem acha a sua vida perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa achá-la-á.” (Mt 10.37-39)

Aqui, temos um vislumbre de um dos muitos aspectos do que significa tomar a cruz e o que significa renunciar à vida da alma.

A vida da alma pode estar ligada a fortes laços terrenos: laços lícitos, mas mantidos tão tenazmente que precisam da morte de cruz e da ação profunda do Espírito Santo para levá-los ao lugar correto deles “no Senhor”. A obra penetrante que a espada de Deus tem de fazer é a separação da alma e do espírito nos relacionamentos da Terra, pois o caminho para seguir o Cordeiro dificilmente é possível sem um ponto, em algum momento, onde as reivindicações do Crucificado chocam-se com os laços de

amor. É aí então que “os inimigos do homem” serão “os da sua própria casa” e as mãos amadas são as que nos pregam à cruz. É então que o mestre sussurra: “*Quem ama*” os entes queridos “*mais do que a mim não é digno de mim*”, e o coração obediente, com muitas lágrimas, consente em seguir o Senhor, pondo a Seus pés aquilo ao qual sua vida estava amarrada; e perdendo tudo por amor ao *Seu* querido, *recebe tudo de volta*, transfigurado pela alegria do céu.

Não foi sofrimento para o próprio Senhor quando Seus parentes disseram que Ele estava fora de Si e quando não compreenderam a necessidade imposta a Ele para cumprir a vontade de Seu Pai celestial? Ele não pôde fazer outra coisa senão obedecer à visão celestial, embora isso significasse um caminho contrário às esperanças de Seus amigos.

Assim deve ser com todo seguidor do Cordeiro. Mas também a cada passo – *se dado com segurança em obediência a Deus* – o resultado será como o do Modelo; pois chegou o dia em que Seus irmãos creram n’Ele, e Sua palavra se cumpriu em Seu próprio caso: “Quem perde... *acha*”.

A Cruz e a Confissão de Cristo

“[...] tome a sua cruz e siga-me. [...] quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á.” (Mc 8.34-35)

O contexto dessas palavras indica que a vida da alma pode estar fortemente centrada em um amor pela popularidade e no medo das pessoas, o que faria o crente *se envergonhar* de Cristo e de Suas palavras em uma época em que a geração pecadora ao seu redor se opõe a Ele e à verdade que Ele falou do Pai.

“Porque qualquer que [...] se envergonhar de mim e das minhas *palavras*, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos” (Mc 8.38), disse o Senhor em conexão com Seu chamado à cruz, conforme registrado por Marcos, quando Ele falou em perder a vida por Sua causa *e do evangelho*. Pois nada, a não ser tomar a cruz de Cristo – renunciando ao “eu mesmo” e à vida anímica da Terra –, pode nos separar de tal maneira do mundo que não teremos vergonha de estar fora do arraial, levando o Seu vitupério.

O Senhor conhecia de antemão a “ofensa da cruz” e a ofensa da *mensagem* da cruz, pois o evangelho, como revelado a Paulo, é a “palavra da cruz”. Pregar Jesus Cristo como um “Homem padrão” não é cruz, pois Seu

Sermão do Monte é considerado pelo homem natural como insuperável pelas palavras de qualquer mestre conhecido na Terra. O arquienganador dos seres humanos irá até mesmo encorajá-los a “copiar a vida” descrita pelo Sermão do Monte se *deixarem de fora a cruz* e o Cristo desprezado como o poder capacitador. Sim, mais ainda, o diabo dará poder para obedecerem exteriormente, e aparentemente, às leis do reino se assim ele puder iludir a alma a aceitar um evangelho que omite a cruz expiatória de Jesus Cristo.

Pregar um evangelho de Cristo e Sua cruz – com a paz vindo somente por meio do *sangue* da cruz, e uma cruz que fala de *separação do mundo* e reivindica uma *total e absoluta entrega ao Homem do Calvário* – significará na verdade uma perda, uma renúncia à vida da alma; pois ao pregar um evangelho como esse, a vida anímica, com seu amor pela glória dos homens, é perdida por amor a Cristo e Seu evangelho.

A Cruz Diária

“Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia [...]. Pois quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á [...].” (Lc 9.23-24)

Assim como disse o apóstolo Paulo, “levando sempre no corpo o morrer de Jesus” (2 Co 4.10), assim disse o Senhor, “dia a dia”.

Vimos nos escritos de Paulo que existe uma união com a morte de Cristo que nos admite em uma nova esfera de vida, da qual olhamos para trás sobre a cruz como um abismo fixado entre nós e o passado; e vimos também uma *contínua* conformidade com a morte de Cristo, que é uma condição necessária para a manifestação sempre crescente do poder da ressurreição em realidade.

Em harmonia com esse evangelho depois revelado a Paulo, o Senhor Cristo ordena que Seus seguidores tomem a cruz *dia a dia*. *Diariamente* devemos definitivamente considerar que estamos crucificados com Cristo e nos armarmos da mente de Jesus crucificado – tornando-nos obedientes até a morte. *Diariamente* deve haver a perda deliberada da vida anímica para que possamos trocá-la pela vida do próprio Senhor. *Diariamente* devemos estar dispostos a ser levados à mais plena conformidade com Sua morte, não fazendo para nós mesmos uma cruz, mas prontamente cedendo à “cruz em nosso caminho”.

Diariamente! Diariamente! Diariamente! o Senhor chama para a cruz, para que Seus filhos sejam realmente Seus mensageiros crucificados para um mundo carente.

A Cruz e suas Reivindicações

“Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, NÃO PODE ser meu discípulo. E qualquer que não tomar a sua cruz e vier após mim NÃO PODE ser meu discípulo. [...] Assim, pois, todo aquele que dentre vós NÃO RENUNCIA a tudo quanto tem NÃO PODE ser meu discípulo.” (Lc 14.26-27, 33)

A rendição incondicional é a tônica de toda essa passagem, pois a reivindicação absoluta de Deus, como Criador e Redentor, sobre tudo o que somos e temos é vividamente apresentada pelo próprio Criador e Redentor.

Cada palavra é significativa e absoluta. Pai, mãe, esposa, filhos, irmãos e irmãs, todos e cada um devem ser entregues ao Redentor, para doravante serem mantidos *no Senhor* e somente para o Senhor; e não somente isso, mas o Redentor reivindica a própria vida daquele que Ele redime, pois o crente deve sua vida ao seu Senhor – ele não pertence a si mesmo!

Nem pode deixar a cruz para Cristo e pensar que *ele* pode escapar dela. Ele deve carregar sua própria cruz – isto é, a cruz de Jesus afetando a sua própria vida – e seguir o Senhor em seu caminho da cruz até o fim. Além

disso, tomar a cruz sem dúvida o levará a lugares onde ele aprenderá que não tem recursos em si mesmo, e será obrigado a “*renunciar a tudo quanto tem*” (Lc 14.33) como algo inútil para enfrentar as forças usadas contra ele pelo terrível inimigo.

“Renunciar a tudo quanto tem” parece ser a totalidade das reivindicações da cruz, o holocausto pelo qual Cristo comprou Seu redimido. Mas não esqueçamos que o crente “renuncia” a tudo quanto tem para ser-lhe dado, “*já no presente, o cêntuplo*” e, “no mundo por vir, a vida eterna” (Mc 10.29-30).

Em resumo, nós negamos – ou renunciemos – a nós mesmos ou então negamos o Senhor que nos comprou. Mas se tivermos a cruz de Jesus revelada a nós no poder do Espírito, nossa “própria cruz” será perdida de vista pela d’Ele. Teremos a alegria de considerar que os sofrimentos deste tempo presente não são dignos de serem comparados com a glória que em nós será revelada depois!

O chamado à cruz é imperativo; as reivindicações da cruz são absolutas; a glória da cruz é indizível! Não devemos atender ao chamado?

CAPÍTULO 13

“Está desfeito o escândalo da cruz?” (Gl 5.11).

A Pregação da Cruz

“Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado.” (1 Co 2.2)

Há uma revelação do Calvário e tudo o que ele significou para o Filho de Deus e para um mundo moribundo dada pelo Espírito que cria no crente uma paixão produzida pela cruz – uma paixão como um fogo ardente (Jr 20.9) no coração. Ela acende um desejo intenso para que o Homem do Calvário veja o penoso trabalho de Sua alma e esteja satisfeito, um desejo que se torna o poder dominante da vida e engole, por assim dizer, toda *ideia pessoal* de sacrifício ou ganho.

Tal paixão é revelada na vida e nas palavras do apóstolo Paulo e é enfatizada de forma impressionante em sua carta aos coríntios quando escreve que ele *determinou*

não saber nada entre eles a não ser “Jesus Cristo e este crucificado”.

Que completa autoanulação essa determinação significou para ele, a qual pouco compreendemos hoje, pois o cristianismo *glorificou* a cruz. No tempo de Paulo, a cruz era o “instrumento de castigo dos mais vis malfeitores; estava associada a tudo o que era mais odioso, desprezível e horrível [...] assim como a palavra *força* hoje” (nota de Conybeare).

Na verdade, foi necessária uma revelação de Deus para fazer um fariseu altivo gloriar-se na cruz e não ter vergonha de um evangelho tão estranho. *A força de um criminoso é o lugar da salvação do mundo!* Não é de admirar que o chamassem de louco.

No entanto, “*decidi*”, escreve ele aos coríntios, “nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo *e este crucificado*”.

A cidade de Corinto era altamente culta no intelecto, mas dissoluta na moral. Estava ocupada com filosofia e literatura, mas estava afundada no pecado. Ele deveria adaptar sua mensagem aos coríntios e ganhar uma audiência para o evangelho fazendo uso da sabedoria e conhecimento humanos? Esta deve ter sido a pergunta na mente de Paulo enquanto ele refletia sobre a condição de Corinto e seu povo.

O apóstolo poderia muito bem ter decidido se reunir com os coríntios com armas de sabedoria humana, pois ele havia estudado o ensinamento secular em Tarso – por alguns considerada uma escola melhor do que a de Atenas – e havia sido treinado em toda a lei hebraica em Jerusalém. Além disso, ele era cidadão romano e poderia ter tomado uma posição de autoridade e ter se reunido com os coríntios cultos no mesmo nível deles em todos os aspectos, se assim o desejasse.

Além disso, ele sabia – o homem sensível e perspicaz *sabia* – tudo o que eles diriam se ele falhasse em adotar aquela abordagem racional. A mensagem da cruz seria considerada uma loucura, e ele mesmo seria considerado apenas um *tolo*!

O apóstolo prevê tudo isso, e *diante de todos* escolhe deliberadamente deixar de lado a confiança nas armas carnis e determina proclamar a mensagem detestável de um Messias crucificado, lançando-se inteiramente sobre o Espírito Santo para tornar “a palavra da cruz” o poder de Deus, para que todos os que cressem tivessem sua fé ancorada não em “linguagem persuasiva [ou *sedutora*] de sabedoria” (1 Co 2.4), mas somente no poder de Deus.

Essa decisão do apóstolo nos mostra como ele oculta totalmente a si mesmo por meio de sua mensagem! Como ele põe de lado toda a vanglória pessoal! Tais mensageiros da cruz são necessários hoje, pois em nosso século

nos encontramos face a face quase com as mesmas condições que o apóstolo encontrou na culta Corinto; e os mensageiros de Deus ainda precisam determinar se confiarão nas armas carnavais e na “*linguagem persuasiva de sabedoria*” dos homens ou se lançarão no poder de Deus para dar testemunho da mensagem da cruz – uma mensagem ainda tão detestável para o homem natural como nos dias de Paulo.

A Pregação da Cruz

“Eu, irmãos, quando fui ter convosco [...], não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. [...] A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria [...].” (1 Co 2.1, 4)

O apóstolo havia descrito os instrumentos de Deus para o cumprimento de Seus propósitos no mundo: a loucura, as fraquezas, o vil, as coisas desprezíveis, escolhidos para envergonhar os sábios e poderosos; sim, até mesmo as “*coisas que não são*” foram escolhidas por Deus para “*reduzir a nada as que são*”!

“Eu, irmãos”, escreve o apóstolo fui até vocês não “com ostentação de linguagem”, não “em linguagem persuasiva de sabedoria”. Como alguém que os homens desprezavam, “foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu

estive entre vós”, proclamando o mistério de Deus; e à minha mensagem foi dado o testemunho de Deus em “*demonstração do Espírito e de poder*”.

A não ser que a proclamação da cruz seja testemunhada pelo Espírito Santo, ela pode facilmente se tornar um obstáculo, pois sem o poder iluminador e convincente do Espírito por trás da mensagem, a racionalidade carnal pode rejeitá-la para se voltar para “outro evangelho, o qual não é outro”; ou a luz mental sobre a cruz pode servir como um narcótico da consciência, e os cegos podem até materializar a mensagem e adorar o símbolo externo da cruz e descansar sobre uma forma exterior. Pois o adversário da cruz sabe bem que pode manter as almas a seu serviço sob a cobertura do “sinal da cruz”, a menos que tenham aprendido o verdadeiro significado da cruz pelo poder do Espírito Santo.

Além disso, a “palavra da cruz” não requer palavras persuasivas de sabedoria humana para manifestar seu poder. O apóstolo chega a dizer que a “sabedoria das palavras” torna “nula” a cruz (1 Co 1.17)!

Isso explica a existência de tanto conhecimento sobre a morte de Cristo *sem mudanças vitais na vida das pessoas?*

A cruz pode ser *anulada pelo pregador?* Que pensamento horrível! O Deus-Homem derrama Sua alma até

a morte para a salvação eterna dos seres humanos, e Seus mensageiros tornam a cruz sem “nenhum efeito”! Deus nos livre!

Mas como a cruz pode ser “invalidada” pela “sabedoria das palavras” do pregador? Deve ser porque as “palavras que a sabedoria humana ensina” são definitivamente possíveis se o ministro estiver ocupado com suas palavras, e não com a morte d’Aquele que morreu; pois a “sabedoria de palavras” certamente chamará a atenção para o mensageiro, e não para a *mensagem*; para a oratória, e não para o *tema*; para o servo, e não para o *Mestre*.

Reverentemente, não podemos dizer que a mensagem do Calvário deve ser o tema mais sagrado para Deus Pai, e Ele não dará um tom de glória aos seres humanos na proclamação da morte de Seu Filho.

A história do Calvário deve ser pregada a um mundo moribundo em todo o seu *horror* trágico, e “flores de retórica” tornariam a mensagem tão imprópria como flores ao redor da cruz se tivessem sido lançadas por aqueles que viram o Deus-Homem morrer. Além disso, o tema da cruz não se prestará à retórica ou à fantasia poética. Em resumo, não há lugar na cruz, nem em sua realidade, nem em sua proclamação, para a glória da carne.

Em Paulo, como uma lição objetiva, vemos quais são as condições necessárias para a pregação efetiva da

cruz. A mensagem do Calvário deve ser proclamada por aqueles que estão dispostos a serem *crucificados pela própria pregação da crucificação do Senhor*.

A cruz deve ser pregada por aqueles que conhecem seu poder se for para ela ter o testemunho do Espírito Santo e se a “palavra da cruz” for a energia de Deus para os seres humanos. Como o *Espírito* deu testemunho da proclamação da morte e ressurreição do Filho de Deus podemos ver no livro de Atos. Os homens que tinham estado ao lado do Calvário podiam pregar o Calvário. Os homens que tinham visto o Senhor ressuscitado podiam testemunhar da Sua ressurreição. Para eles era mais do que um fato histórico, mais do que uma doutrina ou mesmo uma verdade fundamental.

“Sinto como se Cristo tivesse morrido ontem”, disse Martinho Lutero. É o ofício especial do Espírito Santo hoje de revelar a morte de Cristo aos mensageiros da cruz, para que ela se torne tão real para eles como foi para os apóstolos. Então Ele estará pronto para “expor” Cristo crucificado diante dos olhos daqueles a quem eles são enviados, e a paixão gerada pela cruz lançará fora todo pensamento de louvor ou condenação dos homens, e assim, com o coração partido, os mensageiros proclamam a morte do Filho de Deus como a única esperança para os seres humanos moribundos.

Assim foi revelado a Paulo, até que ele só pôde bradar: “Ai de mim se eu não pregar o evangelho”. Contemplando o Calvário do ponto de vista de Deus, e d’Aquele que, pela alegria colocada diante d’Ele, “suportou a cruz, desprezando a vergonha”, todo o orgulho é varrido, e ele opta por pregar a cruz, mesmo que a cruz que ele prega se torne sua própria cruz, e ele, como seu Senhor, se torne desprezado e rejeitado pelos homens.

A Mensagem da Cruz

“[...] a palavra da cruz é [...] o poder de Deus.” (1 Co 1.18)

A palavra grega traduzida como “poder” nessa passagem é *dunamis* – da qual obtemos a palavra dinamite! O apóstolo declara que “a palavra da cruz” é o *dunamis*, ou energia, de Deus. A expressão não significa poder *latente*, mas *poder em ação*. Na cruz do Calvário, Deus centralizou Seu poder de libertar um mundo perdido e arruinado, e “a palavra da cruz” é o “poder em ação” de Deus para todos os que a recebem, pois tem Onipotência por trás dela. “E eu, quando for levantado da terra”, disse o Senhor Jesus, “atrairei todos a mim mesmo” (Jo 12.32).

Mas é “a palavra da cruz” – não palavras *sobre* a cruz – que é a energia de Deus. Não a especulação sobre o

significado da cruz, mas a pregação pura e simples da cruz de Cristo como Paulo a pregou, ensinada pelo próprio Senhor ressuscitado.

Hoje os servos de Deus precisam enfrentar a questão se realmente creem que a energia divina está na mensagem da cruz, ou limitamos Deus e pensamos que “a palavra da cruz” precisa de muitas palavras para explicá-la? Não é a chave idealizada pelo Onisciente Criador para destrancar o coração dos seres humanos? “Ela cabe em mim como uma chave que cabe em uma fechadura”, disse alguém; e isso é verdadeiro para todo coração humano, seja ele pagão ou chamado de cristão.

A mensagem da cruz tem Onipotência por trás e dentro dela, pois é a energia de Deus não apenas para o pecador sobrecarregado com seus pecados, mas “*para nós que somos salvos*”. Ela satisfaz a alma em todos os aspectos da vida, em todas as etapas do crescimento espiritual, em todo clamor de necessidade, e nunca é inadequada ou exaurida. *Ela é o poder de Deus.*

Antagonismo para com a Cruz

“Pois muitos andam entre nós, dos quais, repetidas vezes, eu vos dizia e, agora, vos digo, até chorando, que são inimigos da cruz de Cristo. [...] que

só se preocupam com as coisas terrenas.” (Fp 3.18-19)

Essas palavras descrevem aqueles em quem a proclamação da mensagem do Calvário despertará um antagonismo ativo para que se tornem seus inimigos. Devemos estar sempre conscientes de que a inimizade para com a cruz tem realmente sua origem no amor a tudo aquilo de que a cruz proclama libertação! Aqueles que amam as coisas *terrenas* se ressentem de uma mensagem que oferece libertação das coisas que amam!

É verdade que o intelecto tropeça na cruz; no entanto, o antagonismo com a cruz é principalmente *moral*, tanto no pecador como no salvo, pois sua mensagem só é bem recebida por aqueles que desejam a libertação da escravidão de seus pecados e que têm fome e sede da justiça de Deus.

Inimigos da cruz! O ministro que visa à “*sabedoria das palavras*” torna a cruz *vazia* ao proclamá-la; aqueles que se apegam às coisas externas consideram-na uma “*ofensa*” em sua mensagem de liberdade dos elementos do mundo; e aqueles que amam as coisas da Terra são chamados seus “*inimigos*”, pois por suas vidas se colocam em oposição direta ao próprio propósito da cruz.

Oh fato solene! Oh pensamento terrível! Um *inimigo* d’Aquele que morreu para me salvar de mim mesmo, talvez enquanto confessamente Seu amigo, talvez até

mesmo enquanto um *mensageiro* da cruz – tornando vazia a mensagem, não apenas buscando glória para si mesmo na “sabedoria das palavras”, mas pelo amor às coisas terrenas; pois toda autoindulgência é na verdade inimizade contra a cruz de Cristo.

A Renovação da Cruz

“[...] visto que, de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia.” (Hb 6.6)

Além do contexto dessa passagem, basta-nos notar as palavras solenes que declaram que o Filho de Deus *pode ser crucificado de novo*, e desta vez por aqueles que Ele resgatou e provaram da vida que Ele veio dar a todos que obedecem ao Seu chamado.

Cristo transcendeu o poder do mundo e do diabo, e agora somente os que são comprados pelo sangue podem crucificar de novo o Cordeiro. Isso é dito deles quando – tendo participado do Espírito Santo – menosprezam o Espírito de graça e escolhem voltar para as “contaminações do mundo” das quais escaparam, e assim “expõem à ignomínia” o Senhor que os comprou.

A advertência vem nessa passagem da Escritura sobre a *responsabilidade da iluminação* (Hb 6.4). O

apóstolo Pedro diz solenemente que é melhor não ter conhecido o caminho da justiça do que se desviar do santo mandamento dado (2 Pe 2.20-21).

Oh, que o Espírito Santo ilumine de tal forma a morte na cruz a cada filho e filha de Deus para que a excessiva pecaminosidade do pecado seja vista à luz do Calvário, e a *resistência ao pecado até a morte* seja a marca de todos os redimidos nestes últimos dias, com o profundo sentimento de que, para aqueles que Ele comprou com Seu próprio sangue, ceder ao pecado agora é um “re-crucificar, um re-prender, re-pregar, re-torturar, re-agonizar e re-matar” (Reitor Vaughan)¹¹ o Filho de Deus, que “morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus” (1 Pe 3.18).

“Se alguém lhe disser: Que feridas são essas nas tuas mãos?, responderá ele: São as feridas com que fui ferido na casa dos meus amigos” (Zc 13.6).

Oh filho e filha de Deus, cuidado com a *aparência enganosa* do pecado. Tenha cuidado para não abusar da graça de Deus cedendo à mínima tentação com o pensamento de que você pode ser perdoado ou perdoada graciosamente. Veja também que você não chame o pecado pelo nome de “*enfermidade*” nem em nenhum grau se desculpe por fracassar. Já que Cristo morreu, há plena vitória para

¹¹ Charles John Vaughan (1816-1897) era um estudioso inglês e um clérigo anglicano.

you, but you must walk in pious fear before the Lord and not touch anything that *para você* be an impure thing.

CAPÍTULO 14

“... pelo seu próprio sangue, entrou [...] tendo obtido eterna redenção.” (Hb 9.12)

O Cordeiro no Meio do Trono

“[...] e eis [...] uma porta aberta no céu [...]. Então, vi, no meio do trono [...], de pé, um Cordeiro como tendo sido morto.” (Ap 4.1, 5.6)

Em Apocalipse, temos um relato, em forma panorâmica, da “vinda” ou “aparição” do Senhor Jesus Cristo naquele dia em que Ele será revelado do céu com os anjos de Seu poder, tratando em juízo solene com todos os que “não obedeceram ao evangelho”.

Nas palavras iniciais do livro nos é dito que a revelação foi dada por Deus a Seu Filho Jesus Cristo com o propósito expresso de mostrar a Seus servos “as coisas que em breve devem acontecer” e “que ele, enviando por intermédio do seu anjo, notificou ao seu servo João” (Ap 1.1).

O Senhor glorificado interpretou Sua cruz para Paulo para que ele a proclamasse como mensagem do amor de Deus a um mundo moribundo; mas agora Ele aparece ao apóstolo João e o encarrega de escrever tudo o que lhe é mostrado. Nessa revelação que lhe foi dada, temos vividamente diante de nós a visão *celestial* do Calvário e as consequências eternas de *rejeitar* o Cordeiro de Deus que morreu na cruz para levar os pecados do mundo.

O apóstolo, dirigindo-se às “sete igrejas” em nome do Deus Trino, fala do Senhor Jesus Cristo como o “primogênito dos mortos”, levando-nos de volta ao Calvário logo no início de sua mensagem. Aqueles a quem João está escrevendo são os queridos de Jesus, amados e “libertos” de seus pecados pelo Seu próprio sangue derramado na cruz (Ap 1.4-6); mas Ele ressuscitou dos mortos, o Primogênito de muitos irmãos, e entrou no céu como precursor deles dentro do véu. Ele está lá como representante de Seus remidos, que, por meio de Sua morte por eles, e a morte deles com Ele, são chamados para fora da raça do primeiro Adão e agora pertencem à raça real do céu, “reis e sacerdotes para Deus”, herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo.

O apóstolo João então descreve seu encontro com o glorificado Homem do Calvário, quando lhe foram dadas as mensagens que ele está prestes a transmitir às igrejas sob o comando do Senhor. Ao cair aos pés d’Aquele cujos olhos são como chama de fogo, ouve a voz que um dia

conheceu tão bem na Terra, dizendo: “*Não temas; eu sou [...] aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos*” (Ap 1.17-18).

Esse Cristo glorioso é o mesmo Jesus que o apóstolo havia visto na vergonhosa cruz. A mesma mão que foi trespassada agora o toca. O próprio corpo que ele havia visto no cenáculo em Jerusalém, quando o Senhor ressuscitado mostrou aos Seus discípulos Suas mãos e Seu lado, é o mesmo na glória. Seus discípulos O tinham visto subir ao céu, mas agora o céu está aberto, e Aquele que foi morto Se mostra vivo para sempre, com as chaves da *morte* e do *inferno* (Hades) em Seu poder.

Nas mensagens que se seguem, dadas ao apóstolo para as igrejas, o Senhor descreve a Si mesmo ternamente àqueles em tribulação como Aquele “*que esteve morto e tornou a viver*” (Ap 2.8). Como Aquele que sofreu, e triunfou no sofrimento, Ele lhes ordena a serem “fíeis até a morte” para que também recebam sua coroa.

Nas mensagens dirigidas àqueles que Ele “comprou com seu sangue”, um véu é novamente tirado de sobre o glorioso Senhor. Mas então “uma porta” é “aberta no céu” (Ap 4.1). O apóstolo é levado “em espírito” ao próprio coração do céu, fortalecido pelo toque da mão trespassada do Homem do Calvário, para contemplar Aquele que é o Único que tem a imortalidade, habitando na luz inacessível! Ele vê o trono do “Senhor Deus, o Todo-Poderoso”,

ouve “vozes e trovões que saem do trono” e contempla a adoração que dia e noite envolve o trono do Criador e Senhor de todos! Os seres celestiais continuam dizendo: “Santo, santo, santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso [...], porque *todas as coisas tu criaste*, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas” (Ap 4.8, 11).

Na mão do Senhor Deus Criador é visto um “livro”. O cálice da iniquidade na Terra está cheio até a borda. O Criador determinou que a plenitude dos tempos chegou, quando a dispensação da graça deve terminar e a era do *juízo* do homem rebelde deve começar.

Uma proclamação é feita em todo o céu: “Quem é digno de abrir o livro?”. Quem é digno de executar os propósitos eternos d’Aquele diante do qual os anjos encobrem seus rostos e clamam: “Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos”? Ninguém é considerado digno no céu, nem mesmo o mais elevado arcanjo de Deus.

Então, quem abrirá o livro? A quem o Deus Altíssimo entregará a solene confiança de tratar com um mundo rebelde, já que nenhum arcanjo no céu é digno?

E de repente João contempla, no meio do trono do próprio Deus, “um *Cordeiro* como tendo sido morto” (Ap 5.6)!

O Pai “ao Filho confiou todo juízo, a fim de que todos honrem o Filho do modo por que honram o Pai”

(Jo 5.22-23). Somente Aquele que por Sua própria vontade deu Sua vida como resgate pelos pecadores é digno, ou *apto*, para executar o julgamento inevitável de todos os que “não obedecem ao evangelho” (2 Ts 1.8-9).

João diz que viu, em pé no meio do trono, o Cordeiro “*como tendo sido morto*”. O sacrifício feito na cruz do Calvário é, por assim dizer, sempre recente e novo, consagrado no coração do céu e vividamente mantido diante dos olhos de toda a companhia celestial.

O Cordeiro tinha “sete chifres, bem como sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados por toda a terra” (Ap 5.6). Na visão do trono do Criador (4.5), os “sete Espíritos” são vistos como “diante do trono”, mas agradou ao Pai que em Seu *Cristo* “habitasse toda a plenitude” – “corporalmente, toda a plenitude da Divindade” (Cl 2.9).

Conseqüentemente, no Cordeiro morto, como visto entronizado no céu, está centrada a plenitude do Espírito Santo, a plenitude do *poder*, a plenitude da *luz* e da *visão*; e do Cordeiro morto, o Espírito Santo é “*enviado por toda a terra*”, pois Ele está sempre procedendo do Pai, por meio do Filho, para o mundo dos seres humanos, procurando entrar nos corações que se voltam para o Calvário em desesperança e aversão ao pecado. Ele está pronto a

aplicar em cada um o poder da morte do Filho de Deus e a possuir cada redimido em nome d'Aquele que os comprou com Seu próprio sangue precioso.

O Cordeiro no Julgamento

“Veio, pois, e tomou o livro [...]” (Ap 5.7)

Aquele que morreu em favor dos seres humanos pecadores tomou o livro em Sua própria mão trespassada, sabendo tudo o que significava para aqueles que Ele tinha ansiado salvar.

E o redimido no céu, contemplando-O vir novamente como o Cordeiro para cumprir a vontade de Seu Pai, cantou:

“Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação” (Ap 5.9).

E os anjos, milhões de milhões e milhares de milhares, continuaram a canção, dizendo: “*Digno* é o Cordeiro que foi morto”, enquanto se ouvia toda criatura dizendo: “Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos”!

Nesta abertura dos céus para o apóstolo João, vemos o Calvário do ponto de vista *celestial*.

O Cordeiro morto na Terra é entronizado no céu!

O Crucificado é o *Glorificado!* Ele é glorificado como o Cordeiro do Calvário, e como o Cordeiro, *toda a adoração do céu* se concentra ao Seu redor.

Tudo o que agora é revelado de Sua obra no céu mostra que tudo se baseia em Seu sacrifício sobre a cruz. Ele está no céu como o Vencedor do Calvário; e como o Cordeiro que prevaleceu na cruz é concedido a Ele abrir cada selo que precede os terríveis julgamentos sobre o mundo que O rejeita. O Pai confia todo o julgamento nas mãos d'Aquele que Se tornou a propiciação pelos pecados do mundo!

Então vemos algo da indizível hediondez do pecado aos olhos do Deus Santo, e especialmente do maior pecado de rejeitar ou negligenciar o sacrifício oferecido por Deus pelos pecados das pessoas. O fato de o Cordeiro, que amou o pecador e morreu em seu favor, que sofreu tristeza e vergonha inigualáveis ao dar Sua vida em resgate por muitos, ter de abrir agora *a era do julgamento* do mundo pecaminoso mostra a impossibilidade de que o pecado seja ignorado por nosso Deus justo. O Cristo, ao oferecer Sua vida pelos pecadores, obteve um “dia de graça” para a Terra condenada ao pecado, mas agora *acabou*, e Ele deve

abolir “todo principado, bem como toda potestade e poder” contrário. “Quando, porém, todas as coisas lhe estiverem sujeitas”, então Ele entregará o Reino a Deus, o Pai (1 Co 15.24-28).

À medida que seguem os julgamentos, as almas aterrorizadas na Terra não precisam que ninguém lhes diga que a *essência* de seu pecado tem sido a rejeição do crucificado Cordeiro de Deus, pois instintivamente clamam às montanhas e às rochas para que as escondam não apenas do Criador delas, mas da “*ira do Cordeiro*”.

Ah, quem perscrutará a profundidade da ira do amor ferido! A ira da misericórdia desprezada e rejeitada?

O Cordeiro como Líder

“[...] o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará [...]” (Ap 7.17)

O Cordeiro morto na Terra e entronizado no céu não é apenas o centro da adoração celestial e Aquele que abre os selos do julgamento da Terra, mas nos é dado vislumbre após vislumbre do Cordeiro como o *Líder* no céu das várias companhias daqueles que Ele resgatou dentre os seres humanos.

Os aterrorizados na Terra sabem que feriram o Cordeiro, mas os redimidos no céu sabem que estão lá por causa d'Ele.

O primeiro grupo de redimidos, retratado nos “seres viventes e anciãos”, não hesitam em reconhecer que foram “comprados para Deus” (Ap 5.8-9) com o sangue do Cordeiro, enquanto O veem pegar o livro e abrir os primeiros seis selos.

Mais tarde, encontramos outra companhia descrita como “grande multidão que ninguém podia enumerar”, reunida “de todas as nações, tribos, povos e línguas” (Ap 7.9-17). Estão “*diante do trono de Deus* e o servem de dia e de noite”. E Aquele que está assentado no trono estende sobre eles Seu “tabernáculo”, ou a cobertura de Sua Presença manifestada. Estes são aqueles que “lavaram suas vestiduras” no sangue do Cordeiro. E Aquele que, pela alegria posta diante d'Ele, suportou a cruz, Ele mesmo Se torna o Pastor deles, para conduzi-los às fontes sempre frescas de água viva. Seus sofrimentos terminaram, e o próprio Deus enxuga todas as lágrimas de seus olhos.

Mais uma vez vemos o Cordeiro à frente de outra companhia, desta vez um número definido (Ap 14.1-4). Eles também são descritos como aqueles que foram “comprados *da terra*”, “*foram redimidos* dentre os homens”. E eles são “os seguidores do Cordeiro por onde quer que vá”.

O Cordeiro como Guerreiro

“Pelejarão eles contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá [...]” (Ap 17.14)

Julgamento após julgamento caiu sobre a Terra, pois os selos foram abertos e as trombetas dos *ais* soaram! A iniquidade tem se agravado cada vez mais, até que mesmo no céu uma voz vinda dos quatro ângulos do altar de ouro clamou a Deus por vingança (Ap 9.13-14).

“Os ângulos do altar de ouro, na tipologia do Antigo Testamento, recebiam o sangue do sacrifício oferecido no altar de bronze, e dos ângulos do altar de ouro a voz do sangue clamava a Deus para *poupar*, mas agora a voz clama pela soltura dos poderes de julgamento. A implicação é que [na Terra] a forma de perdão designada por Deus foi posta de lado; que o sistema divino de expiação graciosa, e salvação, foi rejeitado. A humanidade, em sua culpa, tem blasfemado contra o plano de reconciliação de Deus, e a maldade da Terra tem subido tão alto, especialmente na questão do *antagonismo à cruz* [...] que o próprio altar, que de outra forma clama apenas por misericórdia, é forçado a um clamor de vingança”¹² (Seiss).

¹² Extraído do livro *The Apocalypse: A Series of Special Lectures on the Revelation of Jesus*, de Joseph Augustus Seiss (1823 –1904), um teólogo estadunidense e pastor da Igreja Luterana.

Segue-se imagem após imagem dos terríveis feitos de pessoas rebeldes, operando como instrumentos dos poderes satânicos, com vislumbres de alguns que saem “vitoriosos” da luta contra o pecado, até que mais uma vez vemos o cordeiro como *Líder*, e desta vez de uma hoste de guerreiros. As “abominações da terra” culminaram no mistério da Babilônia, a Grande, embriagada com o sangue dos santos.

A rebelião dos poderes na Terra parece ter chegado a um ponto culminante, e agora está focada “*contra o Cordeiro*”. Mas o Cordeiro que foi morto na cruz é “*Senhor dos senhores e Rei dos reis*”! Como o Vencedor do Calvário, Ele está certo da vitória, e os *guerreiros* que *estão com Ele na última grande batalha* são aqueles que Ele especialmente “chamou” e “elegeu” e que são “*fiéis*” (Ap 17.14).

Depois desse conflito final entre o Cordeiro e tudo o que é contra Deus e Seu Ungido, ouve-se a voz de uma numerosa multidão no céu, como o rugido de muitas águas, dizer:

“Aleluia! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso. Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro [...]” (Ap 19.6-7).

O Cristo que venceu na cruz, e esperou enquanto aqueles que Ele comprou eram chamados de todas as

nações, agora finalmente triunfou e colocou toda autoridade e poder sob Seus pés.

Aproxima-se a hora em que se cumprirá o supremo propósito pelo qual Cristo Jesus deu Sua vida. Pois Ele “amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela [...] para a apresentar a si mesmo igreja *gloriosa*, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante” (Ef 5.25, 27). Agora “lhe foi dado vestir-se de linho finíssimo, resplandecente e puro. Porque o linho finíssimo são os atos de justiça dos santos” (Ap 19.8).

Mais uma vez o céu se abre (Ap 19.11-12), e surge o Homem do Calvário com olhos como “chama de fogo”, e os exércitos que O seguem estão vestidos de linho fino, branco e puro. Ele surge para tomar posse final da terra conquistada, sobre a qual Ele agora deve reinar. O diabo está preso por mil anos, e os reinos deste mundo tornam-se os reinos de nosso Senhor e de Seu Cristo; e os que são os reis-sacerdotes, redimidos dentre os seres humanos, “reinarão com ele os mil anos” (Ap 20.1-6).

Depois dessas coisas, o apóstolo olha para a eternidade, além do julgamento do grande trono branco e da destruição do último inimigo – a morte. A ele é mostrado em visão a cidade-noiva descendo de Deus, “ataviada como noiva adornada para o seu esposo” (Ap 21.2). O primeiro céu e a primeira Terra já passaram! Aquele que está assentado no trono diz: “Eis que faço novas todas as coisas”,

e agora “tudo está feito”. Será que o Calvário deve ser esquecido? Não! O nome d’Aquele que morreu, e está vivo, ainda é:

O CORDEIRO

Todos os outros nomes que revelam vários aspectos de Cristo não são agora necessários na visão completa de Sua glória. Eles se fundem nesse nome que está acima de todo nome – o nome que pelos “séculos dos séculos” manterá sempre recente e claro diante da companhia do céu aquele momento *maravilhoso* nos anais do tempo, quando o Unigênito do Pai visitou a Terra e numa cruz deu Sua vida por aqueles cuja luz agora é “brilhante como cristal” e que brilham como o sol no reino de seu Pai.

Os nomes dos apóstolos escolhidos que continuaram com Ele em Suas tentações na Terra estão gravados nos “fundamentos” da cidade-noiva, pois eles lançaram a fundação da Igreja enquanto proclamavam a palavra da cruz diante do escárnio e da rebelião dos seres humanos. Ninguém entrará na cidade-noiva, exceto aqueles cujos nomes estão escritos “*no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo*” (Ap 13.8 e 21.27) – aqueles que se gloriaram em Sua cruz e, aceitando a vida por meio de Sua *morte*, foram conformados à imagem do Cordeiro.

“Nela, não vi santuário, porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-Poderoso, *e o Cordeiro* [...] a glória de Deus a iluminou, *e o Cordeiro* é a sua lâmpada” (Ap 21.22-23).

“Nela, estará o trono de Deus *e do Cordeiro*. Os seus servos o servirão, contemplarão a sua face [...]” (Ap 22.3-4).

A CRUZ DO CALVÁRIO

“Enchei-vos do Espírito”. Esta é a necessidade de todo cristão. Ninguém pode viver uma vida verdadeiramente espiritual sem a plenitude do Espírito. Cento e vinte pessoas foram cheios no Pentecostes, apenas onze deles eram apóstolos. Algumas eram mulheres que voltaram para casa para cozinhar, costurar, cuidar de uma família; outras eram homens que voltaram para o campo e para o comércio. Os nomes de muito poucos deles estão registrados na Bíblia, mas não tenho dúvidas de que os rios de água viva fluíram de suas vidas para outras vidas. Não pense que você é muito jovem para ser cheio com o Espírito. Isso o salvará dos anos de vagueação pelo deserto de muitos cristãos mais velhos. Não diga que você é muito velho, que o domínio de hábitos pecaminosos é muito forte sobre você. Dê uma chance ao Espírito. Apenas admita que ser cheio com Ele é sua maior necessidade e submeta sua vida a Ele e Ele fará o resto.

Ruth Paxson nasceu em Manchester estado de Iowa nos Estados Unidos em 1876, e recebeu Jesus como seu Salvador pessoal quando era ainda uma criança. Formou-se na Universidade Estadual de Iowa, e freqüentou um ano o Instituto Bíblico Moody. Os anos seguintes, até 1911 trabalhou como secretária e secretária escolar da Associação Cristã de Mulheres Jovens (YWCA) em Iowa. Depois disto participou de viagens como secretária do Movimento Voluntário Estudantil. Em Fevereiro de 1911, a irmã Paxson navegou para a China como secretária pela Associação Cristã de Mulheres Jovens (YWCA). Mais tarde ela deixou aquele trabalho para se dedicar ao evangelismo e à conferência Bíblica de verão ensinando juntamente com os missionários na China. Tendo deixado a China por motivo de saúde, a Senhora Paxson foi para a Suíça; então se seguiu um período de estudos Bíblicos no continente Europeu e na Conferência Bíblica de Keswich na Inglaterra. Em 1928 a Moody Press de Chicago publicou a primeira edição da principal obra da Senhora Ruth Paxson, “Vida no Plano mais Alto” (Life on the Highest Plane). Através desta obra muitos em todas as partes do mundo têm sido ajudados no crescimento espiritual para o conhecimento de Jesus Cristo. Por quinze anos antes da II Guerra Mundial, a Senhora Paxson ministrou a Palavra de Deus em vários países. Em 1947, ela voou cruzando o Atlântico para ministrar a Palavra de Deus na Europa e em Keswick. A Senhora Paxson foi chamada para estar com o Senhor em Outubro de 1949 aos 73 anos de idade.

